

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

AMANDA CAROLINA CLAUDINO PEREIRA

Construção Narrativa do Self por usuários de crack em tratamento

Recife

2014

AMANDA CAROLINA CLAUDINO PEREIRA

Construção Narrativa do Self por usuários de crack em tratamento

Dissertação apresentada à Pós-Graduação de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Dra. Luciane De Conti.

**RECIFE
2014**

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

P436c Pereira, Amanda Carolina Claudino.

Construção narrativa do self por usuários de crack em tratamento /
Amanda Carolina Claudino Pereira. – Recife: O autor, 2014.
127 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Luciane De Conti.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2014.
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Drogas - Abuso. 3. Crack (Droga). 4.
Narrativa (Retórica). 5. Self (Psicologia). I. De Conti, Luciane
(Orientadora). II. Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2014-117)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Carolina Claudino Pereira

Construção Narrativa do Self por usuários de crack em tratamento

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia
Cognitiva

Aprovado em: 25 de fevereiro de 2015

Banca Examinadora

Dr.(a) Luciane De Conti
Instituição: U. F. PE

Assinatura: _____

Dr.(a) Ana Lúcia Francisco
Instituição: UNICAP

Assinatura: _____

Dr.(a) Ana Karina Moutinho Lima
Instituição: U. F. PE

Assinatura: _____

- Álvaro de Campos (1926) -

AGRADECIMENTOS

Gostaria de oferecer o primeiro e principal agradecimento a Deus pelo dom da vida, por minha saúde e competências cognitivas que permitiram que eu pudesse realizar minhas escolhas com clareza, lutar por elas e alcançar meus objetivos.

A todos os participantes da pesquisa, representados aqui por Falcão e Precioso, que colaboraram de boa vontade e abriram o coração para compartilhar suas experiências na esperança de colaborar na luta contra o crack.

À minha orientadora Luciane De Conti, por toda a sua dedicação e apoio durante o processo de definição do tema de pesquisa e orientação em todo o processo. Foi uma experiência engrandecedora, que remodelou minha visão do que é ser um pesquisador e também do processo de orientação. E principalmente por me apresentar de maneira tão simples e clara ao mundo das narrativas, que para mim era uma novidade e que direcionou todo o meu trabalho no mestrado.

À gerente administrativa do CAPSad que me acolheu com tanto empenho e por toda a equipe de funcionários que possibilitaram a coleta de dados.

Aos professores da Pós-Graduação Alina, Bruno, Luciane, Luciano, Maninha, Maurício, Roazzi, Sandra e Selma, que nos deram o seu melhor em cada aula ministrada, assim como a todos os colegas de classe que contribuíram imensamente para enriquecer os dias letivos com suas experiências e argumentos.

Aos “Cachaceiros Cognitivos” Gabriel, Hugo, Larissa, Rafael, Raissa e Silvinha, que me salvaram de ser uma mestrandona estressada e comprovaram que a diversão é tão importante quanto trabalho duro.

Às amiga Anna Katarina e Denise, que tornaram a caminhada mais leve através do apoio acadêmico e emocional, pelos momentos de descontração e pelo imenso carinho que é recíproco.

Aos colegas Edigleisson, Fabiane, Flávia, Júlia, Karina, Natália, Márcia, Raquel e Winston que acompanharam minha evolução junto ao grupo de narrativas, uns mais que outros, porém com todos eu pude aprender que o trabalho em grupo é uma grande troca em que todos ganham.

Ao colega Ananias, quem incentivou a ingressar no mestrado e que também me deu um empurrãozinho para concluir a graduação. Acho que devo a ele dois diplomas.

Aos meus pais pelo amor, carinho e dedicação durante toda a minha vida, bem como pela grande lição de que apenas através da humildade e do conhecimento podemos nos tornar pessoas melhores e quem sabe um dia, deixar bons frutos neste mundo.

À minhas avós Celly e Lecy, por serem belos exemplos de vida e por me incentivarem a estudar e buscar o meu melhor.

Ao meu avô Manoel, que me ensinou que o amor não necessita de palavras, pois pode se apresentar silenciosamente em pequenos gestos.

Aos meus tios e primos, que são antes de tudo meus amigos.

Aos meus irmãos Aracelly, Iury, Arthur, Avner, Ítalo, Ieda, Allan, Emanuel e Iago, que são amigos e inspiração na minha vida.

Aos irmãos do coração Danilo Brito e Erica Oliveira, que enxergam sempre o melhor em mim, me apoiam nos momentos difíceis e fiéis companheiros dos momentos alegres.

À FACEPE pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou a realização desta pesquisa.

RESUMO

PEREIRA, A. Construção Narrativa do Self por usuários de crack em tratamento.

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.

O uso abusivo de drogas vem preocupando a sociedade ocidental há muito tempo, no entanto, existem diversas modalidades de uso, que vão do chamado uso recreativo à dependência. Em relação a esta última, o uso do crack tem chamado bastante atenção nos últimos anos, levando o governo federal a estabelecer em 2010 o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas. A dependência é uma modalidade de uso que sobressai à própria vontade do sujeito, modificando o seu comportamento e a maneira de relacionar-se com seus pares. Neste sentido, a mudança no comportamento com o outro, o abandono de vínculos antigos ou a aquisição de novos vínculos podem levar à reconfiguração do self do sujeito. A partir dessas ideias é que este estudo teve por objetivo investigar a continuidade/descontinuidade do self e suas implicações para a compreensão da permanência em (e ruptura com) o uso abusivo do crack pelo usuário. Para atingir esse objetivo, foram realizadas entrevistas com usuários de um CAPSad diagnosticados pela instituição com dependência de crack. A coleta se deu através de Entrevista Narrativa, partindo da frase geradora: *Conte-me sobre a sua vida*. Realizou-se a análise de dois estudos de caso, cujas narrativas foram delimitadas estruturalmente a partir da teoria de Labov, tendo seus conteúdos indexados e não indexados analisados de acordo com a proposta de Schutze. Os resultados do estudo apontam que o self foi constituído narrativamente pelos sujeitos de pesquisa de acordo com a fase do tratamento em que cada um deles se encontrava. A análise das narrativas demonstrou que houve algumas semelhanças nos atores e nas vozes utilizadas para compor o self destes participantes: 1) Os atores *usuário do CAPS, pertencente a uma família, filho e amigável* foram utilizados por ambos para encenar os eventos; 2) As vozes *trabalhador, usuário de crack, em tratamento, homem de família e ex-usuário de crack* constituíram os autores das narrativas; e 3) Ambos os participantes se utilizaram da metáfora da personificação para falar sobre o crack. Porém, também se evidenciou diferenças na configuração do self de cada participante: a voz que desestrutura o self predominante de um, é parte constituinte do self predominante do outro. Isso põe em foco a maneira como cada um dos autores comprehende situações aparentemente semelhantes, tecendo um self predominante diferenciado.

Palavras chave: Narrativa, Self Dialógico, Usuários de crack, Saúde Coletiva.

ABSTRACT

PEREIRA, A. Narrative Construction of the Self for crack users in treatment. Dissertation, Pos Graduate Program in Cognitive Psychology, Federal University of Pernambuco, Recife.

The abusive drug use is worrying Western society since long ago, however, there are several modalities of using, since the called recreational use to addiction. Regarding this latter, the use of crack has called considerable attention in recent years, prompting the federal government to establish in 2010 the Integrated Plan to Combat Crack and Other Drugs. The addiction is an use modality that stands out the subject very will, modifying its behavior and how to relate to its fellows. In this sense, the changing in behavior with others, abandoning old bonds or the purchase of new bonds can lead to subject self reconfiguration. As from these ideas, this study aimed to investigate the self continuity/discontinuity self and its implications to understanding of permanence in (and departure from) the abusive use of the crack user. To achieve this goal, interviews with users of a CAPSad diagnosed by the institution for crack dependence were performed. The collection was by interview narrative, from the generating phrase: *Tell me about your life*. Two case studies were conducted, whose narratives were structurally bounded from Labov's theory, with indexed and unindexed content analyzed according to Schutze's proposition. The study results indicate that subjects' research self narratively constituted is related to treatment's phase each of them was. The narratives analysis showed that there were some similarities in actors and voices used to compose these participants' self: 1) The *CAPS users* actors, the *family belonger*, the *child* and the *friendly* have been used by both to stage events; 2) The *worker* voices, the *crack user in treatment*, the *family man* and *ex-crack user* constituted narratives authors; and 3) Both participants used the personification metaphor to talk about crack. But they showed differences in each participant's self configuration: the predominant self deconstructive voice to one, is a constituent part of predominant self to another. This brings focus to each author comprises seemingly similar situations, weaving a different dominant self.

Keywords : Narrative, Dialogical Self, crack users, Public Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Relações de posse, mins e eus de Falcão	65
Quadro 2. Relações de posse, mins e eus de Precioso	81
Fluxograma 1. Construção/interrupção da voz do ex-usuário	68
Fluxograma 2. A formação da voz do cuidador	84

SUMÁRIO

Capítulo I – INTRODUÇÃO

1. Apresentação do Problema	10
2. Direcionamento da pesquisa	16
3. Fundamentação teórica	20
3.1. Desvendando a narrativa	20
3.2. O self e a dialogicidade do sujeito	27

Capítulo II – MÉTODO

1. Delineamento do estudo	35
2. Participantes da pesquisa	36
3. Procedimentos de coleta dos dados	37
4. Procedimentos da análise de dados	39
4.1. O que se considera como texto narrativo	40
4.2. Análise de textos indexados e não indexados	40

Capítulo III – A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Apresentação do contexto da pesquisa	43
2. Caso Falcão	45
2.1. Análise das narrativas de Falcão	46
2.2. Documentando a história oral de Falcão	64
3. Caso Precioso	70
3.1. Análise das narrativas de Precioso	71
3.2. As preciosidades narrativas	81

Capítulo IV – CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS	98
--------------------	----

ANEXOS:

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, Dirigido aos usuários de serviços do CAPSad (sujeitos da pesquisa)	107
ANEXO 2 – Questionário Sociodemográfico	109
ANEXO 3 – Narrativa de Falcão	110
ANEXO 4 – Narrativa de Precioso	119

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do problema: Compreendendo o uso abusivo

O uso abusivo de drogas tem crescido cada vez mais no Brasil e vem inquietando a sociedade e o governo, sendo considerado um problema de saúde pública (Pratta & Santos, 2009). Para termos uma ideia de como o uso de drogas vem preocupando a nossa sociedade, alguns dados epidemiológicos serão expostos a seguir.

No estudo comparativo entre 2001 e 2005, realizado no II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil 2005 (CEBRID, 2006), em 108 cidades do país com mais de 200 mil habitantes, houve um aumento de 19,4% para 22,8% de entrevistados que declararam já ter usado alguma droga (exceto álcool e tabaco) na vida. O mesmo levantamento não encontrou aumentos estatisticamente relevantes entre 2001 e 2005 para os que declararam dependência química, mas houve uma pequena redução do número de pessoas que declararam ter procurado tratamento, o que sugere uma maior aceitação dos riscos do uso abusivo de substâncias.

Também segundo as respostas dos entrevistados no Levantamento de 2005, seria muito fácil obter maconha, cocaína, crack, LSD-25, heroína, solventes, benzodiazepínicos, anfetamínicos, anticolinérgicos e esteróides anabolizantes, caso desejassem. Ainda mais surpreendente é a quantidade de pessoas que afirmam ter visto na vizinhança pessoas frequentemente alcoolizadas ou sob efeito de drogas nos últimos 30 dias, representando 64% e 36,9% respectivamente. Estes dados nos mostram como a população brasileira vem sendo constantemente exposta ao contato com as drogas, mesmo que indiretamente, através dos usuários ou ainda daqueles que comercializam o produto.

E é por isso que o uso abusivo de drogas é uma temática explorada amplamente na literatura científica em diversos âmbitos: religioso (Sanchez et al, 2004; Santos et al, 2006; Sanchez & Nappo, 2007), familiar (Schenker & Minayo, 2003; 2004; Schenker, 2005; Guimarães, 2008; Vargens et al, 2009; Bernardy & Oliveira, 2010), representação social para o usuário e seus familiares (Campos, 2004; Santos & Velôso, 2007), a qualidade dos vínculos representativos (Souza & Kantorski, 2009), os sentidos produzidos pelos usuários a respeito do uso de drogas (Crives & Dimenstein, 2003; Silva, 2009), as razões para o uso de drogas ilícitas (Schenker & Minayo, 2005; Lima et al, 2008; Dietz et al, 2011), os motivos para o não uso de drogas ilícitas (Sanchez et al, 2005; Schenker & Minayo, 2005), as significações dadas pelas publicações relacionadas à prevenção ao uso de droga (Marinho, 2005), o uso associado

ao aumento da violência (Almeida et al, 2008; Pereira & Sudbrack, 2008; Silva et al, 2010), o uso abusivo entre estudantes (Fontes, 2003; Chiapetti & Serbena, 2007; Tockus & Gonçalves, 2008), oficinas terapêuticas (Ferreira de Lima, 2008), processos de ressocialização (Possa e Durman, 2005), adesão ao tratamento (Peixoto et al, 2010), entre outros.

Ao se tratar do uso de drogas, encontramos termos utilizados como dependência química, drogadição, toxicomania e uso abusivo sendo utilizados como sinônimos. Mas apesar de tomarem como partida o mesmo fenômeno/problema, esses termos podem não ter o mesmo significado na literatura científica, podendo tratar de assuntos diversos.

Segundo o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2006), a dependência química pode ser caracterizada como um impulso que leva a pessoa a usar uma droga de forma contínua ou periódica para obter prazer sem conseguir controlar o consumo. A droga neste caso é vista de maneira mais geral, enquadrando os diversos tipos existentes. Já em outros casos pode ter uma definição mais específica, excetuando os usos religiosos ou ritualísticos e enfatizando o ônus ocasionado a saúde do sujeito (Casagrande, 2010).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V, 2013) traz o termo “transtorno de uso de substâncias” como substitutivo ao termo dependência e aponta como característica essencial “a presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando que um indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela”. Os conceitos são bem parecidos, no entanto, dentro do contexto médico busca-se por sintomas que a caracterizem, tornando-a tangível, de certa forma, e passível de cura.

Genericamente se observa como critérios para estabelecer se o indivíduo é ou não dependente: o surgimento da tolerância ao uso de drogas, sinais de abstinência (síndrome de abstinência ou uso da substância para evitar os sintomas da abstinência) e comportamento compulsivo de consumo (quando o consumo é maior que o pretendido inicialmente; já se tentou parar ou diminuir o uso; se dispõe muito tempo na obtenção, uso e recuperação de seus efeitos; todas as suas atividades giram em torno do uso da substância; continuação do uso sabendo de sua contribuição para um problema psicológico ou físico).

Na Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, encontra-se uma definição para a Síndrome de Dependência da seguinte maneira:

Conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após repetido consumo de uma substância psicoativa, tipicamente associado ao desejo poderoso de tomar a droga, à dificuldade de controlar o consumo, à utilização persistente apesar das suas consequências nefastas, a uma

maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades e obrigações, a um aumento da tolerância pela droga e por vezes, a um estado de abstinência física (CID-10, 2008, F10-F19).

Entre esta definição e a anterior, é notória a relevância que se dá ao desejo do sujeito em consumir a substância mesmo que esta cause efeitos prejudiciais à sua saúde, vislumbrando uma falha na auto regulação dos desejos desse sujeito.

Outro termo correlato e recorrentemente associado ao uso de substâncias químicas é a toxicomania, que diz respeito à dificuldade de controlar o consumo, de qualquer produto que seja. Estudiosos baseados na psicanálise argumentam que é a relação que o sujeito desenvolve com este objeto, que neste caso é a droga, que vai determinar a toxicomania (Levinsky, 1998; Conte, 2002; Abade de Oliveira, 2003; Rêgo, 2009).

Estes termos foram identificados durante a revisão bibliográfica utilizando a busca por *abuso de drogas*. O termo *uso abusivo* pode estar relacionado a qualquer tipo de objeto ou conduta, sem estar diretamente ligado à drogadição, e para se caracterizar como tal, é necessário que se estabeleça um padrão de uso, e partindo dele será possível identificar os usos que estão além deste padrão (Bucher, 1992).

Matos (2011) defende que o homem faz uso de drogas há muito tempo, tanto na Grécia antiga dos filósofos quanto nas tribos primitivas. No entanto, o advento do discurso científico ao normatizar o uso de drogas através de regras e padrões, mudou a forma como o sujeito se relaciona com essas substâncias; se antes utilizavam substâncias psicoativas para rituais religiosos, agora fazem o uso delas pelo desejo de obter as sensações prazerosas que proporcionam. Matos (2011) se respalda em Gurfinkel (1995) para afirmar que o saber científico normatizador parte de um viés que marginaliza o usuário de drogas, já que este não se enquadra no normativo social. E mostra que este recorte parte do que pode ser observado e mensurado, deixando escapar o “paradoxo humano, a subjetividade e o desejo”, solucionando essa perda com uma análise do sujeito através da visão psicanalítica, que se presta a uma aproximação da singularidade humana. Assim, busca entender a droga com uma relação única para cada sujeito, pelo viés da significação, da história, do social e do cultural nos diferentes sentidos em que ela poderia se apresentar com este objeto.

Intitular um sujeito como dependente químico o aprisiona numa imagem que provoca sua impotência diante da droga e o desresponsabiliza pelo ato de drogar-se (Matos, 2011). Nestes termos, a toxicomania é vista como um sintoma, uma transgressão social, com origem atrelada ao campo simbólico do normativo social (regras, padrões e classificações), abordando-a como um transtorno da ordem das patologias, onde o narcisismo imposto pela

sociedade consumista em que vivemos impõe um constante estado de insatisfação que leva a uma busca desenfreada pelo prazer. A mesma lógica que é utilizada para os transtornos compulsivos é utilizada para a toxicomania, pois este sujeito está numa busca constante pelo prazer que as substâncias podem lhe oferecer (Maia, 2003; Santos & Costa-Rosa, 2007 como citado em Matos, 2011).

Para se ter uma ideia de como estes sujeitos estão sendo tratados no nosso país, Casagrande (2010) observou que os leitos dos institutos psiquiátricos no estado do Paraná, antes destinados a outras doenças, em 2010 eram maciçamente ocupados por dependentes químicos, indicando a configuração de um quadro de doença epidêmica vinculado ao uso de drogas na contemporaneidade.

No entanto, Medeiros (2005) alerta para a limitação que este discurso da doença e/ou infração da lei causa no sujeito, desestruturando-o psicologicamente e colocando a droga como ponto de encontro consigo mesmo, como uma forma de se inserir socialmente, ainda que de maneira autodestrutiva. E ao assumir que o uso de drogas tem seu significado em cada época e em cada sociedade, e que nas últimas décadas o uso de drogas traz consigo promessas de algo a mais para o sujeito que a consome (Bucher, 1992), é importante que busquemos desvelar essa relação que o sujeito tem com sua (ou suas) substância de abuso para compreendermos a significação que ela tem em sua vida.

Partindo do pressuposto de que os padrões de consumo e de dependência são interdependentes do contexto sociocultural, o abuso de drogas estaria então, inserido no contexto em que se dá este consumo (Pereira & Sudbrack, 2008). Em outras palavras, depende do sentido e da relação que o sujeito tem para com a droga (Fernandes, 1995 como citado em Fonte, 2003). Desta maneira, tratar da dependência é tratar dos significados que o sujeito dá à sua relação com a droga de abuso e com o ambiente de consumo também. Pois é neste meio, onde faz o uso de drogas, que o sujeito encontra um grupo de pares que também faz uso, e é ali que ele busca legitimação para a sua prática e para uma interação social (Simmel, 1989 como citado em Medeiros, 2005), encontrando um sentido para a sua vida. Nestas interações, entre ele, a substância e o meio social, o sujeito significa as suas ações, que segundo a autora, mesmo que relacionados a um comportamento avesso às regras sociais, “decorrem de um significado apreendido pelo sujeito enquanto ator social” (Medeiros, 2005, p.23). Ou seja, mesmo que de maneira prejudicial à sua saúde e muitas vezes contraventora das regras sociais, o sujeito busca nas drogas uma legitimação do seu eu, e é este eu do sujeito que nos dirá sobre a sua relação com a droga.

Muitos outros autores se utilizam da temática do uso abusivo de drogas e realizam estudos no intuito de desvelar alguns de seus mitos e mistérios. Dentre os temas trabalhados, destacam-se a preocupação com a organização de políticas públicas eficazes, trazendo a evolução destas no nosso país e a necessidade de mudanças que as adeque à realidade nas instituições de tratamento a usuários e dependentes (Crives & Dimenstein, 2003; Scileski & Maraschin, 2008; Raupp & Milnitsky-Sapiro, 2009) e a identificação de fatores de proteção e risco (Schenker & Minayo, 2003; 2004; Bahls & Ingbermann, 2005; Sanchez et al, 2005; Chiapetti & Serbena, 2007; Bernardy & Oliveira, 2010), visando a partir desta identificação propiciar a realização de trabalhos preventivos.

Também foi notória a atenção dada à problemática do uso de drogas por adolescentes e/ou jovens, dados os conflitos enfrentados nesta fase (Sanchez et al, 2004; Bahls & Ingbermann, 2005; Schenker & Minayo, 2005; Pereira & Sudbrack, 2008; Scileski & Maraschin, 2008; Nunes & Andrade, 2009; Raupp & Milnitsky-Sapiro, 2009; Scaduto & Barbiere, 2009; Bernardy & Oliveira, 2010; Silva et al, 2010).

Entre eles, encontramos importantes contribuições para os estudos do fenômeno da drogadição, assim como o trabalho de Santos e Costa-Rosa (2007), onde foi percebido que os períodos de paradas e voltas ao uso não são vistos pelos usuários como reincidências, pois o período de abstinência caracterizava um momento transitório de privação, não significando uma renúncia ao desejo da droga. Por isso, o retorno à instituição de tratamento não era entendido por eles como uma reincidência ao uso, pois se eles nunca se consideraram afastados dela, eles estariam em uso contínuo e não em retomada do uso (Santos & Costa-Rosa, 2007).

Já Pereira e Sudbrack (2008) propuseram que cada adolescente reage de maneira diferente a situações semelhantes, não havendo fatores considerados como determinantes para relacionar os fenômenos da drogadição com o ato infracional, exigindo assim que nos afastemos de visões estigmatizantes e que compreendamos essa relação na perspectiva da complexidade (Morin, 1996; 2001).

Dentre as referências obtidas, foi percebida na maior parte delas que a perspectiva institucional e dos técnicos de saúde envolvidos é privilegiada, e que poucos estudos trazem o discurso do sujeito e daqueles entes mais próximos que participam de seu sofrimento. Neves e Miasso (2010, p.591) dizem ainda que “considerando a complexidade dos fatores envolvidos no uso e abuso das drogas ilícitas, faz-se importante sua compreensão a partir das diversas relações singulares que os indivíduos estabelecem com a substância, ao longo da vida”. Deste modo, é vislumbrada a necessidade de privilegiar a perspectiva destes sujeitos em sofrimento,

tanto por sua parca utilização na literatura, quanto pelo interesse na singularidade de sua relação com a droga de abuso. Nessa direção, os textos de Suárez e Galera (2004), Bahls e Ingbermann (2005), Nunes e Andrade (2009) e de Neves e Miasso (2010), também trazem a perspectiva do usuário de drogas como objeto de análise, onde a busca por significados no discurso do sujeito se aproxima do interesse do presente estudo. Dietz e colaboradores (2001) e Lima e colaboradores (2008) realizaram estudo semelhante na tentativa de entender os fatores que levam o sujeito ao uso de drogas.

Como visto, alguns artigos apontam a relação do sujeito com a sociedade e principalmente com a família como fatores que influenciam positivamente ou negativamente na introdução e manutenção do consumo de drogas. Compreender o uso abusivo pelo viés do próprio usuário ajuda a desmitificar alguns fenômenos relacionados ao uso, como exemplo, no estudo com reincidentes de Santos e Costa-Rosa (2007) o qual demonstrou que o período de abstinência não era considerado pelos usuários como um rompimento com a droga de abuso. A relação que se estabelece com a droga também é apontada como um viés de compreensão do consumo, pois foi demonstrado que esta relação está ligada ao contexto em que esse consumo se dá, ou seja, aos significados atribuídos a este consumo. O que há de novo na proposta trazida no presente estudo, é que buscarmos identificar qual(is) a(s) posição(ões) (pode ser uma ou mais) que este sujeito assume na relação com a droga e as implicações que esta(s) posição(ões) traz(em) para si.

Segundo o entendimento de posições que este sujeito pode assumir através das posições do *eu* descritas por Hermans, o *eu* seria constituído pelas suas relações dialógicas de pertencimento com o outro, que podem ser com coisas ou com pessoas. Identificar a posição discursiva em que o sujeito se coloca, parafraseando Belzen (2009), permite empiricamente detectar se, porque e em que medida um ou vários relacionamentos com significantes relacionados à dependência do crack constituem uma parte essencial na construção da narrativa de mundo de alguém; que lugar ocupam na organização mais geral do self; porque e quando tais posições do *eu* se desenvolverão e para onde se moverão. O self dialógico como ferramenta abre espaço para uma série de questionamentos que nos guiam a um entendimento do uso de crack e o contexto em que ele se dá, através dos relatos de vida do usuário.

Durante a leitura de trabalhos acerca da dependência química, percebemos que os estudos apontam que o usuário modifica o seu comportamento e o modo como lida com as relações sociais, muitas vezes comprometendo sua interação com a família, amigos e também com o ambiente de trabalho (Campos, 2004). Só para exemplificar, Schenker e Minayo (2004) dizem que, em geral os adictos e os usuários abusivos não mantêm uma família ou

nunca formaram uma, têm dificuldade em sustentar as estruturas familiares funcionando e que isso se deve a sua grande dificuldade na regulação das relações e dos afetos. Os especialistas costumam dizer que os adictos substituíram o relacionar-se com pessoas por um relacionar-se com a substância de abuso (Schenker & Minayo, 2004).

Em geral, o uso intensivo de drogas faz surgir novas marcas no corpo do sujeito como escarificações, cicatrizes e abscessos (Conte, 2002), apaga marcas antigas e inscrições significantes, fazendo com que o sujeito não mais reconheça a si mesmo e nem o próprio corpo. Assim ele se distancia de sua identidade, desfazendo laços afetivos não só com o outro, mas consigo mesmo. Desta forma, ocorre um afastamento dos seus vínculos representativos, como família, trabalho e outros círculos que o constituem como ser social.

A escolha do crack como droga de abuso a ser observada neste estudo se deu pelas suas características de ação na vida do usuário bem como pela emergência do Governo Federal na busca por pesquisas científicas que visassem compreender os transtornos causados pelo consumo. O crack se caracteriza por causar rápida dependência e por ser “estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC) que, quando fumada, atinge o cérebro em 5 a 10 segundos, provocando efeitos de intensa euforia, excitação, insônia, sensação de poder, além de causar desorientação, instabilidade emocional, mania de perseguição e fissura (Brasil, 2010b, p.4)”. Essa descrição dos efeitos crack ainda alerta acerca dos riscos de convulsão e morte por comprometimento das funções cerebrais para quem faz uso contínuo, além da vulnerabilidade a situações de risco, como relações sexuais desprotegidas e envolvimento com atos infracionais e violentos (Brasil, 2010).

O comprometimento de suas relações sociais e familiares também é relacionado ao uso do crack, o que leva a uma reflexão acerca da alteração do contexto social desses usuários, pois ao longo de sua vida o sujeito é engajado em práticas culturais variadas, que desde o seu nascimento vêm por constituir o seu Eu (self). Caso assumirmos a premissa de que o homem é um ser social que se constitui na relação com o outro; a maneira como ele se relaciona com seus pares, a inserção de novos e/ou afastamento de antigos vínculos irá reconfigurar o seu self. As modificações neste sujeito e o afastamento de seus afetos relatados nos estudos chamaram bastante atenção e encorajaram o inicio da pesquisa bibliográfica pela seguinte questão: O que resta a um sujeito que se afasta dos vínculos que o constituem como ser?

2. Direcionamento da pesquisa

A maneira como consideramos investigar a perspectiva dos usuários de crack neste estudo foi através da constituição narrativa do self, nas diversas maneiras com as quais ele

possa configurá-lo. A perspectiva do sujeito através das posições em que ele se coloca em um discurso, além de revelar como ele percebe a si mesmo, pode nos dar indicações dos possíveis efeitos que o relacionar-se com a droga acarreta em sua vida.

Conhecer os fatos a partir do lugar do usuário abre um vasto leque de possibilidades no que diz respeito às particularidades de sua relação com a droga que o olhar institucional, um olhar técnico, muitas vezes não consegue captar. Dentro da vasta possibilidade de conteúdos que podem emergir em sua narrativa, há também uma vastidão de caminhos que podem ser trilhados pelas interpretações do investigador. Dentro desta multiplicidade de caminhos é necessário escolher um que guiará a escuta. A partir das narrativas autobiográficas pudemos conhecer um pouco de suas características mais peculiares, seu *modus operandi*, seu ser com o outro, consigo e seu ponto de vista acerca do uso que faz ou fez do crack.

Diante disso, a autoimagem foi um verbete que inicialmente estimulou a busca pela relação que o sujeito tem com o outro e consigo mesmo, pois ela expressa a percepção que a pessoa tem de si, sendo definida em termos de uma constelação de pensamentos, sentimentos e ações acerca do relacionamento do indivíduo com outras pessoas, bem como acerca do eu como uma entidade distinta dos outros (Gouveia et al, 2002; Singelis, 1994). No entanto, buscava-se um construto teórico que englobasse os pensamentos, sentimentos e ações desse sujeito diante de seu relacionar-se com o outro, mas que também privilegiasse a sua fala, o seu ponto de vista acerca do tema tratado, suas impressões acerca do mundo em que vive, a sua realidade, de acordo com o que ele acha relevante.

Nesta direção, vislumbrou-se na noção de self um caminho para solucionar este impasse teórico. Para ter uma ideia introdutória de self, partimos de uma definição trazida por Valsiner (1989) onde o self é tido como o centro da personalidade de uma pessoa e produto das construções culturais. Ele buscou compreender como o self se entrelaça com as regras sociais prescritas e sugeridas pela cultura coletiva, ressaltando que devemos ver cultura de maneira mais ampla, além daquilo que concebemos em nossa realidade, pois devemos levar em consideração as peculiaridades de cada cultura.

Desta forma, Valsiner (1989) nos mostra o self como um sistema integrado da cultura pessoal de alguém que é formado de acordo com as sugestões sociais que este sujeito foi submetido idiossincraticamente, o que engloba a afetividade em conjunto com a racionalidade influenciando-se mutuamente.

Se o self é formado idiossincraticamente pelas sugestões sociais e está ligado aos afetos, então ele é dependente do contexto em que a pessoa está inserida, fazendo com que sua estrutura se enrede ao seu ambiente social ao longo do tempo. Dentro dos variados

ambientes sociais em que vive durante sua vida, o sujeito desempenha diferentes papéis que vão reorganizando a sua maneira de comunicação com o mundo. Ou seja, a relação entre self e sociedade se organiza através dos processos pelo qual o sujeito internaliza suas experiências sociais e externaliza as suas experiências psicológicas, sendo que estas ocorrem de forma inseparável. Assim, compreender o self de uma pessoa significa também compreender as trocas sociais e as experiências psicológicas que constituem e guiam seu funcionamento. Consequentemente, compreender o self é também compreender a influência que a cultura exerce sobre a pessoa, pois a cultura está diretamente ligada aos significados que regulam e constituem o sujeito e suas práticas.

Fazendo um passeio pela evolução histórica do consumo de drogas e sua relação com a cultura, Bucher (1992, p.27) constata que “consumir drogas corresponde a uma prática humana milenar e universal”. Para ele, não existe sociedade sem drogas de modo que o seu padrão de consumo pode ser considerado um importante revelador antropológico, pois, a partir daí, pode-se tirar conclusões sobre a organização, os sistemas, crenças, mitos, representações existenciais e até mesmo sobre a religião daquela sociedade que está sendo estudada. Passando pelas últimas décadas, Bucher mostra que nos anos sessenta o movimento hippie vislumbrou no consumo de drogas uma oportunidade de experimentar novas sensações e chegar a novas percepções do universo, da vida, e da interioridade humana.

Nos anos seguintes, a conjuntura socioeconômica ocidental baseada no consumismo implodiu o ideal de vida harmônica e prazerosa dos hippies, mas ficou com uma herança das promessas de algo mais que as drogas podem proporcionar: esquecimento da solidão, do sentimento de vazio, das recordações sombrias, a libertação da angústia, do sofrimento e da depressão (Bucher, 1992). Uma promessa que cumpre por um ínfimo período de tempo, mas que ainda assim seduz com a possibilidade de fuga dos problemas e de si mesmo.

Para o autor, o uso de drogas nos nossos dias representa uma incapacidade de perceber-se e situar-se como parte desta sociedade, dita repressiva e ejetora, onde o sujeito “afasta-se dos jogos do intercâmbio social, se subtrai às trocas existenciais com outros, sem que logre (se é que faz) em fazer da droga o pivô para uma ideologia nova” (Bucher, 1992, p. 29). Esse autor vê um novo padrão de uso, que não mais busca novas realidades através do uso de droga, mas a quebra dos vínculos com a realidade que tem que viver.

Tendo em vista que a vida do sujeito é afetada direta ou indiretamente pelo consumo de drogas, é de se esperar que estes novos padrões de uso e as expectativas do sujeito decorrentes desta nova realidade consequente do uso de drogas se sobressaiam em seu discurso enquanto este faz o esforço de narrar sua história de vida. Pois, para contar uma

história, é necessário que o sujeito construa simultaneamente o panorama da ação, argumentando sobre os fatos e trazendo nela seus agentes, intenções e instrumentos, e também o panorama da consciência, trazendo todos os elementos acerca do que pensam e sentem os envolvidos nas ações (Bruner, 1997a).

Adotando a perspectiva narrativista, a história de vida será tomada como um arcabouço de conteúdos cognitivos do narrador, pois segundo Bruner (1997a), a narrativa constitui um modo de pensamento em que podemos organizar a nossa experiência, construindo assim, a nossa realidade. Ele se utiliza de Paul Ricouer para afirmar que a narrativa se constrói sobre a preocupação com a condição humana que é cheia de intenções e possibilidades. Diante desta afirmação, é importante lembrar que há muito tempo o homem já conta histórias ou constrói narrativas, como os mitos, o folclore, contos de fadas, peças teatrais, romances, filmes e tantos outros formatos com o intuito de atribuir significado ao ambiente em que vive e até mesmo às suas vidas (Hermans, 2007).

Caso se utilize a narrativa como organizadora da experiência humana e como meio de construção da realidade, pode-se ter uma visão espaço-temporal de como a pessoa se identifica com sua história, como se deram os fatos marcantes de sua vida, como estes foram significados e como são representadas por ela. Para tanto, é importante conhecer o ambiente em que os fatos ocorreram, a cultura em que se constituiu, o papel que representa profissionalmente na sociedade, a configuração familiar entre outros aspectos. Conhecer o referencial de mundo do narrador permite entendermos os aspectos que ele utiliza e por que ele os utiliza ao construir narrativamente a sua história de vida.

Além do mais, existe a questão do tempo narrativo que é diferenciado, pois não é linear e sequenciado como o tempo cronológico. Ele se constitui com o intuito de desenvolver o enredo narrativo, sem compromisso com o tempo do relógio e por isso permite que o narrador eleja a ordem de relevância dos fatos e vá atribuindo significado aos episódios contados a partir da forma como a narrativa é estruturada e entendida por ele mesmo (Mishler, 2002).

Enquanto desenvolve a sua narrativa de vida, a pessoa mantém contato com a temporalidade inerente ao seu percurso de vida, trazendo a noção de passado, presente e perspectivas para o futuro, imprimindo a si mesmo uma identidade consequente de suas experiências e das mudanças que ocorreram nele durante o ciclo narrado (Oliveira, 2006). Essa visão espaço-temporal trazida numa narrativa tem a função de localizar narrador e ouvinte da história no contexto em que ela se situa.

Partindo dos aspectos funcionais de uma narrativa, este estudo busca conhecer a forma como o usuário de crack constrói uma representação do seu self enquanto narra a sua própria história, tendo o consumo de drogas como balizador, já que os participantes estão em processo de tratamento da dependência.

Adotando a noção de self dialógico, proposto por Hermans e baseando-se na pesquisa de Germano e Serpa (2008), temos como questão central como usuários de crack configuram suas narrativas autobiográficas compreendendo o que foram no passado, do que pensam ser no presente e do acreditam vir a ser no futuro.

Assim, o objetivo geral é investigar a continuidade/descontinuidade do self e suas implicações para a compreensão da permanência em (e ruptura com) do uso abusivo do crack pelo usuário.

Para isso, temos como objetivos específicos:

1. Quem são os atores dessas narrativas, que elementos narrativos os compõem e quais os *eus* que esses *mins* constituem.
2. Quais vozes compõem o *eu* do narrador, qual o *eu* predominante nas narrativas e se houve descontinuidade desse *eu*.
3. Assim, será possível delimitar como a experiência com o crack é configurada nas narrativas autobiográficas, criando diferentes atores e autores para a história narrada e elaborando argumentos para manutenção e/ou o afastamento do uso de crack.

Para uma melhor compreensão acerca dos conceitos abordados, os parágrafos seguintes discorrem sobre seus principais aspectos e a relevância deles para tal estudo.

3. Fundamentação teórica

3.1 Desvendando a narrativa

Existem inúmeras narrativas no mundo, em variados gêneros, distribuídas entre substâncias diferentes, por conta do particular interesse que o homem demonstra por este estilo literário (Barthes, 1973). Segundo o mesmo autor, podem-se produzir narrativas “pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (1973, p. 19). Dentre essas quase infinitas formas a narrativa se faz presente espacial e temporalmente em todas as sociedades, tendo sua origem na própria história da humanidade.

Labov e Waletzky (1967) em seu estudo com narrativas orais propõem que a narrativa seja qualquer sequência de proposições que contenha pelo menos um elemento temporal,

ainda que essa ideia de tempo surja da junção temporal entre as proposições. Desta maneira, eles delimitam uma sequência narrativa a partir do conceito de ordenação temporal que as proposições trazem entre si e também para o texto em geral. Essa temporalidade traz uma ideia de linearidade e sequência aos acontecimentos, mas nada têm a ver com o tempo cronológico, pois para eles, existem diversas barreiras para que o sujeito consiga narrar oralmente (e acrescentamos que até graficamente) os fatos na exata ordem cronológica em que eles ocorreram.

Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo e o sujeito não seria sequer capaz de percebê-las, muito menos de reproduzir discursivamente todas elas. Então, as histórias são contadas de uma maneira que traga sentido à narrativa geral, trazendo sequências que reconstruam passo a passo os eventos vivenciados pelo narrador. Ainda segundo os linguistas Labov e Waletzky (1967), a narrativa seria a recapitulação das experiências do narrador, que vai criando sequências verbais na mesma ordem em que os eventos aconteceram.

Numa descrição de como se dá a estrutura narrativa, desta vez voltada à narrativa oral, com a qual trabalhou em suas pesquisas, Labov (1972) atribuiu o valor de narrativa a qualquer sequência de proposições que contenham ao menos um elemento temporal nas análises das construções orais que eles recolheram para seu estudo. Eles propuseram que as narrativas possuem uma estruturação composta por seis secções:

O *resumo* que é definido como um sumário de toda a história, englobando a questão ou ideia central. Ele não vem com o intento de substituir a história e funciona como uma explanação acerca do tema dado, para que depois o narrador disserte sobre o tema com mais detalhes.

A *orientação*, como o termo já sugere, orienta o ouvinte em relação a pessoas, lugares, tempo e condições comportamentais. Geralmente ocorrem durante as primeiras orações narrativas, mas também podem ser estratégicamente distribuídas ao longo da grande narrativa. Sintaticamente essas questões ocorrem comumente no passado continuo. No entanto, nem toda narrativa tem secções de orientação e nem todas as secções de orientação cumprem com essas quatro funções, além de que, essas funções podem aparecer em outras posições da narrativa.

A *complicação* é uma sequência de eventos que demonstra uma problemática e que geralmente é terminada por um resultado.

A *avaliação* é a secção em que as experiências do narrador são evidenciadas, e suas atitudes com relação à narrativa revelam uma relativa importância de algumas unidades narrativas. Riessman (2008) diz ainda que a avaliação é momento em que o narrador comenta

os significados das orações e comunica suas emoções ao receptor, considerando esta seção a “alma” da narrativa. Ela tem a função básica de informar o ponto principal da narrativa, o motivo pelo qual as coisas foram ditas e o que o narrador pretende ao conta-las. Durante a avaliação, o narrador tece argumentos para justificar suas ações, o que pode ocorrer durante toda a narrativa, não apenas em um trecho específico. Por isso Labov demonstra um novo gráfico onde existe um ponto chave onde se iniciam ondas avaliativas que penetram por toda a narrativa. Em alguns casos tem também a função de diferenciar a oração de complicaçāo do seu resultado, pois enfatiza o momento em que a mesma atinge o ponto máximo.

A *resolução* é a proposição que soluciona o problema apresentado na complicaçāo. Como Labov e Waletzky (1967) argumentam que a proposição avaliativa diferencia a complicaçāo da resolução, então a sequência narrativa que viria logo após a avaliação seria a resolutiva. A não ser nos casos em que a proposição avaliativa seja a finalizadora, o que faz com que a resolução coincida com a avaliação.

Por fim, a *coda*, que funciona como um dispositivo para trazer a ação verbal de volta ao presente e a finaliza. Ela é um tipo de *oração livre* que aparece como uma das maneiras de informar que a narrativa chegou ao seu fim. Ela também pode trazer explanações gerais ou mostrar como a situação ou sequência de eventos afetou o narrador. Em geral, ela encerra a sequência de ações de complicaçāo e indicam que nenhum dos eventos que se seguiram foi importante para a narrativa, pois após a coda, as questões que podem vir a surgir não serão mais referentes à narrativa, mas referentes ao local onde a coda levou o ouvinte. No entanto, nem todas as narrações acabam na coda. Algumas finalizam na resolução, devido ao estilo narrativo ou falta de competência elaborativa do narrador.

Neste estudo em particular, a utilização da análise estrutural laboviana pareceu interessante em primeiro lugar devido às semelhanças entre o objeto de estudo dos pesquisadores e o objeto desta pesquisa, que nos levou inclusive a escolher a Entrevista Narrativa como método de coleta. Assim como nesta pesquisa, Labov e Waletzky (1967) tinham interesse em narrativas orais sobre experiência de vida de sujeitos que passaram por situação de risco. Além disso, as narrativas orais foram utilizadas para conhecer a realidade dos entrevistados, apesar de ser apenas uma ferramenta de apropriação dos dados e da ênfase do estudo ser linguística.

No entanto, Bruner apresenta a narrativa como um modo de funcionamento cognitivo passível de ordenar a experiência de vida do sujeito e construir a sua realidade, e diferentemente do modo lógico que busca mostrar a sua veracidade, ele busca estabelecer uma semelhança com a vida, representando significados acerca da ideia de mundo de quem a narra

(Bruner, 1997a). Essa forma de construção de realidade não precisa de provas formais de sua veracidade e seus argumentos residem na verossimilhança dos fatos que se propôs narrar.

O modo de pensamento narrativo é para o ser humano algo bem familiar, estimulado culturalmente desde a tenra idade nas contações de histórias e deste modo, um recurso recorrentemente utilizado ao longo de nossas vidas. Macedo & Sperb (2007) nos trazem que, em geral, somos ensinados a contar histórias desde muito pequenos, enquanto interagimos com os adultos e tentamos dar significados a nós mesmos e ao mundo através da linguagem. Assim como Bruner (1997b), que propôs que o homem ingressa no significado ainda muito jovem, aprendendo a produzir significados narrativos no mundo em que vive. Para ele, o significado é um fenômeno intermediado pela cultura e que depende de um sistema de símbolos compartilhados pré-existentes, que possam representar algo para o sujeito e para o seu ouvinte. Essa representação se dá através da linguagem e nas modalidades comunicativas a narrativa está entre as mais ubíquas e também uma das mais poderosas formas de discurso. Por isso, Bruner argumenta que o impulso para construir narrativa é o que determina a ordem de prioridade em que as formas gramaticais são dominadas pela criança. Bruner (1997b) reconhece ainda que temos uma predisposição inata para a construção de narrativas, que nos permite compreender e usá-las com facilidade, mas coloca na cultura o papel de nos fornecer as condições necessárias para que executemos esse tipo de organização de discurso, através de tradições de contar histórias e de interpretá-las.

Brockmeier e Harré (2003) demonstram que a narrativa pode vir a mediar, expressar e definir a cultura sendo também definida por ela, pois eles não concebem a narrativa isolada dos contextos de discurso em que ela é inserida pelas convenções culturais. Eles trazem a perspectiva narrativista como uma nova abordagem teórica, que pode vir a solucionar o problema do entendimento dos padrões dinâmicos do comportamento humano, por ser de uma estrutura aberta e flexível que permite avaliar aspectos dinâmicos da experiência humana, que possuem formas fluidas e variáveis.

Favoreto e Jr (2011) compreendem que a narrativa sustenta algumas relações causais entre os eventos, explora o caminho onde causa e efeito estão enredados e confusos com as variáveis do caráter humano, e desta maneira determina elos entre os fatos, trazendo coerência ao longo da construção narrativa.

O encadeamento narrativo constituirá o self do narrador na medida em que ele exponha suas ideias, inclinações, aspectos gerais do comportamento, participação no ambiente, maneira como esse ambiente o afeta e tantos outros fatores que digam de si que o auxiliarão a construir sua narrativa. É na intenção de que todos estes fatores sejam levados em

conta que a narrativa aparece aqui com importância fundamental, pois, além do que o sujeito possa vir a contar, construir uma narrativa vai trazer outros elementos que irão justificar a escolha dos termos que ele utilizou e também como os utilizou.

Então, estruturar narrativamente a sua história de vida faria com que o sujeito revisitasse os acontecimentos mais importantes de sua vida e elegesse uma ordem de prioridade dentre os fatos mais relevantes para conta-la. Hermans (2007) traz o conceito de valoração pessoal numa narrativa autobiográfica como construções subjetivas de experiências pessoais em determinado período de sua vida, pois diferentes valorações podem emergir de acordo com a referência que a pessoa está utilizando.

Desta forma teremos construções de realidade bastante diversificadas e carregadas de significados que podem vir através da visão do protagonista da história por múltiplas perspectivas e pelo desencadeamento de pressuposições (Bruner, 1997a). O modo narrativo nos fornece um panorama da ação e da consciência dos participantes da história simultaneamente, permitindo que sua realidade psicológica e cultural seja inserida no contexto. Ou seja, a construção de uma narrativa evoca a subjetividade do sujeito, que dentro da perspectiva sociocultural é entendida como:

Um sistema em desenvolvimento, no qual as novas produções de sentidos constituídos nas atividades do sujeito influenciaram o sistema de configurações da personalidade, não de modo imediato, mas de modo mediato nos processos de reconfiguração que acompanham a constante processualidade dos diferentes sistemas de atividades e relações do sujeito. (González Rey, 2005, p.35)

Sendo então a subjetividade um sistema inacabado e em contínuo processo de reconstrução a partir das novas atividades e relações do sujeito que influencia diretamente a construção de sentidos. Ainda segundo González Rey (2005), a produção de sentidos subjetivos do indivíduo se caracteriza por toda a carga de experiência que ele trouxe de diferentes momentos de suas vidas, nas variadas atividades em que participa ou participou, de modo que não é algo determinado a priori, pois a cada nova experiência essas configurações são modificadas. Então o autor conclui que o próprio sujeito existe “na tensão da ruptura e na criação que supõe a produção de novos sentidos subjetivos nos espaços já constituídos subjetivamente, os quais se integram como elementos de sentido das representações atuais dominantes do sujeito” (p.35), ou seja, o sujeito existe na sua própria produção de sentido.

Para a investigação psicológica, a subjetividade traz como grande contribuição uma visão mais ampla de sujeito e de seus processos de significação, onde o fenômeno psíquico se constitui nos espaços sociais e seus registros simbólicos se integram com as emoções formando o que González Rey chamou de sentido subjetivo. E como resultado de todo o

processo de construção de significado, Vieira (2012) identificou que o que a Psicologia chama de si mesmo ou self não trata de significados estáticos, mas de significados construídos na interação com o outro, definidos tanto em termos pessoais como coletivos de maneira idiossincrática, assim como delineou Hermans.

Para usarmos o modo de pensamento narrativo é preciso adotar a narrativa como organizadora da experiência humana e como um meio de construção de realidades, dando atenção especial em como o homem constrói significados para a sua realidade, assim como Bruner apontou. Desviando nosso olhar de uma visão simplória em que a narrativa pode ser concebida como um produto ou uma mera história a ser analisada, nos voltaremos a ela como uma possibilidade de interpretar um fenômeno na forma como ele é construído dentro do contexto de vida do sujeito que a narra.

E é no contexto de como o sujeito significa a sua experiência, organizando os episódios, as ações e os relatos de suas ações com a possibilidade de transmitir-nos os seus sentimentos e suas memórias, assim como Hermans (2007) localizou a narrativa na visão de Sarbin, que se pretendeu encontrar representações do self no discurso daquele que narrou a sua história para a presente pesquisa.

Na intenção de justificar as perdas e ganhos que se pode ter ao utilizar o modo narrativo de interpretar a realidade, Bruner (2001) discorre sobre as nove maneiras pelo qual a narrativa dá forma à realidade que ela cria e o faz sem definir diferenciação sobre o que é o pensamento narrativo e o discurso narrativo por entender que um dá forma ao outro. Ele demonstrou nestes tópicos que a narrativa trata de particularidades interpretadas através do gênero narrativo que a configura e que os gêneros são formas especializadas da cultura vislumbrar a condição humana e comunicá-la; que as ações narrativas provêm de estados intencionais; que elas têm uma composição hermenêutica, fazendo com que as partes comuniquem a totalidade da história; que têm uma canonicidade implícita para que possa ser rompida; que tem ambiguidade de referência, pois está sempre aberta a questionamentos; ele viu que as narrativas giram em torno de normas violadas, colocando um problema em seu centro; considerou que pode haver diversas interpretações de uma narrativa, havendo assim uma negociabilidade inerente a ela e que há uma extensibilidade histórica, pois a narrativa pode ser expandida.

Porém, inicia a enumeração delas a partir do tempo, que deixamos a parte para dar ênfase ao seu sentido narrativo por acreditar que este seja um ponto crucial para a discussão acerca da construção narrativa do self. Para Bruner (2001), o tempo de uma narrativa não é

mensurado da mesma forma como o é o tempo do relógio, mas sim a partir do desenrolar de eventos cruciais que determinam começo, meio e fim a uma história.

Este tempo é marcado pelo que é relevante ao narrador ou ao protagonista da narrativa, ou ainda a ambos, trazendo um significado que é dado a partir dos significados que são imputados aos eventos contados. Bruner diz ainda que “o que está por trás de nossa compreensão da narrativa é um modelo ‘mental’ de sua temporalidade” (p 129), desta forma ele expõe que existem várias maneiras de expressar temporalidade sem que seja necessário apegar-se a sequencialidade dos fatos. Pois para ele o tempo narrativo não é linear e sequenciado como o tempo cronológico, é um tempo que se constitui com o intuito de desenvolver o enredo da narrativa (Bruner, 2001).

O que parece relevante a ele é a subjetividade com que imprimimos temporalidade numa narrativa, e como esta está diretamente ligada ao significado que damos aos eventos que narramos. Desta maneira, o narrador acaba por revisitá-los, interpretando-os com outro olhar, pois quando ele precisa avaliar quais dos acontecimentos de sua vida são mais relevantes, é preciso reavaliar e comparar as situações para poder determinar quais são mais importantes para a construção (Bruner, 2001).

Mishler (2002) se utiliza do termo “mão dupla do tempo” para explanar sobre este movimento em que revisitamos o passado dando a ele um novo significado e ainda ressaltou que em estudos em que a identidade é representada em narrativas pessoais precisamos “estar especialmente atentos às funções psicológicas, culturais e sociais de como uma história é contada e às funções dos contextos específicos nos quais a história é contada” (p 106). A atenção deve residir nas razões do narrador para organizar a sua narrativa daquela maneira em específico em detrimento de outras, pois é ali que o sujeito imprime a sua subjetividade, é quando ele coloca a sua intencionalidade.

O fato que é importante explicitar diante da relevância do tempo narrativo para a construção narrativa do self é que este tipo de dimensionamento do tempo permite uma elaboração mais sofisticada dos arranjos relacionais do sujeito, pois permite que através de uma construção realizada desta maneira ele perasse por instâncias diversas do tempo. No mesmo momento em que ele discorre sobre eventos passados que se conectam com a maneira como se relaciona com o outro ele também permeia a forma como esse passado constituiu o seu presente e consequentemente o seu modo de ser atual. Ele também pode visitar as intenções para o futuro, para guiar os seus atos no presente e/ou justificar ações passadas.

Esta movimentação que o sujeito faz dentro de seu próprio discurso não fica exclusiva à questão da temporalidade, pois de acordo com Hermans, ela é espacial também, fazendo com que o sujeito assuma diversas posições no seu discurso. Evocando este posicionamento

do self dentro do seu discurso narrativo o narrador nos permite buscar compreender estas diversas posições (*eu* e *mim*) e a maneira como elas se constituem numa narrativa de vida. Assim como também buscamos evidenciar diferenças entre as posições (*eus* e *mins*) que este sujeito apresente durante o passeio que faz através da passagem de tempo relatada.

3.2 O self e a dialogicidade do sujeito

Em 1989 Valsiner definiu o self como o centro da personalidade, sendo esta um produto das construções culturais do sujeito. Com a ajuda da Psicologia Cultural contemporânea, Valsiner e Han (2008) buscaram definir a cultura de uma maneira que pudesse ser utilizada tanto para o mundo ocidental, como para os não ocidentais e acabam trazendo-a como um princípio organizador de cada mente humana, que age em todo o lugar e a todo o momento. No entanto, seu funcionamento raramente é notado, pois não estamos atentos aos aspectos básicos da vida (Valsiner & Han, 2008).

Eles afirmam ainda que a cultura é universal e organizada simbolicamente, através dos valores e significados que imprimimos às pessoas, às relações e aos materiais da existência humana, sendo, portanto, inerente à espécie humana (Sahlins, 2000 como citado em Valsiner & Han, 2008). Para além das diferenças entre as sociedades, eles atentam para a universalidade do processo de criação de significados e no uso destes no processo de autorregulação do sujeito como uma ferramenta de visualização cultural. Assim, a cultura e sua direta relação com a sociedade na qual o sujeito está inserido também se tornam elementos que influenciam na configuração do seu self. As suas regras de convivência e expectativas, bem como os costumes culturais também farão parte deste sujeito, mas é preciso explanar um pouco a maneira como isso se dá.

A relação entre self e sociedade se organiza através da constante dinâmica em que o sujeito internaliza suas experiências sociais e externaliza as suas experiências psicológicas: na medida em que o sujeito vai desempenhando seus diversos papéis sociais, ele vai estabelecendo novas organizações interpessoais que serão externalizadas em suas futuras ações dentro de seu contexto social (Valsiner, 1989).

Esse processos de internalização e externalização são paralelos e inseparáveis, de modo que através da observação dos relacionamentos pessoais de um sujeito podemos traçar o caminho pelo qual a cultura coletiva foi internalizada por ele e através de suas convicções e crenças pode-se compreender como este externaliza suas experiências psicológicas (Valsiner, 1989).

Para Sato e Fukuda (2010) a personalidade e o curso de vida de uma pessoa são imbuídos de variabilidade e dinamicidade, e é preciso considerar a noção de tempo quando se quer estudar o curso de vida. Para as autoras, representações focadas em estruturas estáveis não se adequam ao estudo desses fenômenos. Por isso, trazem em Callero (2003) a preocupação com a equívoca possibilidade de se congelar o self em torno de um conjunto relativamente estável de significados culturais, já que ele é socialmente construído e que esses significados não podem ser concebidos como permanentes ou imutáveis.

Tuli e Chaudary (2010) afirmam que o desenvolvimento do self é descrito no contexto cultural do sujeito e que tradicionalmente é abordado com uma visão de dois polos: coletivista ou individualista, relacionado ou separado, dependente ou independente. Desta forma, o relacionamento interpessoal proveniente das experiências da infância levaria o sujeito da dependência à independência. As autoras dizem ainda que dependendo da orientação predominante em sua cultura, durante o processo de socialização a criança seria criada para ser autossuficiente e autônoma, como em sociedades ocidentais, ou dependente e heterônoma, como em sociedades tradicionais (Tuli & Chaudhary, 2010).

No entanto, Tuli e Chaudhary, assim como Valsiner e Han (2008) consideram esses contrastes de sociedades inadequados, pois estas, bem como outras dicotomias são falhas em explicar aquilo que está fora do alcance de seus padrões. Elas questionam essa polaridade e em seu estudo (Kagitçibasi, 2003; 2005 como citado em Tuli & Chaudhary, 2010) comprovam uma configuração de self fora desta dicotomia, o que também demonstra que mudanças no contexto cultural configuram novas modalidades de self.

Para conciliar estas divergências e conceber o self de maneira que também se possa considerar a cultura do sujeito sem ter que fazer juízo de valor sobre determinadas sociedades, a conceituação de Hermans surgiu como uma possibilidade teórica mais adequada por permitir tratar de self e cultura de maneira ampla, porém focado na subjetividade de cada sujeito (Valsiner & Han, 2008).

Assim, Hermans (2001) concebe a relação entre self e cultura dentro da multiplicidade de posições que a relação dialógica entre eles pode desenvolver. Em seu estudo, ele busca mostrar o self como incluído culturalmente e a cultura como incluída através do self. Hermans propõe uma fundamentação teórica e metodológica que permita o estudo do self e da cultura, concebendo-os em termos de uma multiplicidade de posições com mútuas relações dialógicas. Desta forma, ele os estuda como uma composição de partes e busca a contribuição de várias disciplinas e subdisciplinas para tecer uma compreensão da relação entre cultura e self, tais como a filosofia, sociologia, antropologia cultural, linguística, neurociência e as psicologias

clínica, social, da personalidade e do desenvolvimento. Ele se inspirou no pragmatismo de James e no dialogismo de Bakhtin, colocando o self dialógico como um termo composto na intersecção entre os dois.

Começando pela conceituação de Wiliam James (1890) sobre o self, Hermans (2001) demonstrou particular interesse em sua distinção entre o *eu* e o *mim*. Para explicar como o *eu* e o *mim* se constituem, James dividiu o self em quatro partes: 1) self material, que comprehende desde o corpo do sujeito até as suas propriedades privadas (seus pertences materiais); 2) self social, proveniente da imagem que outras pessoas constroem com relação a este sujeito (aquilo que acham que o sujeito é); 3) self espiritual, constituído pelas capacidades psíquicas do sujeito e 4) o ego puro, que dá ao sujeito a ideia de que ele permanece o mesmo e é de onde provém o senso de continuidade da sua experiência consciente (Santos e Gomes, 2010). O *mim* se constitui pelas três primeiras partes, que representam o que é conhecido pelo sujeito e o ego puro constitui o *eu*, sendo assim aquele que conhece ou o condecorado.

Para James o *eu* tem três características: clareza, continuidade e vontade. A clareza se expressa na diferenciação do que é e do que não é seu, na sua individualidade. A continuidade se caracterizaria por um senso de identidade pessoal, um sentido de inalterabilidade através do tempo; o sentimento de distinção dos outros ou individualidade como decorrente da natureza subjetiva do *self condecorado*. O sentimento de vontade pessoal se refletiria na contínua apropriação e rejeição de pensamentos pelo qual o *self condecorado* revela-se como um processador ativo de experiência.

Já o *mim* seria composto de elementos empíricos considerados como pertencentes ao sujeito: meus pertences, minhas coisas. Para Hermans, James (1890, como citado em Hermans, 2001) estava ciente de que há uma transição gradual entre o *mim* e os *meus/minhas*. Ele concluiu que o self empírico é composto de tudo o que a pessoa possa chamar de seu ou sua, desta forma, pessoas e coisas no ambiente também pertencem ao self na medida em que são sentidas como pertencentes ao interlocutor.

Assim ele estendeu o self para o ambiente, colocando o outro como parte do self deste interlocutor, já que o outro que participa da conversação também o compõe. Hermans vislumbrou no self estendido a pavimentação do caminho para o desenvolvimento de teorias posteriores. Nestas outras teorias, os contrastes, oposições e negações gerados pelo próprio narrador são parte de um self distribuído em diversas vozes, um self polifônico.

Nesta conceituação de self é vislumbrado o prenúncio de diversas características pertencentes ao *mim* que compõem o sujeito. Hermans (2001) as viu mais explicitamente

elaboradas pela metáfora da novela polifônica de Bakhtin, que serviu como fonte de inspiração para a posterior aproximação dialógica com o self.

A metáfora da novela polifônica foi proposta por Bakhtin (1973 como citado em Hermans, 2001) ao analisar a poética de Dostoevsky. Para ele não existia um único autor trabalhando, mas vários autores ou pensadores, havendo também as características dos personagens, cada um com sua visão de mundo. Ele percebia cada herói como um pensador independente, implicando numa pluralidade de mundos e consciências organizadas pela mente do autor, em que a noção de diálogo abre a possibilidade de diferenciar o mundo interior de um mesmo indivíduo na forma de uma relação interpessoal (Hermans, 2001).

A transformação de um pensamento interior de um determinado personagem em um enunciado permite que relações dialógicas ocorram entre esta expressão e a manifestação de outros imaginários. Bakhtin (1993, como citado em Hermans, 2001) diz que uma narrativa dialógica é estruturada por espaço e tempo, sendo que eventos temporalmente dispersos são contrastados em oposições espaciais que estão simultaneamente presentes. A construção de narrativas em termos de uma polifonia de oposições espaciais permitiu a Bakhtin tratar uma ideia particular no contexto de ambos os diálogos interior e exterior, revelando uma multiplicidade de perspectivas (Hermans, 2001).

Então, o que se vê em comum entre o conceito de self de James e a novela polifônica de Bakhtin é a construção de um sujeito através de seus diversos *eus*. Mesmo que Bakhtin não esteja tratando diretamente de sujeito, mas de personagens criados por um sujeito, esta criação também viria obedecendo aos mesmos princípios lógicos conceituais (Hermans, 2001).

O autor diz ainda que no trabalho de James o *eu* ou *self conhecedor* é retratado como um princípio unificador que é responsável por organizar diferentes aspectos do *mim* como parte de um fluxo contínuo de consciência. Ele também vislumbra nos estudos de James um olhar na multiplicidade do self, assim como na mútua rivalidade e dominação de suas partes. Na visão de James as diversas partes do self se mantinham unidas por um distinto *eu* volitivo, ou um grande *eu* que abrange todos os *eus* e seus respectivos *mins*, que garante a identidade do self através do tempo e sua continuidade. No entanto, Hermans buscou considerar o self em termos de um romance polifônico, aludindo a uma descentralização de longo alcance do self em termos de uma pluralidade de personagens descentralizada.

Inspirado pelo self de James e pela metáfora polifônica de Bakhtin, Hermans, Kempen e Van Loon (1992, como citado em Hermans, 2001) conceituaram o self em termos de uma multiplicidade dinâmica de posições do *eu*, relativamente autônomas. Desta forma, o *eu* teria a possibilidade de passar de uma posição espacial a outra de acordo com as mudanças na

situação e no tempo, variando entre as diferentes e mesmo opostas posições e tendo a capacidade para imaginativamente dotar cada posição com uma voz para que as relações dialógicas entre posições possam ser estabelecidas (Hermans, 2001).

Como vozes diferentes, estes personagens trocam informações sobre seus respectivos *mins*, resultando em um self narrativamente complexo e estruturado. No caso das histórias de vida, o *eu* viria a ser o autor da narrativa, o narrador que constrói uma história com o *mim*, que seria o ator ou figura narrativa (Hermans, 2007). Apoiado em Sarbin (1986), Hermans (2007) diz que a distinção do *eu* e do *mim* num enquadramento narrativo pressupõe que existe um *eu* que conta algo a alguém e que este *eu* não só está ligado ao *mim*, mas também aos diversos outros *eus* com que está narrativamente envolvido.

Essa dialogicidade assumida por Hermans se dá não apenas com relação ao sujeito e o ambiente ou com o *eu* e o *mim*, mas também com todos os possíveis *eus* que ele possa assumir durante a sua construção narrativa, pois assim como o ambiente, esses tantos *eus* também auxiliarão o sujeito a construir a história e o seu conteúdo. Ou seja, na sua narrativa de vida, todas as vozes deste sujeito falarão através de sua construção narrativa; todas elas se manifestarão de acordo com a posição que o sujeito se coloca nesta narrativa, dialogando entre si, bem como se manifestarão pelo contexto de seus relatos e seus participantes (coadjuvantes da cena) humanos ou não humanos.

Para se ter uma ideia de como o self vem sendo trabalhado no meio científico, temos como exemplo a pesquisa que Lopes de Oliveira e Vieira (2006) realizaram com jovens infratores em situação de privação de liberdade. Elas utilizaram a perspectiva narrativista dialógica para interpretar os “processos de desenvolvimento do self dos adolescentes no contexto específico da privação de liberdade, a que são submetidos jovens infratores” (p. 67). Lopes de Oliveira e Vieira (2006) se utilizam da troca dialógica entre a pesquisadora e o sujeito de pesquisa como favorecedora de oportunidade de expressão de si e de construção de processos de ressignificação de si, enfatizando o jogo dialético entre permanência e mudança no tempo.

Outro trabalho que utiliza o conceito de self e a análise de narrativas é o de Germano e Serpa (2008). Neste estudo o self é apresentado como uma construção reflexiva de si como objeto e também dos demais *eus* com que este interage, se dando por meio da linguagem. Nos resultados da pesquisa foi encontrado que os elementos estruturantes e estilos narrativos utilizados pelo sujeito em sua autobiografia surgem como modo de apresentação pública de seu self, que cria um senso de continuidade na própria situação de entrevista.

Foi demonstrado ainda que as narrativas autobiográficas possuem contingências e limites pela sua estreita dependência do contexto da interação, fazendo com que o sujeito produza configurações de si plurais e contraditórias (Germano & Serpa, 2008). Ao fim, é enfatizada a busca de pontos de diálogo entre perspectivas teóricas que permitam o refinamento da sensibilidade do psicólogo na compreensão da maneira como as pessoas dão sentido a si e ao mundo.

Encontramos também no trabalho de Germano e Serpa (2008) uma referência de modelo de coleta e análise. Na análise de seu estudo foram realizadas entrevistas narrativas com oito jovens em cumprimento de medidas socioeducativas e a partir das proposições indexadas e não indexadas de suas histórias autobiográficas foram pesquisadas suas temáticas constantes e textuais. As autoras vislumbraram a situação conturbada da institucionalização e suas consequências como fator instigante ao estudo da construção do self, pois experiências desestruturantes costumam induzir a revisão da história de vida, de valores, de saberes e de projetos existenciais (Germano & Serpa, 2008). No mesmo gancho de situação institucional conturbada, no caso deste estudo em uma institucionalização voluntária, mas numa situação tal qual desestruturante, buscamos compreender a construção narrativa do self dos participantes da pesquisa.

Outros estudos contribuíram para reflexões acerca do self em diferentes temas como: na psicoterapia (Dimaggio, 2006; Molina & del Río, 2008; Massih, 2009), sobre a consciência e a multipluralidade vocálica na contemporaneidade (Valsiner, 2008), nos desdobramentos da teoria que levam a novas ferramentas de mediação semiótica (Valsiner, 2006), nas aproximações com a filosofia monadológica de Leibniz (Schürmann, 2006; Bertau, 2008), na articulação teórica entre Vygotsky e Bahktin (Shuare, 2010), ou sobre como a teoria dialógica privilegia a interpretação de dados investigativos (O'Dell, 2012).

Outros tantos trabalhos revisam as bases teóricas do self dialógico (Dimaggio et al, 2010; Ellis & Stam, 2010; Grossen & Orvig, 2011; Kinnvall & Lindén, 2010; Moore et al, 2011; Raggat, 2010a; Ribeiro & Gonçalves, 2010; Stam, 2010), trazendo reflexões e desdobramentos da teoria de Hermans. Outros textos investigaram questões advindas da identidade cultural do sujeito (d'Alte et al, 2007; O'Sullivan-Lago & Abreu, 2010; Prokopiou et al, 2012; Sartawi & Sammut, 2012) e da identidade de gênero (Kahn et al, 2012; Kullasepp, 2007) através da análise do self dialógico.

Dentre estes, alguns, como veremos a seguir, se destacaram pela maneira como apresentam e utilizam o dialogismo para interpretar seus estudos, reforçando o fenômeno da multivocalidade e apontando aspectos que devem vir a ser trabalhados neste campo de

pesquisa dialógica com o intuito de clarear pontos da teoria que ainda não estão claramente definidos. Estes estudos fazem aproximações e contribuem para as reflexões teóricas e práticas do presente estudo à medida que nos informam acerca da maneira como o fenômeno vem sendo tratado, quais seus pontos fortes, quais as dificuldades encontradas na aplicação da teoria e como o fenômeno deve ser tratado quando levado à prática da pesquisa.

Raggat (2010b) aponta que o pressuposto fundamental da teoria do Self dialógico é que o self é estendido no espaço e tempo, em virtude de processos de posicionamento que têm suas raízes no dialogismo. O autor também argumenta que a ciência da psicologia contemporânea foi fundamental na mudança de diversos modelos culturais de self, que Hermans vê como contribuinte do seu modelo dialógico (Eva Illouz, 2008, assim como citado por Raggat, 2010b).

Illouz (Raggat, 2010b) argumenta que a cultura terapêutica nos faz gerar uma estrutura narrativa em que o sofrimento define o self, fazendo com que a narrativa de autoajuda se sustente numa narrativa do sofrimento, não de autorrealização. Desta forma a narrativa terapêutica pode ser vista como uma mediação de objetivo ambíguo, em que doença e cura são evocadas, posicionando o cliente duplamente. Para finalizar suas reflexões Raggat (2010b) lembra que Illouz sugeriu que o self seria o local primário para a gestão das contradições da modernidade e que a Psicologia age como fornecedora de modelos dialógicos que permitem o gerenciamento dessas tensões.

Belzen (2009) utiliza a teoria do self dialógico como fornecedora de elementos que ajudem a encontrar nexo entre uma cultura e a pessoa com seus hábitos, ações e narrativas. Ele argumenta que através do self dialógico é possível demonstrar que o ser humano vive em múltiplos mundos sociais, habitados por outros “reais” ou “imaginários”. Desta maneira propõe a possibilidade de se travar relacionamentos com divindades, espíritos, santos, autoridades religiosas e afins, conduzindo-nos a um diálogo com todos esses sujeitos onde eles façam parte de uma construção narrativa de mundo (Hermans e Kempen, 1993 e 2003).

Fazendo um uso do conceito de self dialógico na clínica terapêutica, Massih (2009) argumenta que a retomada e recriação imaginativa de rituais, bem como a introdução a novas experiências, na tentativa de inseri-las numa cadeia coerente e pessoal se torna um exercício enriquecedor do diálogo com a multiplicidade de vozes com as quais o sujeito passa a dar conta da lucidez que a terapia desperta nele.

D'Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha e Salgado (2007) tentam desenvolver uma teorização da identidade pessoal a partir do dialogismo, realizando um esforço para demonstrar como é possível conceber que as formas de se relacionar estabelecem um *eu* pela

relação com os outros e como múltiplas formas de estar com o outro pode dar origem a múltiplas formas do *eu*. Dentro de uma multiplicidade de referências de self, somos capazes de nos reconhecer por que nos tornamos os mesmos no ato de referir-nos a nós mesmos como se tratássemos de outro.

Ribeiro e Gonçalves (2010) tecem argumentos acerca dos trabalhos de Ligorio (2010) e no de O'Sullivan-Lago e Abreu (2010) como uma oportunidade para elaborar sobre o surgimento da descontinuidade (ou ruptura) e a restauração da continuidade (ou transição) a partir do self dialógico. Eles partem do par ruptura - transição como uma unidade de análise para compreender o fluxo de mudança no self dialógico e a centralidade da ambivalência como um catalisador de desenvolvimento para se concentrar no caminho mudança e manutenção de problemáticas nas narrativas em psicoterapia, delineadas pelo modelo de momentos inovadores.

Ainda na clínica terapêutica, Dimaggio (2006) propõe que a teoria do Self dialógico pode ser combinada com as habilidades metacognitivas do sujeito, providenciando uma interpretação para as experiências e problemas do paciente durante a psicoterapia e na mudança psicoterápica. O autor pontuou também que a teoria do Self dialógico é sustentada pela análise da narrativa, que há um efeito específico proveniente do processo de mudança em cada voz e que a habilidade metacognitiva é modular, podendo atuar tanto localmente como de maneira globalizada.

Seguindo as conclusões dos estudos, é possível encontrar no discurso do sujeito vozes diferenciadas que relatam a mesma experiência de vida de maneiras diferentes, pois cada uma dessas vozes exprime a representação da maneira como cada *eu* organiza a sua realidade e que a relação que este *eu* estabelece com o outro pode originar diversas formas de *eu*. Lembrando que Illouz sugeriu em seu trabalho que o self seria o local primário para a gestão das contradições da modernidade, sendo portanto, uma ferramenta investigativa muito valiosa quanto se trata de transtornos ocasionados pelo estilo de vida que a modernidade imprime à nossa sociedade.

CAPÍTULO II

MÉTODO

1. Delineamento do estudo

De acordo com o objeto de interesse deste estudo, sua realização se deu através de investigação qualitativa, pois é visto que as pesquisas qualitativas têm desempenhado um importante papel em estudos sobre a ação humana em “tópicos do discurso e do significado” (Fonte, 2005, p.291) e assim como a análise de narrativas, desenvolve uma compreensão holística e em profundidade da experiência.

Fernandes e Maia (2011) reforçam ainda que “a metodologia qualitativa é utilizada em estudos que contextualizam o conhecimento, tomando o próprio processo de construção de conhecimento como uma dimensão importante a considerar” (p. 49). Desta forma, o processo de análise dos dados traz à luz outros ângulos de visualização do problema, levando o pesquisador a desenvolver conceitos a partir da interpretação dos dados obtidos.

De acordo com Ludke e André (1986), as pesquisas qualitativas possuem cinco características básicas, sendo elas: ter o ambiente natural como fonte direta de obtenção de dados e ter como principal instrumento o pesquisador; a natureza predominantemente descritiva dos dados coletados; foco maior no processo do que no produto; o significado dado às coisas e à vida recebe atenção especial do pesquisador e o processo indutivo tende a guiar a análise dos dados. Segundo os mesmos autores, partindo dessas características gerais, a pesquisa qualitativa pode assumir diferentes formas, como a etnografia e o estudo de caso.

O estudo de caso tem um campo de trabalho mais específico, se diferencia por constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo, não necessitam ser qualitativos, mas enfatizam a interpretação em contexto (Ludke & André, 1986). Tem como característica essencial a busca pela descoberta, mesmo que existam alguns pressupostos teóricos iniciais, pois eles serão o ponto de partida da investigação de novos aspectos. Os estudos de caso permitem uma generalização analítica

Segundo Yin (2002), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa abrangente que pode incluir estudo de caso único e estudo de casos múltiplos. Para o autor, o caso único pode ser utilizado quando: ele é o caso decisivo que satisfaça todas as condições para testar uma teoria bem formulada; representa caso raro ou extremo ou quando se trata de um caso revelador. Já os casos múltiplos se fazem com mais de um caso único, sendo que cada caso deve servir a um propósito específico na pesquisa, seguindo uma lógica de replicação com resultados similares ou contraditórios (Yin, 2002).

De acordo com o mesmo autor, as evidências para este tipo de estudo pode vir de fontes tais como documentos, registros em arquivo, entrevista, observação direta, observação participante ou de artefatos físicos. Yin (2002) considera a entrevista uma das mais importantes fontes para um estudo de caso, podendo ser conduzidas de forma espontânea, focal ou como um levantamento formal. As entrevistas espontâneas permitem que o pesquisador peça a opinião do entrevistado sobre determinados eventos ou acontecimentos, nos fornecendo suas percepções e interpretações sobre o assunto (Yin, 2002). Ele ainda traz três princípios considerados importantes para a coleta de dados em que o primeiro é a utilização de várias fontes, o segundo é realizar um banco de dados para o estudo de caso e a terceira é o encadeamento entre as questões feitas, os dados coletados e as conclusões do estudo.

Ao fim da coleta de dados, inicia-se a análise que passa por duas fases, sendo a primeira a classificação e organização dos dados e a segunda fase que é a teorização. É nela que se tecem abstrações à descrição dos dados encontrados, levando a outras possíveis abstrações (Ludke & André, 1986).

Nesta pesquisa, adotamos o delineamento de estudos de casos múltiplos. Para tanto, foram analisados dois casos, em que dois participantes constituíram suas narrativas autobiográficas a partir de uma Entrevista Narrativa. Sendo assim, cada participante escolhido constituiu um caso. Cada caso foi analisado particularmente, narrativa por narrativa, depois pelo conjunto de narrativas dos casos. Por fim, o conjunto de resultados dos dois casos foi analisado de maneira a ressaltar as suas particularidades e eventuais aproximações, onde a singularidade da constituição do self cada um deles pôde ser destacada.

2. Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa dois usuários de crack em tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad). Para as entrevistas foram selecionados sete participantes, no entanto, apenas dois foram selecionados para os estudos de caso. A escolha dos casos se deu a partir de dois critérios: a fluência da fala do participante no momento da entrevista, privilegiando aqueles que não precisaram de estímulos verbais para prosseguir na construção de sua história oral e o estágio do tratamento em que se encontravam, sendo selecionado um participante que estava iniciando e outro que estava encerrando o tratamento. A faixa etária dos participantes ficou entre 27 e 40 anos, sendo os dois do sexo masculino, em que o mais jovem estava se tratando no CAPSad há três meses mas ainda fazendo uso de crack e o mais velho há dois anos e em abstinência total.

3. Procedimentos de coleta dos dados

A pesquisadora realizou contato prévio com a administração do CAPSad onde foi realizada a pesquisa, a fim de obter informações sobre a clientela de atendimento e sobre a possibilidade de realização da pesquisa. Diante do interesse e da anuência da Unidade em realizar o estudo em suas dependências, o projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Após a aprovação pelo CEP, o passo seguinte foi a apresentação da pesquisadora aos funcionários do CAPSad para que o tema de trabalho fosse introduzido a eles, possibilitando o interesse de participação voluntária na pesquisa.

Este momento foi sugerido pela gestora do CAPSad para que houvesse um primeiro momento entre o pesquisador e os Técnicos de Referência (TR) que coordenam os grupos de apoio, para que se divulgasse o propósito da pesquisa e se fizesse o convite aos mesmos a auxiliar como mediadores na seleção dos participantes. Os TR's que aceitaram auxiliar o estudo indicaram os membros dos seus Grupos Operativos e marcaram os dias das entrevistas com aqueles que aceitaram participar. Marcadas as datas, iniciamos as entrevistas, sendo elas individuais e em local reservado para que se garantisse o conforto e privacidade ao entrevistado.

O encontro iniciou-se com a apresentação do tema e objetivo da pesquisa, seguido da apresentação do TCLE e o pedido de autorização da pesquisa. Na sequência foi aplicado um pequeno questionário sócio demográfico (Anexo 2) com perguntas relativas ao seu estado civil, constituição familiar, situação trabalhista e participação em grupos sociais que não fosse a família, tendo o intuito de guiar possíveis questões sobre a vida do sujeito e/ou tecer entendimentos pertinentes relativos aos achados da análise. Ele foi aplicado como caráter introdutório da entrevista, como espaço de preparação para o início da entrevista. Houve somente uma exceção em que foi aplicado quando a participante parou de gerar narrativa. Neste caso, o questionário serviu como motriz para que ela seguisse com a sua história de vida.

Para a coleta de dados de uma investigação de construção narrativa do self, vislumbramos na Entrevista Narrativa a técnica metodológica mais adequada ao objetivo desta pesquisa, pois ela visa criar uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar uma história sobre algum fato importante da sua vida e do contexto social (Jovchelovitch & Bauer, 2008). Além disso, o ato de contar é simples e impõe um sistema de organização da história que pressupõe a existência de uma textura detalhada, pois o contador tende a dar tantos detalhes quanto forem suficientes para que a história faça sentido ao seu ouvinte, onde são selecionados temas mais relevantes à compreensão desta de acordo com a visão de mundo

do narrador. Há ainda o fechamento da gestalt, onde um acontecimento central precisa ser iniciado, desenvolvido e finalizado para que haja a compreensão da história e para que ela flua entre essas partes, mesmo não havendo um fim e a história pare no momento presente.

A Entrevista Narrativa é uma técnica de pesquisa qualitativa que tem uma estrutura mais aberta, não ficando engessada em perguntas estruturadas direcionadoras do raciocínio do sujeito. Ela possibilita construções livres guiadas apenas por um tema central proposto pelo investigador. Para conseguir uma versão mais espontânea e adequada da perspectiva do sujeito entrevistado, Jovchelovitch e Bauer (2008) sugerem que através da preparação do ambiente pode-se minimizar a influência do entrevistador sobre o sujeito com regras de execução da Entrevista Narrativa. E encontram em Farr (1982) dois elementos básicos da entrevista: o contraste entre diferentes perspectivas e a função da linguagem como constituinte de uma visão particular do sujeito.

A Entrevista Narrativa como técnica consiste em regras sobre como ativar o esquema da história, incitar a narração do entrevistado e uma vez iniciada a narrativa, mobilizar o esquema autogerador para que ela prossiga em seu curso. Para manter a disposição do informante em contar sua história, Jovchelovitch e Bauer (2008) detalharam regras para as principais fases da Entrevista Narrativa (EN); que inicia na *preparação da entrevista*, passa pela *iniciação*, pela *narração central*, pela *fase de perguntas* e vai até a *fala conclusiva*. Estas fases serão detalhadas no tópico referente à coleta.

Seguindo os passos de realização da EN sugeridos por Schutze, esta investigação contou inicialmente com a leitura de artigos, dissertações e livros correlatos ao tema, assim como a busca por dados epidemiológicos em pesquisas realizadas por instituições ligadas ao Ministério da Saúde do Brasil. Contou-se também com o contato com os profissionais do CAPSad e com visitas iniciais ao campo de estudo.

Pois durante a fase de *preparação da entrevista*, é importante que o entrevistador se familiarize com o campo de estudo, para compreender o acontecimento principal, sabendo onde a EN deve percorrer para que se possa formular o tópico inicial capaz de manter o eixo da entrevista transcorrendo ao longo da narração da história. Para tanto, o pesquisador pode realizar investigações preliminares, buscar informações em documentos ou em fontes informais a fim de transformar os seus interesses de pesquisa em questões que se adéquem ao material que possa surgir da história do narrador.

Antes de *iniciar a entrevista (iniciação)*, o sujeito de pesquisa foi informado a respeito sobre o que tratava a pesquisa, que o momento central seria gravado para análise posterior do

conteúdo. Em seguida foi pedida a sua permissão para a participação na pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Seguindo as fases da *Entrevista Narrativa*, passamos à *narração central*, neste momento o entrevistado foi estimulado a produzir um relato espontâneo de sua vida, sem intervenções, iniciado pela frase norteadora, “**Conte-me sobre a sua vida**”. Ao fim do relato, puderam ser feitas outras *perguntas* relacionadas às pessoas e situações de sua vida, de acordo com o conteúdo da história contada pelo entrevistado. Neste momento houve a possibilidade de *esclarecer* pontos obscuros de sua fala, rendendo material adicional e por isso, só após essa fase é que o gravador foi desligado (*fase de perguntas até a fala conclusiva*).

No entanto, houve um momento em particular que não foi possível anotar as informações dadas pelo sujeito antes de iniciar a gravação, por se tratar de um sujeito logorreico que formulou narrativas longas para responder às perguntas do questionário, levando a pesquisadora a refletir sobre o momento em que se devia iniciar a gravação. Por precaução, nas entrevistas seguintes o gravador ficou ligado tanto na etapa da Entrevista Narrativa quanto do preenchimento do questionário.

Todos as observações realizadas desde o contato com os TR’s, ao momento do encontro e comentários realizados dentro do espaço do CAPSad foram anotados na forma de notas de campo e considerados na análise.

4. Procedimentos de análise dos dados

O primeiro passo da análise foi a transcrição detalhada do áudio da gravação da história de vida coletada no CAPSad, para que em seguida se iniciasse a análise dos dados propriamente dita.

Como primeiro passo para auxiliar na escolha dos casos, os participantes foram separados nos seguintes grupos: usuários dos serviços do CAPSad com pouco tempo de tratamento e usuários do serviço com tempo longo de tratamento. Desta maneira, vislumbramos separar os casos em prováveis nuances de self de acordo com momento do tratamento em que se encontram. Em seguida, partimos da seguinte pergunta: quais das narrativas autobiográficas foram construídas partindo apenas da frase autogeradora “*Conte-me sobre a sua história*”?

Isso ocorreu por que, ao contrário do planejado, nem todos os participantes da pesquisa foram capazes de manter a entrevista livre de intervenções. Algumas vezes viu-se a necessidade de que a pesquisadora usasse de artifícios para que a narrativa fosse mantida, como o uso do questionário sociodemográfico e/ou de perguntas que motivassem a

continuidade de narrativas já iniciadas. Em uma das entrevistas foi necessário até que se utilizasse desses artifícios para que a entrevista iniciasse.

4.1 O que se considerou como texto narrativo

Durante a análise de dados, foi necessário que se chegasse a um consenso acerca do que seria considerado como narrativa. Para tanto, vislumbrou-se no modelo de Análise Narrativa de Labov e Waletzky (1967) um caminho para compreender como o narrador constitui uma narrativa. A análise laboviana nos direcionou inicialmente quanto ao que poderíamos considerar como oração narrativa dentro do conteúdo obtido nas Entrevistas Narrativas. Para Labov (1972) uma oração narrativa é toda oração de uma narrativa mínima que possua uma conjuntura temporal e cuja mudança de sua ordem no texto altere também a ordem temporal dos acontecimentos narrados.

Assim, ele delimita uma sequência narrativa a partir da ideia de que as proposições trazem uma ordenação temporal entre si e também para o texto em geral. Essa temporalidade traz uma ideia de linearidade e sequência aos acontecimentos, mas nada têm a ver com o tempo cronológico (Labov & Waletzky, 1967).

Inicialmente o texto foi separado em secções, de acordo com a proposta de análise estrutural de Labov (1972), identificando pequenas narrativas com sentido completo dentro da grande narrativa. Segundo o autor, uma narrativa poderia apresentar as seguintes secções estruturais: *resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda*.

Por isso, a secções narrativas foram identificadas de acordo com a função que cada uma delas exerce na narrativa. Labov (1972) nos esclarece quanto à identificação de cada uma dessas secções quando informa que elas funcionam como respostas a algumas perguntas subentendidas na narrativa.

Assim, o resumo nos responde à pergunta “Sobre o que estamos falando?”; a orientação responde “Quem, quando, o que e onde?”, a complicação responde “E então, o que aconteceu?”, a avaliação é uma resposta à pergunta “E daí?”, o porquê da história estar sendo contada; o resultado nos traz “O que aconteceu finalmente?” e a coda não responde a nada, ela finaliza a questão narrativa e indica que o conteúdo trazido na complicação e na avaliação não são mais relevantes no dado momento.

4.2 Obtidas as narrativas, a análise dos textos indexados e não indexados

Segundo o modelo de análise proposta por Schutze (1977; 1983, como citado em Jovchelovitch & Bauer, 2002), as sequências narrativas seccionadas foram separadas em texto

indexado e *não indexado*, descritos anteriormente como o texto que informa e dá sequencialidade a narrativa e como texto imbuído de juízo de valor, respectivamente.

Jovchelovitch & Bauer (2002) nos mostram que os textos obtidos numa EN possuem a capacidade de acumular uma vasta colocação de termos indexados, pois fazem referência à experiência pessoal dos entrevistados que tendem a enfocar fatos e ações. Desta maneira, acabam fazendo referência a acontecimentos concretos no espaço e no tempo. Assim, os textos indexados podem ser descritos como aquele trecho narrativo com sentido de causalidade, dando sequencialidade aos eventos, onde é analisada a história individual do participante e também a maneira como ele seleciona e articula textualmente os eventos evocados como um todo significativo (Germano & Serpa, 2008).

Já o texto não indexado é carregado de juízo de valor, traz seu conhecimento de mundo e pode ainda ser dividido em texto descriptivo ou texto argumentativo. As descrições se dão acerca de como os fatos foram sentidos e experienciados, enquanto as argumentações tentam legitimar aquilo que pode não ser aceito e tece reflexões sobre as teorizações do sujeito.

O passo seguinte da análise de Schutze se refere ao ordenamento dos acontecimentos de cada indivíduo, utilizando-se de todos os componentes indexados e não indexados, para que após essa etapa, os componentes não indexados do texto sejam investigados como “análise do conhecimento” (Schutze, 1977; 1983, como citado em Jovchelovitch & Bauer, 2008). Em outras palavras, após a identificação das formas como o sujeito se posicionava em sua história de vida, foi possível analisar: a maneira como ele compreendia o curso de sua biografia, as razões pelos quais ele agia, os seus desejos e projetos de vida, os juízos de valores atrelados às suas interações sociais, posições éticas e juízos morais acerca de suas ações e ações do outro, seus medos e tantos outros juízos de valores que podiam ser constituídos na sua narrativa (Germano & Serpa, 2008).

Desta maneira, as opiniões, conceituações, teorias gerais, reflexões e divisão entre comum e incomum baseiam e reconstróem teorias operativas foram comparadas com elementos da narrativa por representar o autoconhecimento do informante (Schutze, 1977; 1983, como citado em Jovchelovitch & Bauer, 2008).

O momento de análise do conhecimento ajudou a identificar a posição discursiva em que o narrador estava se colocando no texto, pois esta análise apontou o que o sujeito sabe, como ele pensa e como chegou às suas conclusões. Portanto, este momento analítico nos indicou o *eu conhecedor* da narrativa em questão, dizendo quem é o narrador da história.

Assim como no estudo de Germano e Serpa (2008), não se propõe aqui nesta pesquisa a utilização dos passos finais da proposta de Schutze, que consiste em agrupar e comparar as trajetórias individuais e identificar as trajetórias coletivas, por crer que o self se constitui de maneira singular e mesmo que obedeça a padrões prévios de construção enunciativa, este padrão não é objeto de pesquisa neste momento.

Buscamos delimitar nas narrativas as posições de *eu* que o indivíduo assumiu no decorrer do seu discurso através das relações de posse que ele desenvolveu. Tudo aquilo que ele reconheceu como lhe pertencendo, constituiu o seu *mim* ou o ator da narrativa. Este *mim* também participou das ações junto com os outros personagens apresentados em suas construções narrativas. Com a identificação dos *mins* e dos *eus* foi possível interpretar quais as vozes que compunham esses *eus* e se houve ou não continuidade/descontinuidade destas posições discursivas assumidas no decorrer da entrevista.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a apresentação dos resultados, inicialmente introduziremos cada um dos casos com a apresentação do participante a partir das informações obtidas na triagem feita pelo seu TR, do questionário sócio demográfico, da entrevista e das observações feitas pela pesquisadora durante o período pré e também durante a pesquisa.

Para a discussão dos dados, cada narrativa foi analisada e depois as questões semelhantes ou muito destoantes entre elas foram elencadas, para que a partir daí os aspectos gerais da entrevista fossem discutidos, possibilitando a descrição e constituição do self apresentado pelo narrador ao longo das narrativas.

Antes ainda, fez-se necessário apresentar também o ambiente em que as entrevistas foram realizadas, para entender em que pontos o local e a vivência do narrador neste, poderia interferir nas suas colocações ao longo da entrevista. Consequentemente, pôde-se perceber também em que pontos o ambiente influenciou na constituição do self dos narradores.

1 Apresentação do contexto da pesquisa

A EN se deu no CAPSad, em uma sala disponibilizada pela gerência e que não estava em uso no momento. No primeiro caso a entrevista se deu em uma sala de consultório, em que a separação das cadeiras imposta pela mesa do médico mantém uma atmosfera formal e hierárquica. Já no segundo caso a sala disponibilizada foi a de reunião de grupo, com cadeiras dispostas em círculos, tornando o ambiente menos formal e sem suposições de hierarquias. O ambiente do CAPSad também exige regras de comportamento aos usuários do serviço, como não estar em uso de substâncias, que foi também um dos critérios para a realização da entrevista.

Fazendo um retrospecto nas Políticas de Atenção ao usuário de álcool, fumo e drogas no Recife, Granja e seus colaboradores (2009) argumentam em seu trabalho que as políticas públicas de combate às drogas no Brasil ocorreram em resposta ao processo de Reforma Psiquiátrica (citando Delgado, 2005; Moraes, 2005). No entanto, apenas na III Conferência Nacional de Saúde Mental em 2001 é que a problemática dos transtornos decorrentes do uso de drogas teve espaço para uma discussão mais ampla.

Já em Recife, no ano de 1985, diversas instituições foram reunidas durante a Comissão Estadual de entorpecentes com o intuito de discutir questões acerca do uso e da atenção aos

usuários de droga. No ano seguinte, o Centro Eulâmpio Cordeiro de Recuperação Humana (CECRH) foi criado em resposta a esta reunião, sendo o primeiro do estado de Pernambuco (Granja et al, 2009).

No ano de 2005 entrou em vigor a Política Nacional Sobre Drogas (PNAD), através do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), tendo como pressupostos a descriminalização do usuário, dependente ou pessoa em uso indevido de drogas lícitas e ilícitas, dando tratamento diferenciado entre eles e os traficantes (Brasil, 2005). A PNAD refere-se também à conscientização do usuário e da sociedade; à prevenção do uso indevido; à garantia ao tratamento àqueles que possuem problemas relacionados ao uso indevido de drogas; à repressão ao cultivo, produção e comercialização de drogas ilícitas; à garantia de programas e ações de prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social; e também à pesquisa, experimentação e implementação de programas, projetos e ações que visem prevenção, tratamento, reinserção psicossocial, redução de demanda, oferta e danos com fundamento em resultados científicos comprovados (Brasil, 2005).

No mesmo ano, o CAPSad CECRH foi integrado à rede municipal da cidade do Recife, que hoje possui um CAPSad de referência para cada Distrito Sanitário. Os CAPSad contam com reuniões de grupos semi-intensivos que se reúnem três vezes na semana, os grupos intensivos que se reúnem em encontros diários de segunda a sexta e grupos de prevenção ao uso de tabaco que atua em horários especiais de acordo com o funcionamento de cada CAPSad. Os grupos intensivos e semi-intensivos são divididos por turnos, que cada dia da semana realizam atividades diferentes, com diferentes técnicos. No entanto, cada usuário do serviço possui um TR, que indica as atividades e serviços do CAPSad que ele irá utilizar, bem como encaminha para os serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

A RAPS é uma rede de saúde mental integrada, articulada e efetiva em diferentes serviços de atenção, sendo de base comunitária, tendo como uma de suas diretrizes a garantia do acesso e qualidade dos serviços da rede (Brasil, 2011). São componentes da RAPS os serviços de Atenção Básica em Saúde, de Atenção em Urgência e Emergência, de Atenção Residencial de Caráter Transitório, de Atenção Hospitalar, de Estratégias de Desinstitucionalização, de Estratégias de Reabilitação Psicossocial e de Atenção Psicossocial Estratégica que engloba os CAPS em suas diferentes modalidades.

Os CAPSad fazem parte de um serviço de saúde mental aberto e comunitário, indicado para municípios ou regiões com população acima de 70.000 habitantes (Brasil, 2011). Os CAPSad atendem adultos ou crianças e adolescentes, considerando as normativas do Estatuto

da Criança e do Adolescente com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas.

2. Caso 1: Falcão

A escolha do pseudônimo do participante se deu pelo seu envolvimento com o tráfico de drogas, que remeteu ao documentário produzido pelo cantor MV Bill, pelo seu empresário Celso Athayde e o centro de audiovisual da Central Única das Favelas que acompanhou a vida de jovens das favelas brasileiras envolvidos com o tráfico entre os anos de 1998 e 2006. Assim como no documentário, a linguagem utilizada pelo entrevistado é bastante informal e carregada de gírias relativas ao mundo das drogas.

Falcão é um rapaz de 28 anos, que se considera em situação de rua, mas tem um quartinho de aluguel para passar as noites. Ele é solteiro, não tem filhos, se denomina católico, mas assume não frequentar igrejas. Estava em tratamento há aproximadamente 3 meses quando se deu a entrevista, mas ainda não havia conseguido ficar em abstinência total, tendo lapsos (é a maneira como chamam o uso esporádico de drogas por pessoas em tratamento da dependência) semanais.

Toda quinta-feira ele trabalha como guardador de carros num ponto específico da cidade, onde já é conhecido pelos frequentadores da área e por isso possui clientes fixos. Ao fim do seu expediente, quando está com o ordenado do dia, bate a fissura e ele acaba cedendo à vontade de fazer uso do crack. No dia seguinte ele faz a avaliação do seu comportamento, ficando muito angustiado por desperdiçar todo o seu dinheiro com a droga “que veio para destruir a vida dele”, segundo o mesmo refere.

No CAPSad, Falcão frequenta os grupos intensivos que se realizam nos horários da manhã e da tarde, pois tem medo de ficar nas ruas e recair em uso. Pelo que foi possível observar no momento em que o procurei para darmos início à entrevista, ele se mostrou uma pessoa bem comunicativa dentro do espaço do CAPSad, bem relacionado com os outros usuários do serviço e também com os funcionários. Nos intervalos dos grupos, ele se reúne com seus companheiros do grupo para jogar dominó ou conversar sobre suas vidas.

A indicação da TR para participação na pesquisa se deu pela sua capacidade comunicativa e engajamento no tratamento, sendo um usuário que mantém referência de assiduidade e pontualidade. Quando a pesquisadora procurou por ele para a realização da entrevista dentro do serviço, todos os funcionários e usuários questionados sabiam indicar o local onde ele estaria de acordo com o horário.

A mãe já falecera e o pai mora no interior, sendo a família mais próxima composta por um irmão e uma irmã que moram no mesmo Distrito Sanitário, a avó materna, um tio e uma tia maternos também.

Além desse casal de irmãos que mora na cidade do Recife, tem uma irmã que mora em São Paulo e dois irmãos que foram assassinados, mas que ele não disse o motivo. No seu referido núcleo familiar, ele também cita dois amigos que estão presos, o Descolado e o Ted. Esses amigos são como irmãos para Falcão, pois estavam juntos em todos os momentos de lazer e são umas das poucas pessoas que demonstram preocupação com ele, principalmente no tocante ao uso de crack.

2.1 Análise das narrativas de Falcão (narrativa detalhada com legendas no **anexo 3.**)

Durante a EN, Falcão construiu 31 narrativas. Desses, 27 surgiram da entrevista e quatro foram geradas a partir das respostas dadas acerca do questionário sócio demográfico aplicado ao final da entrevista.

De todas elas, apenas duas não apresentavam secções de orientação, que possuem a função de nos situar quanto a personagens, local, tempo e situação, mas estes elementos foram incorporados às narrativas em outras secções.

Diversos personagens nos foram introduzidos nas secções de orientação, sendo o principal e mais recorrente deles o próprio Falcão. Por tratar-se de uma narrativa autobiográfica esse é um personagem ao qual já era esperado que fosse o principal gerador de ações nas narrativas.

O seu pai aparece em diversas narrativas, como referência a uma família a quem o narrador pertence, como fonte de características físicas que Falcão possui, mas aparece principalmente como uma pessoa a quem ele prejudicou, por ser o dono de objetos que Falcão vendeu para fazer uso do crack.

Ele menciona os amigos como algo que faz parte do passado, algo que teve e não tem mais, por estarem presos. Depois os mesmos amigos são mencionados como colegas e em outra secção de orientação são apresentados apenas pelos nomes: Descolado e Ted. Em uma das secções de orientação, o crack e a vida são apresentados como personagens.

O seu irmão falecido é citado apenas uma vez, sem ser agente direto em uma ação, apenas como pertencente a um grupo que possui uma característica comum com o narrador. Já o irmão de Recife surge inicialmente como um personagem pouco atuante e assim como o irmão falecido, faz parte do grupo de irmãos que herdou as características físicas do pai.

Ele apresenta também os amigos do CAPS, dona Miriam que trabalha na cozinha do CAPS, a pirraia de 13 anos que é usuária de crack, as noiadas que são mulheres usuárias de crack com as quais ele poderia relacionar-se sexualmente e sua família que mantém mais distância, composta pela avó, tio e tia maternos.

Com relação aos locais em que as ações aconteceram, poucos deles nos foram apresentados, revelando não ter muita relevância para seu narrador expor esse tipo de detalhes. Três bairros foram citados pela importância da localização do personagem na narrativa: o bairro onde ele sofreu o acidente quando teve um ataque epilético enquanto andava de bicicleta, que é uma área de tráfego intenso; o bairro da Noda (nome fictício), localidade importante na sua história de tráfico e uso de drogas e o bairro onde o irmão mora.

A penitenciária Barreto Campelo não é um local onde as ações se desenvolvem de fato, mas é um local apresentado por abrigar seus amigos que estão reclusos em cumprimento de pena. Mas na maioria das secções de orientação ele não determinou um local onde os fatos se deram. Não por desconsiderar a sua importância, mas por apresentar este dado em outras secções, geralmente de complicações. Nestas outras secções foram apresentados locais como o CAPSad, a casa do pai, a casa da avó, o barraco do baixinho e o local onde ele dorme.

Quanto à identificação temporal, apenas dois marcadores de tempo ficaram claramente explícitos (ontem e hoje) com o sentido de orientar o ouvinte quanto à localização temporal. Nas secções de orientação de suas narrativas Falcão fazia indicações de tempo, mas não muito precisas, dando a ideia de que os acontecimentos se deram nos dias atuais, há poucos meses ou em um passado muito distante, mas não determinado. Todas as outras orações possuem sua ideia de tempo na sequencialidade em que os fatos são narrados, ao passo em que são expostos e encadeados nas narrativas.

Quanto às situações que foram introduzidas nestas secções, é possível ambientar-se quanto ao contexto delas apenas pelo que nos é trazido nas orientações, no entanto é necessário que se analise toda a narrativa para ter precisão sobre os fatos que ela traz. E para tanto, a iniciaremos para que possamos compreender em que medida esse material analítico pode nos falar sobre a maneira como Falcão construiu o seu self nesse relato autobiográfico.

Na sua primeira narrativa (sentenças 1 a 4), Falcão nos traz na secção de orientação ele mesmo como personagem, não faz indicação espaço-temporal do que foi relatado e apenas introduz a situação de que já fora feliz em sua vida. Suas secções de complicações (2 e 3) nos trazem argumentos que justificam o porquê dele não ser mais feliz e referem um pouco do que passou durante o uso do crack através da voz do seu *eu usuário de crack*. Essa voz representa o Falcão durante o uso, suas experiências e pensamentos que o caracterizam como usuário.

Em sua resolução ele demonstra o sentimento de gratidão por ainda ter pessoas que o ajudam, fazendo-nos entender que nem tudo se perdeu. Nesta narrativa ele nos apresenta relações de pertencimento com o seu barraco, atestando que possuiu uma moradia, constituindo seu *mim* abrigado; com seus materiais de trabalho, constituindo um *mim* vendedor de prestação e em seguida afirma que possui pai e uns irmãos, constituindo seus *mins* de filho e de irmão. Assim, através desses objetos e pessoas que referiu pertencer-lhe, nos indica a constituição dos *eus*: um *eu cidadão* que se constituiu pelo *mim* abrigado, o *eu trabalhador* constituído pelo *mim* vendedor de prestações e um *eu homem de família* que se constitui pelo *mim* filho e pelo *mim* irmão.

Em seguida (sentenças 5 a 10), ele nos conta uma história sobre os erros que cometeu, principalmente com relação ao seu pai. Os personagens Falcão e o pai percorrem a história em uma narrativa estruturalmente bem construída, possuindo quase todas as secções as quais Labov definiu que se pode encontrar em uma narrativa. Ela possui secções de orientação, complicação, avaliação, culminando num resultado e ainda traz a coda, que não é de utilização muito comum, apenas se utiliza em narrativas mais complexas (Labov & Waletsky, 1967). Neste caso, a coda teve a clara função de indicar que tudo o que aconteceu durante a narrativa não tem mais importância, porque no fim das contas, deu tudo certo. A narrativa inicia com uma sentença não indexada argumentativa, em que seu *eu em tratamento* julga a sua ação antes mesmo de conta-la. Agora que está sendo orientado no CAPSad, ele percebe a dimensão das atitudes que tomava quando estava em uso e começa a tecer juízo de valor acerca delas. Nas sentenças 6 e 7 Falcão detalha a besteira que fez e na sentença 8 ele avalia novamente as suas ações. Ele qualifica a fala do pai negativamente com um termo pejorativo, o que indica que não gostou da maneira como foi tratado, no entanto, na mesma sentença ele assume que cometeu um erro e deixa subentendido que mereceu o tratamento recebido pelo pai. Assim, revela dois sentimentos conflitantes: a insatisfação com o tratamento recebido e a aceitação do mesmo por perceber que era merecido. Estes sentimentos opostos, porém válidos, remetem ao conceito de ambivalência proposto por Bleuler em 1910, em que dois movimentos opostos são dirigidos ao mesmo objeto (Bleger, 1985). Esses movimentos podem ser atitudes, afetos, ideias ou tendências opostas. Nesta narrativa a única relação de pertencimento que ele traz é com relação ao seu pai, e seu *mim* como filho apresenta mais uma vez o seu *eu homem de família*, que mesmo apresentando um mau comportamento com seu pai, percebe seu erro e pede desculpas, mostrando que mesmo errando não é um mau filho.

Entre as sentenças 11 e 18, Falcão inicia com ele mesmo como personagem sem identificar o local onde a história ocorreu, mas desta vez ele trouxe um marcador de tempo para indicar que a ação havia ocorrido no dia anterior ao dia da entrevista. Ele inicia a narrativa com uma sentença não indexada descriptiva relatando o seu sentimento de fraqueza diante do crack através do seu *eu usuário de crack*. O dinheiro que ganhou com seu trabalho e as suas clientes surgem na história como os pertences que compõem seu *mim* guardador de carros que constitui o seu *eu trabalhador*. Ele segue contando como os eventos se deram nas sentenças 13 e 14, tornando a descrever o que sentiu (15), desta vez trazendo a tristeza como sensação pela voz do *eu em tratamento*, pois agora já é capaz de ponderar. Com essa mesma voz ele segue e finaliza com argumentos que demonstram o sentimento do arrependimento que o levou a esta tristeza.

A narrativa seguinte (sentenças 19 a 28) é iniciada com um resumo do que ela tratará, que é o sentimento de fraqueza de Falcão diante do crack, a sua falta de controle de si mesmo diante da dependência química. A narrativa é iniciada pelo mesmo *eu* que encerrou a narrativa anterior, o *eu em tratamento*, que analisa as atitudes tomadas pelo narrador. O sentimento que foi expresso na primeira sentença (19) é justificado na sentença seguinte (20) e funciona como ponto de partida para os eventos das sentenças 21 e 22. Nas sentenças não indexadas descriptivas (23 a 25) ele volta ao *eu usuário* e remonta a experiência que ele teve ao fazer o uso do crack. Então o *eu em tratamento* retomou a autoria da narrativa na sentença 26 e ele avaliou aquela situação com o argumento de que é incapaz de chorar, pois acha que não tem mais lágrimas. Durante este relato não se evidenciaram relações de pertencimento que pudessem indicar a constituição de um *mim*. Podemos observar nesta narrativa o conflito de sentimentos do narrador, que ao fazer uso do crack começa a pensar em roubar para fazer mais uso e quando vai saindo do efeito da droga pondera e declina deste pensamento ao constatar que iria fazer uma besteira e começa a chorar.

Na narrativa que se segue (sentenças 29 a 44), além dele mesmo, Falcão traz na secção de orientação um personagem subentendido, que é Deus. Pois para ele, Deus o livrou de uma consequência trágica no evento relatado na narrativa. Ela é contada pelo *eu em tratamento* de Falcão, que inicia orientando sobre a situação, um acidente de trânsito, e segue justificando com os motivos que ele julga ter determinado a ocorrência do evento nas sentenças 30 e 31. Ele segue remontando a história do acidente entre as sentenças 32 e 41. Ele ainda chega a descrever como se sentia antes do acidente, mesmo com o consumo de álcool e crack. Na sentença 42 ele recorre ao *eu usuário* para contar o que sentiu no momento do acidente, momento em que ele estava em uso. Ele não lembra e quando afirma não saber o que lhe

aconteceu, nos passa o seu sentimento de vazio, a ausência de experienciar algo que lhe ocorreu. No seu resultado ele lembra que sofre de ataques epiléticos e afirma que foi isso que lhe aconteceu. Um fato interessante é a maneira como ele se reporta a esse evento como se fosse algo pertencente a um passado distante, quando diz:

“Nesse tempo eu fumava maconha e bebia cachaça, né?”

A locução “nesse tempo” dá a ideia de distanciamento, fazendo-nos entender que o fato se deu há algum tempo e que isso não lhe acontece mais. No entanto, tudo o que ele narrou acontecera na semana anterior à entrevista, tanto que em seguida ele descreve estar sentindo melhoras no olho e na mão que ele machucou no dia do acidente. Esse dado nos leva a refletir acerca da diferença entre o tempo cronológico e o tempo psicológico, pois mesmo se tratando de um fato recente, nosso narrador já se encontra distanciado desse evento. Tanto que ele se considera uma pessoa diferente daquela que ele era no momento do acidente. No dia do acidente ele era uma pessoa que bebia e que fumava maconha, hoje ele não é mais. Ele assumiu que houve uma descontinuidade no self: ele era usuário de crack semana passada, hoje não é mais. Além da mudança de um *eu usuário de crack* para um *eu ex-usuário de crack*, Falcão fez relações de pertencimento do seu *mim liso* com a falta do *trocado*, do *cigarro* e da comida por ter gasto todo seu dinheiro com o crack, instituído pelo seu *eu usuário de crack*, que é um ser sem nada. Ele também trouxe relações de pertencimento com a *avó* e mais uma vez com o *irmão*, indicando respectivamente um *mim neto* e um *mim irmão*, que formam o seu *eu homem de família*. Finalmente, foi identificada também uma relação de pertencimento dele com a sua *certidão de nascimento original*, que é um *mim documentado*, constituindo o seu *eu cidadão*.

Na oração seguinte (sentenças 45 a 60), Falcão narra como era sua vida quando ele traficava e tinha dinheiro e compara com o que é agora que ele não trabalha mais na venda de drogas e não tem dinheiro. Sua história é construída pela voz do *eu em tratamento*, que analisa as consequências de seus atos enquanto está em uso. Ao iniciar a secção de orientação, Falcão relata que já foi traficante, mas que a venda de crack era considerada por ele como um trabalho. Dessa maneira pode-se dizer que ele traz mais uma vez o seu *eu trabalhador*, dessa vez composto pelo *mim traficante ou vendedor de crack*. E é importante que levemos em consideração as informações obtidas nas outras narrativas, que revelam que suas relações com o dito trabalho também estão diretamente ligadas ao frequente consumo que ele fazia da droga. Portanto, este *eu trabalhador* é constituinte do seu *eu usuário de crack*. Ele segue a narrativa expondo que se sente em um momento ruim de sua vida, sem amigos. Mas na frase seguinte ele justifica que se encontra sem amigos por que seus amigos estão presos. Nem

todos estão presos, mas deixa subentendido nas frases seguintes que não tem mais contato com os amigos da época de traficante, nem com as mulheres. As que ainda o procuram, o faz por interesse nos seus cigarros, situação que o desagrada. Então ele segue contando como elas procedem quando ele está fumando e encerra a narrativa contando sobre sua reação: às vezes ele fica irritado, às vezes ele dá o que resta do cigarro. São duas reações diferentes que dependem da maneira como está se sentindo no momento, por isso a sentença 60, assim como as sentenças 46, 52 e 56, expressa a maneira como ele se sentiu no evento descrito. A única relação de pertencimento clara no texto criado pela narrativa de Falcão é com relação às amizades do tempo que ele era traficante, amizades que nem tem mais, mostrando seu *mim* amigável e compondo um *eu amigo* com o qual ele nem se reconhece mais, sendo assim um *eu* que descontinuou.

Na narrativa seguinte (sentenças 61 a 70), ele descreve a sua relação com o bairro da Noda, o tráfico e a dependência química. Para ele a ligação entre o local e a dependência é tão forte, que estar no bairro em questão significa fazer uso do crack. Ele relata como se sente por ter traficado crack no bairro da Noda, trazendo a voz do *eu trabalhador* na primeira sentença. Na sentença 62 ele segue falando do bairro da Noda, explicando que foi lá que ele começou a traficar e a fumar também. Então, entre as sentenças 65 a 68 ele tenta justificar a sua relação com o crack e o local em questão, e esta voz que descreve a metáfora da atração entre eles é a voz do Falcão *em tratamento*, que reconhece sua fraqueza diante da droga e que não gosta dessa situação. Ele explica com uma metáfora do inevitável, de forças exteriores agindo sobre si, como se fosse de sua própria natureza ser movido àquela situação. Uma situação incontrolável. Mas juntando as peças apresentadas ao longo da narrativa a explicação parece evidente: quando ele que é usuário está num local onde conhece traficantes e usuários, estando com dinheiro no bolso, torna-se inevitável sucumbir ao uso. Principalmente se ele estiver de posse do valor total ou aproximado de uma pedra de crack. O trecho narrativo entre as sentenças 68 a 70 traz também um *eu usuário de crack*, que não resiste à atração que o bairro da Noda e suas tentações oferecem a ele, tornando o uso inevitável.

Essa narrativa (sentenças 71 a 76) que Falcão criou na sequência tem duas peculiaridades; a primeira é que ela se desenvolve completamente com textos não indexados argumentativos, pois se dá a partir de uma tentativa do narrador explicar o efeito da droga sobre si (sentenças 71 a 73) e a segunda é que ele se refere ao crack como se estivesse se referindo a um personagem. Quando ele fala “essa droga” na sentença 71, ele está fazendo referência ao crack, que atua na narrativa destruindo as coisas de Falcão, acabando com sua felicidade por conduzi-lo a vender suas coisas e as coisas de seu pai. O crack passa a ser uma

entidade com vontades acima das vontades do nosso narrador. Para Lakoff e Johnsen (2003), a personificação é uma das metáforas ontológicas mais óbvias e nos leva a compreensão de uma grande diversidade de experiências por meio de entidades não humanas. Assim é possível criar entendimento sobre fenômenos desconhecidos ou termos de difícil compreensão através de metáforas com as motivações, características e atividades humanas, aproximando-os de termos aos quais temos propriedade e conhecimento (Lakoff & Johnsen, 2003). Segundo os mesmos autores, cada personificação difere de acordo com os aspectos que a pessoa que a cria escolhe utilizar, levando em conta seu modo de entender as coisas e também suas próprias características. No caso de Falcão, a personificação do crack serve para ilustrar a força que a substância química tem sobre o usuário e a maneira como ele próprio se sente diante desta entidade: acuado e impotente. Incutindo-lhe características humanas, é possível ao ouvinte compreender que o nosso narrador não é o único responsável pelas coisas que faz. O crack atua e causa danos não só ao usuário, mas também aos que convivem com ele, como aconteceu ao pai de Falcão nesta narrativa. Ao analisar a sua estrutura, vê-se no resumo da narrativa que ela se desenvolvera sobre o que a droga fez com o nosso narrador. E já no resumo podem-se encontrar relações de pertencimento quando ele fala que “essa droga destruiu muitas coisa minha”. E mais uma vez ele faz uma relação das coisas que perdeu por conta do crack: minha felicidade, meu barraco, meu bujão de gás, a televisão, o som e o celular do pai. Todas essas coisas pertenciam a um *mim* de antes da dependência e foram perdidas pelo *eu usuário de crack*. Desta vez o *eu em tratamento* analisa os estragos que o crack realizou em sua vida e cria estratégias para manter-se longe do uso.

Esta narrativa que segue (sentenças 77 a 81) tem como situação a herança genética do narrador e ele apresenta membros de sua família como personagens. A narrativa se compõe quase que completamente de textos não indexados argumentativos, pois se constitui de uma justificativa do nosso narrador por possuir um porte físico semelhante ao de usuários de crack, mesmo sem ser mais um deles. Apenas na resolução da narrativa que ele usa um texto não indexado descritivo, pois é quando descreve que sente carinho pelo pai. Nesta narrativa são criadas relações de pertencimento com os dois irmãos que mataram, o irmão que mora em Recife, a irmã que mora em São Paulo, a irmã que mora na Noda, constituindo um *mim* irmão, que juntamente com o *mim* filho constituído pela relação de pertencimento com o seu pai, constituem mais uma vez o seu *eu homem de família*.

A narrativa seguinte (82 a 91) traz na sentença 82 um resumo da história e nas secções seguintes coloca como situação o afastamento da sua família (83 a 85) e aponta a sua causa entre as sentenças 86 a 89. O personagem da narrativa mais uma vez é o próprio Falcão, o

local não foi determinado e o tempo em que a história acontece é o presente. A sentença 82 começa a ser narrada pelo seu *eu em tratamento*, que olha a situação como uma chance de aprendizado. Na mesma sentença ele menciona seu *eu trabalhador* e seu *eu usuário de crack*. Na parte avaliativa da narrativa é também a parte que ele faz a análise do conhecimento. É o trecho em que ele justifica a atitude de afastamento da família, falando da sua falta de controle com relação ao álcool e o crack. Ele exemplifica com a situação em que passou na casa da avó, no qual foi tratado de maneira impessoal, sendo enxotando pela avó na sentença 91. Ele reconhece que suas ações justificam o tratamento dispensado por sua família, mas evidencia detalhes da relação que o incomodam. Ainda assim, faz relações de pertencimento com essa família que o destrata, considerando-se neto e sobrinho dessas pessoas. Ele se coloca na narrativa com o *eu homem de família* para falar do afastamento da família, além de se apresentar mais uma vez com o *eu usuário de crack* através das falas que tratam de seu descontrole com relação ao consumo, como visto nas sentenças 87 e 88. Ao fim, a narrativa é encerrada com a expressão “e pá”, que tem o mesmo significado que “e pronto”, tendo a função de indicar que a narrativa foi encerrada naquele momento.

A narrativa seguinte (92 a 94) é bem curta e traz como situação a motivação para frequentar o CAPS e por isso se constitui de textos não indexados argumentativos. Como o contexto da narrativa é o convívio no CAPSad, o *eu* que toma a voz é o *eu em tratamento*. Ele explica que suas amizades do CAPS o motivam e que o fato de também terem passado por muitas situações difíceis os aproxima. Com eles o nosso narrador fica a vontade para conversar, sem constrangimentos, pois se tratam de pessoas que entendem o que ele passa. Uma observação que fiz quando procurava o Falcão para realizar a entrevista é que todas as pessoas presentes no ambiente podiam identificá-lo, mesmo com o pouco tempo de tratamento no CAPSad. Tanto usuários do serviço quanto os funcionários sabiam informar a sua rotina e horários dentro do serviço. Este é um dado importante quando pensamos na importância da formação de vínculos para a manutenção do tratamento. Scaduto e Barbieri (2009), em um estudo sobre a adesão de adolescentes ao tratamento da dependência química, nos trazem que tanto a qualidade do relacionamento familiar quanto do relacionamento com a equipe e a instituição onde se realiza o tratamento foram apontados pelos adolescentes como fatores que influenciam na adesão ou não ao tratamento. Mesmo não tendo um bom relacionamento e apoio de sua família, o vínculo com as amizades do CAPSad o motivam a frequentar o serviço e o faz trazer mais uma vez na narrativa o seu *eu amigo*. Mas desta vez no tempo presente e diferente do anterior, já que ele é uma pessoa diferente e que se reconhece através de novos pares, configurando um novo *eu amigo*.

A próxima narrativa (sentença 95 a 102) traz como situação a relação que ele tinha com o seu trabalho de vendedor de prestação, sendo inicialmente orientado pelo *eu trabalhador*. Sua narrativa é predominantemente formada por textos indexados, ele apenas expõe a sequência de eventos sem tecer juízo de valor, por este motivo, a narrativa também não apresenta secções de avaliação. Ele conta que trabalhou nove anos vendendo produtos de porta em porta à prestação para o seu primeiro empregador, o paulistano, e depois passou a trabalhar para outra pessoa. Não nos diz o motivo de ter deixado de vender para o paulistano, mas conta o que a parte do produto vendido que era destinado a ele financiava o uso de crack. Da mesma maneira ele usava o dinheiro que deveria ser destinado à sua refeição, situação que é explicitada no resultado de sua narrativa. É também no resultado da narrativa que dois *eus* de Falcão se cruzam e caminham juntos: o *eu trabalhador* e o *eu usuário de crack*. No início ele era um bom vendedor, tanto que passou nove anos com o mesmo empregador. Quando ele era vendedor do Paulistano ele era apenas o *eu trabalhador*, mas quando foi trabalhar para o outro, já estava fazendo uso constante da droga. Então seu *eu usuário de crack* começou a interferir e se sobrepor ao *eu trabalhador*, fazendo-o desaparecer, junto com o material que ele nos contou na primeira narrativa que vendeu para comprar crack. Nem trabalhador e nem trabalho: o *eu usuário de crack* se desfez dos *meus* e *mins* que compunham o *eu trabalhador*, destruindo os pertences e as relações de pertencimento com o qual Falcão os constituía.

Na sequência (103 a 105), a narrativa tem como situação a recuperação do apoio da família no momento presente. Como personagem ele traz a própria família, que não é detalhada por componentes. Inicialmente ele expõe que agora recebe apoio da família e segue argumentando que esse fato se deu por que agora ele está merecendo, está demonstrando que quer mudar, já que está se tratando. Quando faz referência à família não fica claro na frase quem são as pessoas que fazem parte deste grupo, mas em outra narrativa ele descreve quem seriam os participantes desta família que agora o apoiam, como veremos mais adiante. A narrativa é encerrada secamente com a expressão “e pronto”, que poda qualquer outro argumento que poderia vir a seguir. As relações de pertencimento que ele constitui nesta narrativa se dão com a sua família, trazendo o *eu homem de família* na primeira sentença e que se cruza com seu *eu em tratamento* na segunda sentença e esse narrador *em tratamento* traz a expectativa de mudança para aquela vida do *eu usuário de crack*.

Outra situação é exposta agora numa nova narrativa (106 a 112): a falta de segurança. Ele inicia a sequência de orações relatando que se encontra em uma situação de risco, como se vê nas sentenças 106 e 107. Essa sensação de desconfiança é tão grande que ele acaba avaliando que não pode confiar nem na própria sombra (111), argumentando que ela pode sair

do seu lado (112). A relação de pertencimento que ele cria nesta narrativa é com sua própria sombra, que representa a ele mesmo, fazendo uma alusão à sua falta de confiança em si. E o *eu* que ele indica que não merece confiança é o mesmo que precisa de uma faca para se proteger, pois se pessoas boas são assassinadas, pessoas que não merecem confiança precisam ficar atentas. O *eu* em que Falcão não confia é aquele que o levou a vender crack, que perdeu o apoio da família, que o levou a se desfazer de seus próprios bens e dos bens do seu pai: o *eu usuário de crack*.

Na narrativa seguinte (113 a 123), o personagem apresentado inicialmente é a funcionária do CAPS que serve o almoço. O local não é explicitado diretamente, mas sabemos que ele se refere ao CAPS. O tempo é o presente, pois apresenta como situação a sua rotina no CAPS, com foco inicial no tratamento dispensado por Dona Miriam; uma personagem importante na narrativa dele por desempenhar um papel de acolhimento e de atenção que só lhe é dada pela família vez por outra, como se pode observar entre as sentenças 113 e 115. A sequência das sentenças dá a ideia de comparativo entre o que é feito pela funcionária do CAPSad e o que é feito pela sua família. A dedicação de dona Miriam acaba sendo conectado ao afastamento da sua família, formando um contraponto entre os papéis que estes personagens representam para ele. A funcionária da cozinha do CAPS está cumprindo o dever em seu trabalho quando lhe serve o alimento, mas o tratamento caprichado que ela lhe oferece não faz parte de seu dever e sim do tratamento esperado pelo narrador que viesse de sua família. Enquanto na narrativa anterior a sua avó lhe serve a comida e em seguida lhe diz “desaparece”, dona Miriam capricha na sua refeição por saber que ele não tem onde comer. As relações de pertencimento que Falcão desenvolve nesta narrativa se dão com sua família, trazendo mais uma vez o *eu* homem de família e com o CAPS, constituindo seu *eu em tratamento*. Quando diz sou de tarde e de noite ele está fazendo vínculo com os turnos com que frequenta o serviço, assumindo seu *mim* usuário do CAPS que é constituinte do *eu em tratamento*. Este *mim* nos mostra que ele não se considera mais um usuário de crack por estar agora vinculado aos serviços do CAPS. Após nos contar que frequenta os dois turnos, Falcão justifica que fica lá nestes horários para não ficar fazendo ou pensando besteira. A besteira é o uso de crack. E ele segue com a narrativa contando o que faz durante esse período e no resultado ele traz um texto não indexado descritivo, afirmando que é bom estar lá. O convívio com as pessoas, a participação nas atividades do serviço e os momentos de lazer lá dentro estão lhe fazendo bem.

A próxima narrativa (sentenças 124 a 137) gira em torno de uma garota que Falcão denomina apenas como uma pirraia de 13 anos, relatando uma situação em que ela o convida

para fazer sexo em troca de dinheiro. Ele enfatiza as circunstâncias a que ela se submete para manter o seu consumo de crack. A pirraia de 13 anos é um personagem que surge como um comparativo daquilo que ele era, da maneira como ele se comportava, das coisas que um usuário crack é capaz de se submeter para suprir seu desejo de consumir a droga. Este olhar só é possível graças ao aprendizado que ele teve e ainda tem no CAPSad. Ele agora é capaz de discernir entre o sujeito em uso e o sujeito sem uso. Seu *eu em tratamento* consegue distinguir o que é o comportamento da pessoa sem o efeito do crack e o que ela faz sob e em busca dos efeitos das drogas. A primeira referência que ele faz da pirraia é com relação à idade, pois assim como aconteceu com ele, a garota desperdiça a sua juventude no uso de crack. Ela iniciou o uso muito mais jovem, pois em seu relato ele afirma ter iniciado por volta dos 24 anos, na mesma época em que começou a traficar. A segunda referência que ele faz a garota é corporal, com relação a sua extrema magreza que já é considerada característica ao usuário de crack, assim como a falta de higiene e os dedos queimados. Após orientar acerca desta personagem, ele segue com os eventos que relatam a história de prostituição da pirraia que oferece serviços sexuais em troca de um valor baixíssimo de dinheiro, o suficiente apenas para comprar uma pedra de crack. Após a exposição do evento em que nega ser conivente com a prostituição da garota, ele traz três orações não indexadas argumentativas para explicar por que ele não queria fazer sexo com a pirraia de 13 anos. Para Falcão ela é uma criança e ele sabe que é ilegal o envolvimento sexual com crianças e que se a polícia pega-lo ou a qualquer outra pessoa mantendo relações sexuais com ela, o destino será a cadeia. Então ele prossegue com a narrativa contando que ela fica chateada por sua recusa em pagar por seus serviços e que mantém sua postura de negação com relação a ela. Então ele resolve a narrativa dizendo que seu interesse com ela não é sexual, mas apenas de amizade. Assim, o *eu* que é constituído na narrativa é um *eu amigo*, já que ele se denomina como amigo dela e se recusa a manter relações sexuais como uma maneira a protegê-la. Quando cita as possíveis punições legais aos que mantiverem contato sexual com uma criança, traz também como argumento o seu dever civil de cumprimento da lei, constituindo assim a fala do *eu cidadão*.

A narrativa seguinte (138 a 146) tem como situação a magreza de Falcão, fazendo uma sequência com a narrativa anterior e, portanto, continua a ser contada pelo *eu em tratamento*. Ele relatou anteriormente a história da pirraia magra e agora conta a sua própria história com a magreza, mas se diferenciando daquilo que relatou sobre ela. A secção de orientação é iniciada justificando que Falcão está mais cheinho, criando um relativo afastamento daquilo que era em sua avaliação nos textos não indexados argumentativos em seguida: extremamente magro por que fumava muito e em sua concepção fumar muito é conseguir passar horas em

uso ou mesmo um dia inteiro. Ele fumava tanto crack que chegou a apresentar um aspecto de morto-vivo, como relata nas secções de complicações que se seguem. Seus amigos o compararam com um zumbi e o mandaram olhar no espelho para perceber o que andava fazendo ao próprio corpo. Ele resolve a narrativa afirmando que se olhava, mas que não chegava a se importar a ponto de tomar alguma atitude. Não fazia nada a respeito. As relações de pertencimento que constitui nesta narrativa são com o próprio corpo; primeiro com o corpo mais cheinho do *eu em tratamento* e depois com o corpo magro, seco do *eu usuário de crack*. Através deste comparativo que cria em sua narrativa, Falcão quer nos mostrar que agora está bem e que percebe o quanto ruim era a sua situação, assim como ainda é a da pirraia magra de 13 anos. O outro *eu* que ele constitui na narrativa é o *eu amigo*, constituído pela relação de pertencimento com amigos da época de usuário que tentavam alertá-lo quanto às condições em que ele se encontrava.

Na próxima narrativa (sentenças 147 a 161), a situação nos é apresentada numa secção de resumo: um coroa que ele conhece paga dez reais para manter relações sexuais com a pirraia de 13 anos. A história se desenrola a partir de textos indexados, onde ele nos orienta temporalmente, indicando que o acontecimento se deu há um mês e segue contando que foi num dia em que bebeu no barraco do tal baixinho que ele descobriu que esse homem tinha relações sexuais com a pirraia. Ele avalia o comportamento da garota como o de uma atriz pornô, pois ela não se importou em ser flagrada num momento tão íntimo. Ela agia tranquilamente e prosseguiu se vestindo. Na sentença 152, Falcão conta que apenas olhou o homem e através da expressão “porra” ele demonstra espanto, relatando como se sentiu naquele momento. Quando nos diz que olhava pra a cara do baixinho, ele o fitava com a intenção de mostrar o quanto aquela situação era errada. Como se ele tivesse muito a dizer e engolisse. Então ele resolve prosseguir com a narração sem tecer comentário sobre o que viu e na sentença 155 o baixinho retoma o assunto da garota, gabando-se pelo feito. Na sentença seguinte ele relata que alertou o homem que aquilo era errado, que se a polícia pegasse ele seria punido por que ela é uma criança. Mas seu alerta não surtiu efeito, como se vê na sentença 157 em que o baixinho ignora o que Falcão falou. Ele segue com a complicações e no resultado argumenta que não quer mais a companhia desse homem, que não vai beber mais com ele. E seguida muda o foco para a bebida dizendo que não quer beber com mais ninguém por que não pretende beber mais, gerando mais uma vez o sentimento de ambivalência em Falcão. Primeiro ele planeja um futuro que ele bebe, mas que não bebe com aquela pessoa em questão; depois ele pensa melhor e decide que não quer um futuro com bebida. Por se tratar de um relato de algo que ele presenciou, mas que não foi o pivô da história, nesta narrativa ele

não constituiu relações de pertencimento nem com os personagens e nem com qualquer elemento apresentado na sua história. No entanto, mais uma vez ele cita as possíveis punições legais ao crime de pedofilia, constituindo outra vez a fala do *eu cidadão*.

Agora ele traz mais uma história protagonizada pela pirraia de 13 anos, desta vez a situação é a falta de higienização e novamente tece um comparativo consigo mesmo quando em uso, contando-nos na voz do *eu usuário*, entre as sentenças 162 e 168. Esta narrativa inicia usando texto indexado para lançar a situação tema e segue com textos não indexados argumentativos, pois todas as orações seguintes tem o propósito de justificar a observação feita nas sentenças 162 e 163. Na secção de orientação ele indica a situação e continua avaliando-a nas sentenças 164 a 167. Na sentença 166 ele começa a se implicar quando usa o seu próprio comportamento como parâmetro comparativo. O asseio pessoal ficava em segundo plano. Apenas o crack importava. Mais uma vez ele usa a história da pirraia para falar sobre si, resgatando a memória de seu *eu usuário de crack*.

A narrativa seguinte (sentenças 169 a 176) é quase toda formada por textos indexados, com exceção de duas orações não indexadas argumentativas 172 e 173, onde cria um momento avaliativo. Durante a secção de orientação somos informados que a história tem como situação a sua relação de amizade com o colega que está preso. Inicialmente o personagem Ted é apresentado como colega, mas agora já exerce uma função de aconselhamento, mesmo que seja por recados através do pai, demonstrando preocupação. Então, nosso narrador argumenta na sentença 172 que respeita a opinião do colega, pois ele é como um irmão e na sentença seguinte traz mais um argumento: o rapaz foi o único que chorou quando Falcão sofreu o acidente. As relações de pertencimento que ele constituiu nesta narrativa foram com o colega que evoluiu para o status de irmão e com o tio, evidenciando em mais uma narrativa o seu *eu homem de família*. No entanto, sua história se contradiz em dois pontos: o primeiro é na sentença 169 ele afirma que Ted está no presídio e na sentença 173 ele diz que o amigo foi visitá-lo no hospital e o segundo é na sentença 176 o sei tio pergunta se o Ted é seu irmão, dado que provavelmente ele já possuiria por ser parte da família. O que podemos concluir sem chegar a questionar a veracidade dos fatos é que Falcão escolheu falar desse amigo e construiu uma narrativa em que este amigo é seu irmão. Assim ele aumentou seu círculo familiar. E assim, ele inseriu mais uma vez o *eu homem de família* na autoria narrativa.

A narrativa de 177 a 186 trata da iniciação do usuário de crack, mas o personagem não é Falcão, é o próprio crack. Mais uma vez o narrador se utiliza da metáfora da personificação para nos aproximar da sua realidade, mas dessa vez a própria droga vira personagem. A

narrativa é iniciada apresentando o crack como personagem. Logo depois ele nos traz uma secção avaliativa, onde afirma que o crack veio transformar os brasileiros no zumbi do clipe do Michael Jackson. Esse comparativo entre o usuário de crack e o zumbi é uma metáfora para compreendermos como o crack age no corpo e na mente do usuário. O uso de metáforas é comumente utilizado para que possamos criar compreensões acerca de eventos ou fenômenos que são estranhos à nossa realidade (Lakoff & Johnsen, 2003) e é com esse intuito que o narrador tece essa comparação. O zumbi do clipe tem um aspecto físico deplorável: olhos esbugalhados e fundos, ossos protuberantes que evidenciam a sua extrema magreza e pele sem cor. É conhecido que os zumbis são mortos vivos que agem apenas por instinto e que o usuário de crack quando está sob efeito da droga age apenas em prol da continuidade do consumo. No entanto, o comparativo que ele faz é com o zumbi do clipe, que só apresenta os aspectos físicos da criatura, o que fixa a metáfora apenas na estética do usuário de crack. Após este comparativo, ele segue com textos indexados que expõem as etapas em que o traficante leva uma pessoa ao vício, entre as orações de complicação 179 a 182. Desta maneira, os usuários vão abastecendo os traficantes, segundo apontado nas orações não indexadas argumentativas de 183 a 186. Nesta narrativa percebemos que Falcão nos passa uma ideia de usuário passivo, pois quem age é o crack e o traficante; ao usuário cabe apenas o papel de aceitação do que lhe é imposto por esses dois agentes. Não foram criadas relações de pertencimento nessa narrativa, pois ele não se implica na história e nem com seus elementos. É mantido certo distanciamento, como se aquilo fosse algum tipo de verdade universal: “É por que é”. No entanto, esta narrativa é constituída em cima da sua experiência como usuário de crack, o que nos permite entender que ele fala através de seu *eu usuário de crack* para remontar suas experiências e generalizar, como se representasse a experiência de todos os usuários, o que ele só pôde perceber ao iniciar o tratamento. Portanto, seu *eu em tratamento* também se faz presente na construção desta narrativa através da percepção de enredamento em que a dependência coloca o usuário.

A narrativa a seguir (sentenças 187 a 196) é iniciada por uma secção de orientação que é também um texto indexado. Ela apresenta a vida como personagem e suas surpresas como situação utilizando-se mais uma vez da personificação e tentando se eximir de responsabilidade por algo que ele irá nos contar, por que a vida tem surpresas e ele não tem como evitar. A segunda oração avalia a primeira, justificando que as surpresas nem sempre são boas, principalmente quando se trata do crack, que se configurou como uma péssima surpresa na sua vida. Nessa fala ele nos mostra a sua impotência frente ao crack: ele nada

pode fazer, nos levando mais uma vez na direção da inevitabilidade do uso de droga para o *eu* do Falcão *usuário de crack*. Pela maneira como ele coloca a situação:

- A vida tem surpresas \Rightarrow o crack é uma surpresa péssima

É uma maneira de mostrar que ele foi enredado. A narrativa anterior mostra como os traficantes enredam as pessoas até que eles se viciem. Esta começa mostrando como a vida o enredou. Da mesma maneira que o crack em outras narrativas, a vida é apresentada como um personagem independente que coloca o usuário numa posição passiva. Ela é claramente apresentada como uma entidade à parte do narrador, da qual ele não possui nenhum controle. E pelo modo em que ela é colocada, não parece haver vínculo entre eles, já que não houve relação de pertencimento representada através de pronome possessivo. Mesmo que esta relação de pertencimento esteja subentendida, por tratar-se de um relato de suas experiências, Falcão não deixa claro referir-se à sua própria vida. Deste modo, ele se exime um pouco da responsabilidade pelas coisas que lhe aconteceram colocando-a na vida e as surpresas que ela trouxe. Nas secções de complicações de 190 a 192, ele começa a expor a relação que existe entre o consumo de álcool e o do crack. Então ele traz duas secções avaliativas, 193 e 194, que fazem parte de um texto não indexado argumentativo onde ele tece reflexões na voz do *eu em tratamento*, fazendo planos para manter-se longe do uso de crack. Ele não constrói relações de pertencimento na história, mas se reporta na posição de ex-usuário de crack e de usuário dos serviços do CAPS, sendo o seu *eu em tratamento* um *eu* em transição.

Na narrativa seguinte (197 a 240), nosso narrador continua se utilizando do recurso da personificação para falar do crack, orientando a narrativa com uma situação que remete ao narrador *usuário de crack*. Dessa vez ele inicia a narrativa apresentando o crack como personagem e nesta secção de orientação ele atua como responsável direto pela ativação da libido do narrador, indicando como o crack influencia na sexualidade do usuário. Na secção de orientação ele conta que o crack dá tesão e lembra de um episódio em que vendeu um pertence de seu pai por esse motivo. Ele traz a complicações do evento em uma sequência de textos indexados, contando sobre a proposta de sexo que recebeu de uma mulher. As sentenças não indexadas argumentativas 203 e 204 se referiam à sua justificativa para aceitar a proposta. Nas sentenças 207 a 209 ele justifica por que não deu certo. Os seus sentimentos com relação ao evento narrado foram de raiva na sentença 225 e de frustração nas sentenças 226, 227, 230, 231 e 235. As sentenças 228 e 229 justificam a sua frustração. Todos esses momentos rememoram experiências e sentimentos do *eu usuário de crack*, mesmo no resultado da narrativa, que traz três sentenças argumentativas em que ele traz a moral da história. Esse aprendizado é proveniente das suas situações de uso, permanecendo então a voz

do narrador *usuário de crack*. O resultado da narrativa traz uma semelhança com a narrativa anterior: a aparente ausência de culpabilidade de Falcão. Mais uma vez ele foi enredado, só que agora pela usuária de crack que o seduziu com a proposta sexual. No entanto, ele assume sua parcela de culpa quando diz que sabia que isso aconteceria, ficando com raiva de si mesmo ao fim da história. Levando-nos a concluir que ele se colocou mais uma vez numa situação ambivalente, pois a culpa é simultaneamente da mulher que o convenceu e dele que previu o desfecho daquele evento e ainda assim prosseguiu. O self do sujeito que predominou neste relato foi o *eu usuário de crack*, que mais uma vez tomou a frente de outros *eus* que poderiam surgir na narrativa, mas que não é responsável pelos seus atos, por ser um *eu* passivo. A sua voz de sujeito em tratamento surge nos momentos em que apresenta valoração negativa aos seus atos e também quando ele reflete que ficou com raiva de si, constituindo assim o seu *eu em tratamento* mais uma vez. A única relação de pertencimento que surge na história é com o seu pai, trazendo o seu *mim* filho que foi atravessado e dominado pelo *eu usuário de crack*, sendo impedido de agir em defesa das coisas do pai.

Nesta narrativa (241 a 247), a secção de orientação nos apresenta como personagens as noiadas, maneira como comumente chamam as usuárias de crack. A situação indicada na orientação é a falta de confiança nessas mulheres. A narrativa segue em secções avaliativas em textos não indexados argumentativos entre 242 e 246, onde Falcão nos explica o motivo dele não confiar nessas noiadas, já que o envolvimento pretendido é sexual. Na resolução, ele conclui que o melhor é não se relacionar sexualmente com elas, onde a expressão “e olho assim” nos indica que houve um momento de reflexão antes dele decidir que é melhor “deixar para lá”. Nota-se que ele ensaia iniciar uma nova oração ao fim da resolução, mas para sem complementar o verbo que ele utiliza, fechando a resolução por suspensão da fala, que é uma das modalidades de encerramento de narrativas reconhecidas por Labov. Além do mais, nota-se que a narrativa acima faz sequência a uma narrativa que fala sobre relações sexuais, funcionando como uma continuação desta. Na secção de orientação ele indica apenas que não confia nelas, mas a narrativa segue com a mesma temática da anterior, fazendo com que o narrador se afaste do tema introduzido para recuperar o tema da narrativa anterior. Isso acontece por que as narrativas contam histórias independentes, estão sendo avaliadas separadamente, mas são narrativas que compõem a história de vida desse sujeito e foram construídas num único relato. Nesta narrativa, Falcão não cria relações de pertencimento e nem deixa claro o personagem que o representa. Mas tem como um de seus argumentos o aconselhamento recebido de sua TR Graziela, que o leva a ponderar antes de agir, sendo assim guiado pelo *eu em tratamento*.

Na narrativa que vai das sentenças 248 a 261, esse *eu em tratamento* continua com a fala e nos traz uma narrativa reflexiva, iniciando com textos não indexados argumentativos onde avalia que não quer mais essa vida de usuário. Entre as sentenças 248 e 251, ele avalia que a vida do crack é vida de otário, que cria expectativas ilusórias e faz com que as pessoas façam bobagens no local onde mora. Na sentença 252 ele traz uma secção avaliativa que é um texto não indexado descriptivo que demonstra o que ele sente com relação ao que relatou nas sentenças anteriores. E então começa a se reportar a sua área como dentro e as outras localidades como fora. Essa relação de pertencimento a um local mostra que ele tem um caráter de cidadania implícito, nos trazendo evidências de um *eu cidadão* que cuida de sua comunidade. Admite que não aja sempre de maneira condizente ao que se espera de um bom cidadão e que prefere poupar sua vizinhança de seus excessos. Ele segue com sentenças de complicaçāo, nos trazendo uma sequência de eventos que contam como costumava se portar quando estava querendo se divertir com seus amigos que agora estão presos. Na sua resolução desta narrativa, Falcão nos traz duas orações não indexadas, sendo a 260 uma sentença argumentativa que justifica seu comportamento na narrativa e a sentença 261 que é descriptiva e representa um sentimento seu e de seus amigos. Uma conclusão interessante quando percebemos que a única relação explícita de pertencimento que cria na narrativa provém do pronome possessivo e permite que na resolução ele fale em nomes dos seus. Seu *eu homem de família* se mostra numa forte relação de posse dos seus outros dois irmãos vivos que tá na cadeia, a ponto de conhecer e expressar os sentimentos desses amigos que ele considera como irmãos.

A narrativa seguinte (262 a 284), inicia com o *eu homem de família*, orientando entre 262 e 263 acerca dos personagens e segue na complicaçāo contando o que aconteceu aos seus amigos. Essas secções tratam de textos indexados expondo os fatos sem nenhum tipo de julgamento, mas é interpelado pela sentença não indexada argumentativa 267 em que o narrador avalia que a intervenção divina o livrou de ter ido preso juntos com seus amigos. Então ele volta a expor os fatos em sequências de complicaçāo a partir da sentença 268 e nos conta que precisou ir a casa de seu pai no interior do estado e que foi nesse período de tempo que os amigos foram presos e ele acredita que foi Deus que o livrou da prisão. Em seguida afirma dar apoio aos amigos que estão presos, nos situa quanto ao tempo em que estes eventos aconteceram e inicia a sua avaliação da narrativa até chegar à resolução. Em sua avaliação entre 280 e 284, ele nos traz como lição tirada dessa história é que o crack é o culpado por tudo o que aconteceu e que ele não quer voltar a ser o zumbi do clipe do Michael Jackson. Do ponto de vista da análise do self, ele fala através do seu *eu usuário de crack*, um *eu* que ele

afirma não ser mais e nem quer ser outra vez. Ele não se reconhece mais com esse *eu*, mas teme a possibilidade desse *eu* reassumir o controle, nos mostrando que ele ainda está em transição entre o Falcão zumbi e o Falcão saudável. Isso nos indica que o *eu* que nos conta essa história é o seu *eu em tratamento* e que, portanto, houve descontinuidade do self.

Ao encerrar a narrativa, foram feitas as perguntas do questionário e algumas delas geraram narrativas que fizeram a EM prosseguir. Foi perguntado a Falcão se alguém da família já veio ao CAPS e ele respondeu que não. Ai eu tentei esclarecer o intuito da pergunta fazendo outra pergunta: “Porque aqui tem um dia de reunião, eu acho que é na quarta feira, que é pra a família. Eles nunca vieram?” Então, com sua resposta foi gerada a narrativa de 285 a 305. Durante toda a narrativa ele mantém seu *eu homem de família* presente através das relações de pertencimento com sua família, desta vez como filho, sobrinho e neto. Até a mãe falecida foi citada na narrativa, de maneira pesarosa, como se justificasse que ele tem mãe e que ela só não o apoia por que já morreu. A narrativa foi iniciada com textos não indexados argumentativos, indicando sua intenção de justificar a ausência de seus familiares nas reuniões do CAPS na sentença 286: eles não se importam. Segundo a descrição que faz das pessoas de sua família quando questionado no fim da entrevista sobre a participação desta em seu tratamento, percebemos que ele não restringe o termo apenas à sua família nuclear (pai e mãe), mas também a sua família extensiva formada por irmãos, avó, tio e tia maternos. Nas sequências 288 a 293 ele conta que a família não acreditava que ele queria se cuidar, culminando na sentença não indexada descritiva 294 e avaliativa que descreve o que ele sentiu no momento como uma dor. Ele afirma que aquilo dói. Na sentença 301, Falcão traz uma relação de posse com a sua TR através da reprodução da fala do tio, indicando o *mim* usuário do CAPS. Então é trazido mais um texto não indexado descritivo na linha 302, que indica o que ele sentiu naquele momento: Falcão ficou animado em saber que estava retomando a credibilidade com seu tio. A narrativa é criada no contexto do tratamento e é encerrada com argumentos acerca de seu desejo de mudança, trazendo o seu *mim* usuário do CAPS que constitui seu *eu em tratamento*, narrador da história acima.

Aproveitando o momento, resolvi colocar mais uma questão: Tu já convidaste alguém da tua família para a reunião? E a resposta gerou outra narrativa (sentenças 306 a 310). A narrativa é bem curta e totalmente formulada por textos não indexados argumentativos, além de ser composto basicamente de avaliações, com ressalva para as secções de orientação e o resultado. O texto foi guiado por uma pergunta e acaba sendo uma maneira de ratificar a sua narrativa anterior, trazendo a possibilidade de uma eventual participação de seu irmão. Uma observação interessante é que no fim da narrativa anterior Falcão teceu uma reconciliação

com o seu tio, o que pode ser confirmado nesta narrativa em que o tio não está mais na lista dos que não se importam com ele e seu tratamento. O *eu* que nos conta a história acima é o *eu em tratamento*, que faz menção à participação familiar nos encontros dos grupos do CAPSad, evocando o *eu homem de família*.

Frente à certeza com que ele afirma que os familiares não viriam ao CAPS para a reunião da quarta-feira com os familiares dos usuários do serviço, foi-lhe lançada outra questão: Como tu sabes se tu nunca chamaste?

A narrativa gerada (sentenças 311 a 323) também é composta totalmente por textos não indexados argumentativos, por ter o mesmo intuito de justificar o ponto de vista do narrador e assim como a narrativa anterior, essa é majoritariamente avaliativa. O contexto ainda é a participação familiar no tratamento, sendo então narrado pelo *eu em tratamento* que dá lugar ao *eu homem de família*. Ele traz argumentos para convencer que seus familiares não virão, dizendo que eles só o apoiaram quando ele lhes era útil, mas agora não o apoiam. Ele os conhece e sabe que não deve chama-los por se sentir distanciado, tanto que quando os menciona nesta narrativa eles deixam de ser a sua família e passam a ser a família da minha mãe. Mesmo com esse distanciamento, o *eu* que ele constitui na narrativa é o *eu homem de família*, formado pelos *mins* irmão, sobrinho e filho (já que ele menciona a mãe e a família dela).

Encerradas as perguntas do questionário e das minhas dúvidas, questiono-o se tem algo mais a dizer e ele gera a narrativa de encerramento da entrevista (324 a 333). A narrativa é iniciada com uma orientação formada por texto não indexado descritivo em que ele diz como se sente acerca do evento da entrevista. A narrativa criada tem caráter avaliativo e após a secção de orientação ela é composta por textos não indexados argumentativos. Na primeira sentença ele avalia que foi bom ter desabafado sobre ter feito uso de crack no dia anterior, assumindo a posição de *usuário*. Na sentença seguinte já abandona a posição de *usuário* colocando o ato de usar crack no passado. Ele apresenta o conflito por ter feito uso dessa droga através do seu *eu em tratamento* e lança-se num planejamento onde ele se vê bem melhor do que agora em dois ou três meses. Falcão se lança esse desafio de não usar mais droga nenhuma e me convida para conferir a sua mudança. Desta maneira ele reitera o que disse nas narrativas anteriores: que vai mudar e que vai provar a todos que pode alcançar uma mudança de vida.

2. 2 Documentando a história oral de Falcão

Em geral, dois recursos utilizados por Falcão se destacaram durante a construção das suas narrativas: a ambivalência e a personificação. A ambivalência de sentimentos e ideias demonstra que o narrador se encontra em situações conflituosas, levando-o a desenvolver comportamentos igualmente conflituosos, como estar em tratamento da dependência do crack e ainda incorrer em uso, por exemplo. Além da situação conflituosa, desenvolver situações de ambivalência em suas narrativas mostra que ele está atento a seu comportamento e aos seus sentimentos, mesmo que eles ainda lhe pareçam confusos. O mais interessante é que as situações de ambivalência se deram em textos não indexados argumentativos, no qual ele tecia reflexões acerca dos eventos narrados, o que nos deu mais material para compreender esse conflito de ideias. Já o recurso da personificação é utilizado com o intuito de nos aproximar de sua realidade, de fazer o ouvinte aproximar-se da compreensão que ele tem do crack e da vida. Para ele tanto o crack como a vida possuem o poder de enredá-lo, e dando-lhes características humanas Falcão pode indicar que se sente impotente diante deles. Colocando-os na posição de agentes nos eventos o narrador ilustrou também a posição passiva em que se encontra nestes mesmos eventos. Então, ele procurou fazer o ouvinte entender a posição fragilizada de uma pessoa que sentiu “levada a”, mas que não teve poder decisório nas situações.

Nas relações de pertencimento criadas pelo sujeito, tudo o que ele reconhece como seu (meus ou minhas) compõe o seu *mim*, que é o ator da narrativa. Os *mins* são os atores da narrativa e juntos compõem a voz do autor da narrativa, que é seu *eu* (Hermans, 2002). No entanto, as narrativas podem apresentar mais de um *eu* e estes *eus* também podem compor outros *eus*, como veremos a seguir na tabela 1 que mostra os atores (*mim*) e autores (*eu*) que Falcão constituiu nas suas narrativas ao longo da entrevista:

Tabela 1: Relações de posse, mins e eus de Falcão

Meus/minhas	Mim	Eu	Eu
Barraco	Proprietário de uma moradia	Cidadão	
Materiais	Vendedor de prestações	Trabalhador	Cidadão
Dinheiro	Guardador de carros	Trabalhador	Cidadão
Certidão de nascimento original	Documentado	Cidadão	
As leis	Cumpridor das leis	Cidadão	
Pai	Filho	Homem de família	
Uns irmãos/ os dois	Irmão	Homem de família	

irmãos que mataram/ o irmão que mora em Recife/ a irmã que mora em São Paulo/ a irmã que mora em Recife/ os dois irmãos vivos que estão na cadeia			
Pai/ a falecida mãe	Filho	Homem de família	
Avó	Neto	Homem de família	
Tio/ tia	Sobrinho	Homem de família	
Amizades/ amizades do CAPS/ colega	Amigável	Amigo	
Sou de tarde e de noite/ Técnico de Referência (TR)	Usuário do CAPS	Em tratamento	Ex-usuário de crack
Corpo	Mais cheinho	Em tratamento	Ex-usuário de crack
Corpo	Magro, seco	Usuário de crack	
Corpo	Zumbi do clipe de Michael Jackson	Usuário de crack	
Experiência dos tempos de usuário	-	Usuário de crack	
A própria sombra	Desconfiado	Usuário de crack	
Coisas destruídas: felicidade, barraco, bujão de gás, coisas do pai	Destruidor	Usuário de crack	
Sem nada, sem trocado, sem cigarro, sem comida	Liso	Usuário de crack	
-	Vendedor de crack/traficante	Trabalhador	Usuário de crack

Durante a construção de suas narrativas, Falcão nos trouxe como atores o vendedor de prestações, o guardador de carros e o vendedor de crack que constituíram um *eu trabalhador*. Essa voz além de ter narrado algumas das histórias, também auxiliou na construção de outra voz trazida nas narrativas: a voz do *eu cidadão*, já que todo cidadão deve exercer uma atividade remunerada.

Outros atores apresentados nas narrativas constituídas por Falcão também ajudaram a compor a voz do seu *eu cidadão*, esses atores seriam o proprietário de uma moradia, o homem documentado e o cumpridor das leis. Esta voz tomou parte da narração em cinco das narrativas criadas e através das ações apresentadas pelos *mins* e pelos *eus* que a constituem

(*trabalhador*), possibilitando que Falcão mostrasse que já teve e que ainda tem comportamentos condizentes com o que ele considera como o esperado por um cidadão de bem.

Uma voz muito marcante nas narrativas foi a voz do *homem de família*, surgindo em dez das narrativas de Falcão, ela foi composta pelos atores irmão, filho, neto e sobrinho. A voz do seu *eu homem de família* surgiu em diversos momentos narrativos em que sua família aparentemente nem estava envolvida, como num comparativo criado por Falcão em que seus amigos que estão na cadeia são apresentados como irmãos.

Outro ator apresentado por Falcão foi de um *mim* amigável, que mantinha vínculos afetivos com diversas categorias de pares sociais (colegas, amigos, pessoas com quem ele conversava) fora de seu vínculo familiar. Este *mim* constituiu a voz do narrador *amigo*.

Já para compor o seu *eu usuário de crack*, foram utilizados diversos atores: o zumbi do clipe de Michael Jackson, o desconfiado, o destruidor, o liso e o vendedor de crack/traficante. O seu *mim* vendedor de crack também foi utilizado como um formador do seu *eu trabalhador*, principalmente por ter sido apresentado como tal, já que o narrador dizia trabalhar vendendo crack. No entanto, seu trabalho com a venda de crack só se deu por causa do seu uso constante da droga, configurando uma formada pela voz dupla *eu trabalhador* e *eu usuário de crack*.

Os atores usuário do CAPS e o mais cheinho constituíram a voz do *eu em tratamento*, considerado um *eu* da sua fase de transição, já que Falcão tem como expectativa chegar definitivamente a um *eu ex-usuário de crack*. Essa voz já foi assumida por ele quando nas narrativas em que ele relata o acidente de trânsito que sofreu ou quando ele utiliza a pirraia de 13 anos para ilustrar a maneira como um usuário de crack se porta. Ele se reporta ao seu *eu usuário de crack* como uma voz do passado, como um *eu* que ele não reconhece mais.

Pelos indícios trazidos nas narrativas de Falcão, a sua voz de *ex-usuário* é multivocal, pois é preciso que ele dialogue com alguns *eus* já existentes no discurso de Falcão. Ela é composta por diversos *eus* apresentados como narradores, que são o *eu cidadão*, o *eu homem de família*, o *eu amigo* e o *eu em tratamento*. Como foi observado no discurso elaborado em suas narrativas, todos esses *eus* apontam para a estruturação de um bom homem, bom filho, bom cidadão, segundo o próprio autor.

Desta maneira, para ter uma visão geral de como ele vem constituindo através de suas narrativas o seu almejado *eu ex-usuário de crack*, foi organizado o fluxograma 1 para acompanhar a utilização desses *eus* componentes de acordo com a ordem em que nos foram apresentados:

Fluxograma 1: construção/interrupção da voz do ex-usuário



A cor verde é utilizada para ilustrar os *eus* que auxiliam na formação do almejado Falcão livre do crack, enquanto que a cor vermelha sinaliza as interrupções na formação desse *eu* ao longo das construções narrativas. A maior parte das narrativas foi construída na direção de compor o seu *eu ex-usuário de crack*, ainda que algumas dessas narrativas reportem eventos e experiências relativas ao uso de crack, o que nos permite afirmar que a voz de *ex-*

usuário de crack é a que predominantemente narra as suas histórias. A predominância da voz do *ex-usuário de crack* também nos permite inferir que o uso da voz do *usuário de crack* incorre em descontinuidade do self de Falcão, já que este último não faz parte da formação/constituição do *eu* predominante e ainda a interrompe.

Das vozes que compõem o *eu ex-usuário de crack* a que mais se destaca é a voz do Falcão *em tratamento*, que no fluxograma aparece 19 vezes. Existem diversos fatores que podemos tomar como determinantes, como a influência do local onde a pesquisa foi realizada, a empolgação de início de tratamento, a expectativa de mudança e a visualização de algumas mudanças decorrentes do ingresso no tratamento.

O outro *eu* constituinte do *eu ex-usuário de crack* que tem grande ocorrência na fala de Falcão é o *eu trabalhador*. Este *eu* surge através da lembrança do emprego que teve quando era saudável, da perda deste trabalho quando ingressou no uso do crack, o trabalho na venda de crack, o atual trabalho de guardador de carros e a expectativa de conseguir um trabalho que lhe garanta uma vida nova. Não só a quantidade de ocorrências, mas também a maneira como é apresentado nas narrativas dele nos leva a compreender que o trabalho é relacionado à sua saúde. Assim, é utilizado como parâmetro indicativo de bem estar de Falcão: quando estava bem tinha um bom trabalho; quando estava mal tinha um emprego que não era legal; agora que está em processo de melhora, mas ainda está fraco, tem um trabalho fraco, uma vez por semana; quando estiver melhor terá um trabalho que lhe garanta uma casa.

Além da predominância da voz do narrador *ex-usuário de crack*, é importante observar nas narrativas de Falcão que ele inicia e conclui a entrevista com essa voz que lhe é preferencial e com o qual ele se apresentou quando aceitou participar da pesquisa. Levando em consideração que esta é a voz que o representa, podemos afirmar que houve descontinuidade do self ao longo da entrevista, já que além deste, o self *usuário de crack* também toma autoria e conta suas histórias, apresentando seus atores e interrompendo a fala do narrador anterior para contar a sua versão dos fatos.

Como o modelo de análise levou à fragmentação da entrevista em pequenas histórias, foi preciso analisar também se houve descontinuidade no self constituído nessas pequenas histórias. No geral, encontramos que o *eu ex-usuário de crack* não descontinuou, já que em boa parte das narrativas ele se mantém como a única voz, do início ao fim. Com exceção daquelas narrativas em que a voz do narrador *usuário de crack* toma a dianteira e disputa espaço com o *eu* anterior. Como exemplo dessa disputa, temos a narrativa em que Falcão se compara ao zumbi do clipe de Michael Jackson, no qual essa voz relata como se livrou da cadeia e cede a vez à voz do *eu usuário em tratamento* para avaliar e tecer os argumentos da

narrativa. Temos também as narrativas em que seu *eu usuário de crack* entra em conflito com os *mins* que compõem as vozes do *eu trabalhador* e do *eu homem de família*, vendendo os seus pertences e descontinuando a participação destes na narrativa.

Houve uma narrativa em particular em que o seu *eu* é apresentado como um *eu* que não existe mais, que é o texto criado pela narrativa de Falcão com relação às amizades do tempo que ele era traficante. Esse *mim* amigável apresentado nesta narrativa é constituído pelas amizades que no início compõem o *eu amigo*, com o qual ele não se reconhece no fim dela, sendo assim um *eu* que descontinuou.

Além das descontinuidades encontradas na entrevista como um todo e nas suas pequenas histórias, houve também uma descontinuidade encontrada na análise e categorização de uma das vozes das narrativas: o *eu trabalhador*. Ele é composto pelos atores representados por Falcão enquanto exercia as atividades remuneradas que ele denominou como trabalho, sendo eles o vendedor de prestação, o guardador de carros e o vendedor de crack/traficante.

Na primeira aparição narrativa, este *eu* nos é apresentado através do *mim* vendedor de prestação, este por sua vez é trazido pela relação de posse que Falcão apresenta pelos materiais que foram vendidos. Este *mim* vendedor de prestação é apresentado outra vez e junto com o *mim* guardador de carros que atua em outra narrativa, auxilia na composição do *eu trabalhador* de Falcão. O *eu trabalhador* apresentado até este momento por sua vez atua na formação do *eu cidadão*, pois possui um trabalho digno de um cidadão de bem e possui renda para ter autonomia. O *eu cidadão* por sua vez é uma das vozes que compõem a voz do *eu ex-usuário de crack*.

No entanto, nas narrativas seguintes, o *eu trabalhador* recebe o auxílio de um outro *mim* para compô-lo: o vendedor de crack/traficante. Este *mim* é apresentado em uma narrativa contada através da voz do *eu usuário de crack*, auxiliando na composição deste. Logo, o *eu trabalhador* é tomado como voz tanto do *eu* predominante quanto do *eu* que incorre em descontinuidade das narrativas, sendo uma voz que apresenta descontinuidade de funcionamento dentro da entrevista.

3 Caso Precioso

Precioso é um homem solteiro de 40 anos, pai de uma filha adolescente e que se denomina da religião católica. Ele não pratica atividades esportivas, mas refere caminhar na praia em seus momentos de lazer. Tem como hobby cuidar de cães. Precioso chegou ao CAPSad por indicação de amigos, mas para iniciar seu tratamento precisou passar por um período de desintoxicação no Hospital e pela adaptação em um albergue, sendo encaminhado

a estes serviços através do CAPSad. Ele passou por dois anos de tratamento e mesmo depois da alta, continua a frequentar o serviço. No dia da entrevista ele estava em abstinência total há dois anos e possuía dois trabalhos: como cabeleireiro no próprio salão, que ele já possuía antes do tratamento e como agente redutor de danos, colocação que conseguiu devido a sua evolução positiva no tratamento.

O pseudônimo foi escolhido em alusão ao filme *Preciosa*, em que a personagem principal de mesmo nome que o título do filme, vive em um ambiente de risco e desenvolve um comportamento agressivo para mostrar ao mundo que está em sofrimento. O ponto principal que conectou a história de um à história do outro foi o sofrimento silencioso e a superação dos problemas quando se teve ajuda especializada e o apoio de amigos.

A sua história com o crack iniciou com uma depressão que ele teve por ver seu companheiro se envolver com o uso de crack e tráfico de drogas o que acabou acarretando na sua prisão. Ironicamente ele buscou refúgio no crack para esquecer os seus problemas e rapidamente tornou-se dependente. Mas a sua história de vida teve outras mudanças, pois conseguiu afastar o problema da dependência e conta a sua história como um exemplo de superação, trazendo consigo um olhar experiente de quem venceu o crack.

3.1 Análise das narrativas de *Precioso* (narrativa detalhada com legendas no anexo 4)

Nesta Entrevista Narrativa foram criadas 16 narrativas, todas com secções de orientação, avaliação e resultado. Os recursos do resumo e da coda que são menos comuns foram utilizados, indicando uma maior elaboração da construção narrativa deste entrevistado. Todas as suas narrativas tiveram secção de orientação, onde elementos importantes foram apresentados. Como personagens ele traz com maior frequência ele mesmo, relatando suas experiências e o usuário de droga em geral, tecendo um paralelo entre o que ele passou que é comum a todos os usuários e o caminho para ajudar aqueles que ainda estão em uso. Os outros personagens trazidos foram a sua família, a sua mãe, o seu companheiro, os usuários que buscam tratamento e um garoto de onze anos. Os locais apresentados foram o albergue, o CAPSad, as escolinhas de futebol, a rua, a comunidade em geral, se referindo às regiões de periferia e o bairro de Fantasia (nome fictício) que fica na cidade do Recife.

Os marcadores de tempo são bem utilizados pelo narrador, dando informações precisas sobre dias, meses e/ou anos em que os eventos ocorreram. Ele utiliza bastante o comparativo de como as coisas eram antes do tratamento e como são hoje, revelando duas faces de si, como será melhor visto mais a frente.

Coincidemente apenas a primeira e a última das narrativas tiveram secções de resumo, sendo na primeira para ambientar o ouvinte acerca do que será dito e a última com a intenção de organizar o fechamento da entrevista. Como a sua história oral foi preponderantemente avaliativa, a maior parte das sentenças também se deram em secções avaliativas, correspondendo a aproximadamente 2/3 (198/294) de toda a entrevista. Assim, oito destas narrativas nem chegaram a ter secções de complicações, sendo construídas em torno de secções avaliativas.

Desta maneira, a quantidade de textos não indexados também foi consideravelmente predominante, já que são os textos que estabelecem juízo de valor para as narrativas, sendo a grande maioria de textos argumentativos. Assim, boa parte das narrativas possui o intuito de justificar, argumentar ou trazer uma opinião do nosso narrador. Em geral ele buscou dar uma contribuição acerca de sua experiência com a droga e a maneira como ele a vê, agora que se encontra afastado do uso.

Na sua primeira narrativa (1 a 50) o personagem introduzido foi ele mesmo e é apresentado um resumo do que explanará na primeira sentença, que e segue orientado quanto ao tema da narrativa, que segundo ele foi o gatilho para o uso de crack. A narrativa conta a história do narrador com o uso do crack, dos motivos para ingressar no uso, até o ponto final dessa história de usuário e a retomada de sua vida. Na sentença de número 9 ele justifica o iniciou o consumo de crack em busca do efeito que ele trazia, pois o fazia esquecer o sofrimento pelo qual estava passando. Das sentenças 11 a 14 ele conta como experienciou aquele momento, do sentimento de incapacidade ao alívio pelo consumo que o fazia esquecer os problemas. Entre as sentenças 15 e 17 ele nos conta como foi a decisão de procurar ajuda no CAPS e segue em mais duas sentenças em que explica como se sentiu naquele momento. E assim segue das sentenças 22 a 28, da sentença 33 a 38 e da sentença 40 a 48. Intercalar textos argumentativos com textos descritivos nos mostra dois ângulos da situação, como se ele reafirmasse sua justificativa através de seus sentimentos ou o movimento inverso também. Esse mecanismo é muito utilizado por Precioso ao longo de suas narrativas, não apenas nesta.

Ele cria relações de pertencimento com suas duas profissões, criando um *eu trabalhador* através das posses de seu *mim* cabeleireiro: Eu sou cabeleireiro; tua profissão; teu salão de beleza; ter vinte e seis clientes por dia; sou dono de um salão de beleza. No entanto, ele assume que possui dois trabalhos, sendo outro num projeto da prefeitura constituindo seu *mim* como redutor de danos. A experiência que ele adquiriu com este *mim* conferiu a Precioso um *eu técnico*, que possui um olhar de profissional dos cuidados com o usuário. Este *eu* por sua vez também compõe seu *eu trabalhador*. Ele também nos apresenta um *mim* adoecido,

tive uma decepção e tive uma depressão, que ajuda a compor o seu *eu usuário de crack* o qual mais a frente ele complementa com outros elementos de pertencimento. As outras relações que ele cria é com seus bens materiais (minhas coisas e minha moto) que perdeu, assim como a sua capacidade de manter a atenção, levando-o a prejuízos financeiros e prejuízos sociais. Desta maneira ele compõe um *mim* perdedor, diretamente relacionado ao seu *eu usuário de crack*. Em seguida, um *mim* companheiro também surge através da sua relação com o seu parceiro, constituindo também o seu *eu homem de família* através deste. Precioso nos traz uma relação de pertencimento com o seu tratamento no CAPS na sentença 29, onde ele diz um trabalho meu, ele se refere ao seu *mim* usuário dos serviços do CAPSad, que compõe seu *eu em tratamento*. Por fim, ele faz relação com minha vida referindo-se a ela de maneira generalizada, tanto antes quanto ao término do tratamento, constituindo assim um *mim* de ser vivo, um humano que passa por adversidades, sobrevive e segue em frente. Nessa relação generalizada com a vida, ele nos diz também que é um sujeito composto por todos os *eus* que perpassaram a sua vida, indicando assim um self contínuo. Este *mim* de ser vivo auxilia na composição do seu *eu ex-usuário de crack*, pois é um *eu* regenerado, que passou pelo tratamento e que mudou para melhor. Quando chega à análise do conhecimento das primeiras sentenças até a sentença 28, os conteúdos não indexados argumentativos nos mostram como o narrador já se encontra à parte de tudo aquilo que ele nos conta, num certo distanciamento, pois aquilo que é relatado não faz mais parte de seu mundo. Ele agora é um narrador *ex-usuário de crack*. No entanto, os conteúdos não indexados descritivos mostram como ele se sentiu naquele momento, como a situação foi experienciada, dando o viés do *eu usuário de crack*. A partir da sentença 33, Precioso começa a pensar e sentir pelo seu *eu em tratamento*, um *eu* em transição entre um Precioso adoecido e um Precioso saudável que nos narra a história. Das sentenças 40 a 50, ele torna ao movimento de troca entre o *eu ex-usuário* nas sentenças argumentativas e o *eu usuário* nas sentenças descritivas. Enfim, foi observado na sentença 43 que Precioso, assim como Falcão, usa do recurso da metáfora da personificação, imprimindo ao crack características humanas, tornando-o sujeito da ação: o crack tira as suas coisas.

A narrativa seguinte (51 a) nos conta como era o Precioso e os desafios que enfrenta até hoje para manter-se afastado do crack. Quem narra inicialmente essa história é o seu *eu usuário de crack*, através dele são construídas as sentenças 51 a 59, fazendo ainda um resgate de como se sentia o *eu usuário* na sentença descritiva de número 72. Das sentenças 60 a 82 ele passa a nos falar pelo seu *eu ex-usuário*, através das sentenças 64, 67, 77, 81 e 82 ele nos mostra as estratégias que se utiliza para manter-se afastado do crack e na sentença 71 nos

traz a experiência adquirida neste movimento que fez entre ser e não ser usuário de crack. Mais uma vez a primeira relação de pertencimento constituída levou ao seu *eu homem de família*, que foi através de sua família que ele constituiu o seu *mim* pertencente a um grupo familiar. Em seguida ele nos traz o seu *eu usuário de crack*, compondo-o com um *mim* doente pela dependência, meu problema e tinha dependência química com o crack e um *mim* fisicamente fragilizado, meu estado físico, minha magreza muito grande, estava tuberculoso, tinha perdido 10 quilos. Seu *mim* que possui amizades surge para dizer que apesar de estar afastado, ele tem amigos que fazem uso do crack, constituindo um *eu amigo* que precisa ser ausente para se preservar. Ele traz novamente seu *eu trabalhador* através de seu *mim* cabeleireiro: era cabelereiro, meu salão e meu trabalho. Em duas das relações de pertencimento que Precioso cria ao longo de suas narrativas, ele nos fala mais uma vez pelo seu *eu* em transição entre o Precioso que fez e o que não faz mais uso de crack: ele age pelo *mim* que é redutor de danos e que aprendeu com suas experiências (meu entendimento sobre as drogas) e pelo *mim* que é um ser vivo (minha vida) e que passou por todas as etapas do uso/tratamento/não uso. Nesta narrativa, ele constitui o movimento de ruptura com seu *eu usuário*, trazendo experiência do seu *eu em tratamento*, mas deixando o *eu ex-usuário* assumir e prosseguir com a narrativa até o fim.

A narrativa que vai das sentenças 83 a 98 nos conta sobre a experiência de ser um redutor de danos. Ele inicia nos trazendo sua sensação de prazer por ser um redutor de danos, orientando que está vinculado ao projeto Consultório de Rua. A narrativa toda é composta por material não indexado, sendo a primeira sentença descritiva e todas as outras argumentativas. Durante toda a narrativa ele nos traz argumentos para justificar essa sensação de prazer em ajudar aqueles que estão passando pelo que ele já passou no uso de crack. Desde o início nos fala através do seu *eu ex-usuário de crack*. Mesmo nas sentenças em que ele traz situações em que ele pode ter experienciado como usuário, ele o faz de maneira generalizada, de maneira imparcial, com o olhar de quem já não está mais imerso no uso. Entre as sentenças 88 a 90 podemos observar que a sua fala traz um olhar experiente, de quem foi ensinado a cuidar do outro, de quem aprendeu a enxergar o seu passado por um ângulo diferente. O seu *eu ex-usuário* se mostra um *eu* experiente, que permite aliar essa experiência do tratamento à técnica de uma pessoa que agora é vinculada ao projeto do Consultório de Rua. Esse seu *eu ex-usuário* deu um olhar diferenciado e agora constitui o seu *eu cuidador*. As relações de pertencimento constituídas nessa narrativa foram com direcionamento mais uma vez a um *mim* que é um ser vivo, tua saúde e teu psicológico, que possui um corpo e que por isso pode ser atingido pelos males do crack. Esse *mim* foi constituído pelo olhar de *ex-usuário* de

Precioso, que sabe o que acontece com quem passa pela dependência do crack, mas que não está mais naquela situação. É como se ele dissesse: eu sei que é isso acontece, agora que não estou mais ali.

A próxima narrativa (99 a 117) nos traz um pouco da fase de tratamento de Precioso. A sua primeira sentença, uma secção de orientação, já começa justificando a maneira como construiu a sua narrativa, trazendo os passos fundamentais para o seu tratamento. A narrativa inicia com a aparente ideia de que seria constituída pelo seu *eu ex-usuário*, aquele que na narrativa anterior nos mostrou que tem um olhar diferenciado de redutor de danos. Porém, na segunda sentença ele volta a falar através do seu *eu usuário*, pela lembrança de uma sensação e passa ao seu *eu em tratamento*, também pela lembrança do que sentiu. A sentença 102 é a sua primeira sentença avaliativa, mas quebra a fala do *eu ex-usuário* e faz uma transição entre o que ele sentia como *usuário* e o que passou a sentir ao se tornar o *eu em tratamento*. Nas duas primeiras sentenças ele faz um movimento do self entre três posições de *eu*, mostrando como estes fazem parte do autor principal da narrativa, que todos eles compõem O Precioso que está ali se constituindo narrativamente. A partir da sentença 103 quem assume a fala é o *eu em tratamento*, nos mostrando como foi seu trajeto entre o completo isolamento da sociedade no albergue, a volta para a rua com o apoio do CAPSad e a busca por uma instituição dentro de sua comunidade que o auxiliasse na manutenção do tratamento e que o ajudou a ser reinserido na sociedade. Das sentenças 114 a 117 ele volta à sua posição de *eu* inicial, que é o *eu em tratamento*, encerrando a narrativa com um argumento que reafirma o movimento transitório de seu self ao longo da narrativa: houve uma grande transformação na sua vida. As relações de pertencimento que o narrador constrói ao longo da narrativa é com seu *mim* ser vivo, quando menciona a minha vida, o que tinha perdido, o que tinha a ganhar e o meu tempo; o *mim* que possui amigos não usuários de droga, quando se refere a um grupo de amigos novos da academia da cidade e seus *mins* cabeleireiro e redutor de danos quando fala sobre meus trabalhos e meus dois vínculos. Desta maneira ele constitui seu *eu cidadão*, pois ele é um ser humano que tem amigos não usuários de droga e que é trabalhador.

A narrativa seguinte (118 a 124) foi construída como uma pausa na narrativa anterior, como se ele tivesse parado aquele relato para refletir um pouco, construindo esta narrativa. Por isso, Precioso traz uma narrativa quase toda composta por textos não indexados argumentativos, salvo a primeira sentença que é um texto indexado que nos orienta ao personagem principal desta história: sua mãe. Mais uma vez ele nos traz seu *eu homem de família* como voz que inicia uma narrativa. A única relação de pertencimento que constitui na narrativa é com sua mãe, constituído um *mim* filho, que por sua vez constituiu o seu *eu*

homem de família. Das sentenças 119 a 121 ele traz a fala de sua mãe para ilustrar os argumentos que atestam que realmente mudou. Na sentença seguinte ele volta a fala pra si e tecê uma justificativa com suas próprias palavras, guiando a narrativa pelo seu *eu ex-usuário*, que agora entende coisas que não entendia no tempo de uso. Na sentença 123 o seu *eu homem de família* retoma a fala e conclui a narrativa com um argumento sobre o motivo de ter contado essa pequena história. Em seguida ele constrói uma coda que diz que o apoio da família é importante, mas com um sentido temporal, não só agora que ele está livre do uso. Essa coda não é uma oração narrativa, mas segundo Labov (1972) as cudas não precisam estar na mesma conjuntura temporal da narrativa e podem não ter conjuntura temporal alguma. A autoria da coda também não está muito clara, pois parece que foi construída pelas duas vozes apresentadas na narrativa, seu *eu homem de família* e seu *eu ex-usuário de crack* parecem ter se unido em uma só voz para nos dar esta indicação sobre o apoio familiar. A voz formada por esses dois *eus* é a voz do experiente *eu cuidador*.

Essa voz do *cuidador* continua como autor na próxima narrativa (125 a 137), por meio de duas de suas vozes constituintes, o *eu técnico* e o *eu homem de família*. Através da fala de sua mãe nos conta entre as sentenças 126 a 132 uma situação que passou enquanto estava em uso. Novamente a única relação de pertencimento que ele constitui é com a mãe, trazendo seu *mim* de filho que compõe a voz do *homem de família*. Através de sua fala ele traz o tema e desenvolve a narrativa, mas ele vai além, pois nos contar sobre uma conversa que teve com sua mãe enquanto estava abrigado é contar também que teve o acompanhamento desta mãe durante seu tratamento. E este acompanhamento foi tão importante para ele que é usado como exemplo para introduzir o momento avaliativo que traz o “quê” da história: entre as sentenças 133 e 137 ele argumenta sobre a importância da participação familiar no tratamento do usuário de crack. Das sentenças 133 a 137 quem assume a narração é o *eu técnico*, trazendo na coda desta narrativa a mesma moral da coda anterior: o apoio familiar é necessário sempre.

Nesta próxima narrativa (138 a 153) o narrador argumenta sobre a falta de assistência ao usuário do CAPSad fora da instituição. A voz do *cuidador* domina toda a narrativa, na qual não é apresentada nenhuma relação de posse. Os textos não indexados argumentativos são predominantes na narrativa cujo objetivo é justificar a situação introduzida na secção de orientação: as dificuldades dos usuários do CAPSad em abandonar o uso de drogas. Assim, ele traz através de seu *eu técnico*, exemplos de estruturas da própria comunidade que deveriam servir de suporte ao usuário do CAPSad, mas que para ele não estão funcionando ou são insuficientes para atender à toda população das comunidades, como se pode constatar nas sentenças 141, 146 e 147.

A próxima narrativa (154 a 158) é bem curta e composta apenas por textos não indexados. Ela traz como situação a participação da família no processo de recuperação da sua dependência de crack. A primeira sentença faz um resgate de como o nosso narrador se sentia quando era um usuário de crack, mas de maneira mais impessoal, por ser um sentimento que vê como próprio dos usuários em geral. Apesar de ser um sentimento do Precioso *usuário de crack*, ele é identificado pelo Precioso *cuidador*, pois quem fala nesta narrativa é a voz do *eu técnico* que entende que o usuário está em sofrimento. A narrativa é quase toda construída com argumentos que possam justificar a rejeição e a solidão sofridas pelo usuário de crack. Nenhuma relação de pertencimento é constituída ao longo da narrativa.

A narrativa entre as sentenças 159 e 166, fala sobre o seu companheiro. Precioso diz que voltou a se relacionar com ele e nos conta como as coisas estão caminhando entre os dois: um ex-usuário e um usuário. O narrador inicia orientando que seu companheiro trabalha, mas ainda está em uso e se encontra em situação de rua. Neste ponto é importante informar que o narrador possui residência fixa, mas que em narrativas anteriores informou que está afastado de pessoas que se mantiveram no uso. Talvez isso justifique a manutenção do companheiro nas ruas, pois mesmo mantendo um relacionamento com este homem, Precioso quer se manter afastado de pessoas que fazem uso do crack. Ele quer o companheiro por perto, quer ajuda-lo, mas não quer correr o risco de cair em tentação com o crack. Toda a narrativa é contada pela voz do *cuidador*, que mesmo falando de seu companheiro nos traz argumentos carregados da linguagem técnica dos redutores de danos pelo seu *eu técnico*. É possível observar esta linguagem quando relata que o companheiro faz uso, mas está “encaminhado”; quando diz que o leva ao “serviço”; por considerar a “dependência” como uma “doença” e por colocar o usuário numa situação de impotência frente às armadilhas do tráfico e da própria droga. É certo que o usuário fala sobre essa impotência, mas não consegue identificar as causas. Eles acham que são pessoas fracas e não têm dificuldade em enxergar a situação de maneira tão abrangente como o faz o redutor de danos. As sentenças 162, 163 e 164 são argumentos que ele usa para justificar que o seu companheiro já comprehende sua situação de adoecimento, mas ainda assim na voz e linguagem do *eu técnico*. As secções de resolução reafirmam essa posição de adoecimento do rapaz, concluindo com o argumento que o seu companheiro estava em uma situação de impotência e por isso tudo aquilo lhe acontecera.

A contação prossegue numa fala sobre seu companheiro (sentenças 167 a), mas agora de maneira mais detalhada e pela voz do Precioso que participou do sofrimento por ser a única família dele. Sendo assim, a voz *homem de família* nos traz os eventos, mas é a voz do *cuidador* experiente que a encerra. A relação de pertencimento que cria nesta narrativa é com

suas tentativas de ajudar o companheiro e de retirá-lo do uso de crack, configurando o *mim* companheiro que compõe seu *eu homem de família*. Apesar do olhar profissional do *eu técnico*, é perceptível que o *eu homem de família* se manteve presente na construção da sentença 171, em que esses dois *eus* se fundem, pois hoje é graças ao *técnico* que o *homem de família* tem uma vida mais fácil no seu relacionamento.

A próxima narrativa (172 a 189) nos traz argumentos de Precioso acerca da eficácia do tratamento dispensado pelo CAPSad, mas trazendo como contraponto algumas deficiências no seu funcionamento que foram identificadas por ele ao longo do uso do serviço. Estes relatos foram tecidos pela sua voz de *técnico* que possui entendimento de como as coisas funcionam e que consegue identificar os pontos em que pode melhorar. Esta narrativa nos mostra também como a parceria entre o seus diversos *eus* compõem o predominante *eu cuidador* de Precioso. Durante toda a narrativa, Precioso nos fala através de sua voz de *cuidador*, no entanto, ele nos deixa perceber sua experiência como *usuário de crack* nas sentenças 175, 176, 183; sua experiência como *em tratamento* nas sentenças de 181 a 183 e de 186 a 188 e o olhar de seu *eu técnico* nas sentenças 172, 173, 174, de 178 a 180, 184, 185 e 189. A narrativa quase toda é formada por textos não indexados, com exceção da sentença 178 com o qual o seu *eu técnico* nos traz dados acerca do funcionamento do consultório de rua. As sentenças compreendidas entre 186 e 188 são as únicas em que se utilizaram textos não indexados descritivos, assim, apenas a experiência do *eu em tratamento* é evidenciada na narrativa. Nenhuma relação de pertencimento é constituída pelo narrador durante a contação.

Na narrativa seguinte (190 a 205) a voz do *técnico* ainda domina a fala, trazendo justificativas acerca das dificuldades que os usuários de drogas enfrentam para aderir ao tratamento no CAPSad. Desta maneira, a narrativa foi toda construída com textos não indexados argumentativos. Como a voz que nos fala é a do *eu técnico*, as experiências e sentimentos dos usuários em conflito com o abandono do uso e o início do tratamento nos são contados de maneira generalizada e imparcial, demonstrando o afastamento e o olhar crítico necessário aos técnicos dos serviços de prevenção e tratamento do uso de drogas. A narrativa é composta predominantemente por secções avaliativas, mesmo relatando sequências de eventos, pois estes eventos são contados em cima de reflexões e carregados de juízo de valor. Não se evidenciou relação de posse durante a constituição desta narrativa, ficando assim, predominante a voz do *eu técnico*. Ele enaltece a iniciativa daqueles que ingressam no tratamento através da metáfora do herói (190 a 194) e traz observações de sua experiência dentro das comunidades com o consultório de rua (195 a 205). Como pudemos perceber nas sentenças 195 e 196, a falta de um dispositivo dentro da comunidade para esclarecer e orientar

a população é mais uma vez apontada por ele como um dos pontos que atrapalham o tratamento. Nas narrativas anteriores apenas a importância do apoio familiar havia sido ressaltada, mas nesta, os amigos também foram citados como um elemento de apoio como se pode ver na sentença 197. Ele também nos conta como a comunidade está adoecida, presa em um ciclo de ociosidade, uso de drogas e falta de esclarecimento que só o olhar de um *técnico* seria capaz de abarcar.

Assim como na narrativa anterior, esta (da sentença 206 a 216) é constituída apenas de texto não indexado argumentativo, cheia de juízos de valor, no qual o sujeito vai conta argumentando. Curiosamente entre as sentenças 210 e 213 ele constrói perguntas que têm a função de afirmar e nos fazer refletir acerca das consequências daquele dado apresentado. É como se ele nos convidasse a buscar soluções para aquele problema. E ai? Que fazer? Mais uma vez ele nos fala através da experiência adquirida no trabalho como *técnico*, incluindo esse momento de confronto com o problema e convite à reflexão, que é um artifício muito usado nos grupos. Nesta narrativa também se pode observar a forte influência que o trabalho tem no discurso de Precioso, tanto que esta história é orientada e resolvida com a questão empregatícia e a voz que a narra é uma voz que tem relação com o seu trabalho de redutor de danos.

A narrativa que segue (217 a 237), começa com três sentenças de texto indexado, seguindo com textos não indexados argumentativos onde ele traz justificativas para a sequência de fatos apresentadas inicialmente. Precioso nos diz como se sentiu nas três sentenças não indexadas descriptivas construídas nesta narrativa, mas em cada uma ele fala através de uma voz diferente: na sentença 228 ele nos traz o sentimento do *usuário em tratamento*; na sentença 229 ele já está se referindo ao sentimento que tem hoje por ser um *usuário de crack* e na sentença 232 ele fala do que sentia quando era usuário, trazendo então a voz do *usuário de crack*. Sentenças tão próximas de uma mesma narrativa fazem transição de vozes diferentes através de seus sentimentos, demonstrando o movimento de continuidade do narrador com esses *eus*. Ainda com o *eu técnico* assumindo a fala, ele apresenta sua história de vida como um exemplo que deu certo, e justamente por ele ter passado pela dependência e posteriormente pelo tratamento é que hoje é um técnico. Logo, o seu *eu técnico* é um *eu* que só existe graças aos *eus usuário de crack* e o *eu em tratamento*. A experiência desses dois *eus* o levou ao que é hoje: *um cuidador*, como ele mesmo afirma na sentença 224. Precioso é um redutor de danos que cuida dos outros através do projeto da prefeitura por ter conquistado autonomia para cuidar de si também (sentença 233). As relações de pertencimento constituídas nessa narrativa foram com o tratamento, constituindo seu *mim* usuário dos

serviços do CAPS que por sua vez é constituinte do seu *eu em tratamento*; este mesmo *eu* também é constituído pela relação de posse que ele estabelece com a vida, a dor e seu potencial, que são inerentes ao *mim* do ser vivo que ele era enquanto estava em tratamento; o trabalho que constituiu seu *mim* redutor de danos, constituinte do seu *eu trabalhador* e a sua autonomia que foi conquistada através do tratamento, sendo uma expressão do seu *mim* autônomo que constitui o *eu ex-usuário*. Recapitulando, os dados fornecidos nessa narrativa nos levam a conclusão que o *eu cuidador* como o qual Precioso se apresenta hoje é formado pelos *eus usuário de crack, em tratamento, ex-usuário e trabalhador*.

A narrativa compreendida entre as sentenças 238 e 264, é composta apenas por textos não indexados e como já aconteceu antes, a história é contada em secções avaliativas, pois os fatos são expostos na medida em que ele avalia o que sentiu ou quando traz argumentos que possam legitimar o que ele vem expondo. A narrativa é iniciada (238) com o desejo de morte que o acompanhava numa época em que estava em tratamento, mas ainda fazia uso e segue justificando esse desejo. A voz que narra as sentenças entre 238 e 242 é a voz de seu *eu em tratamento* e em seguida, começa uma avaliação através de seu *eu técnico*. A partir da sentença 243, Precioso intercala as vozes, falando pelo seu *eu em tratamento* que ainda faz uso de crack nos textos não indexados descritivos e com o *eu técnico* ele avalia os sentimentos e experiências do *eu* utilizado na sentença anterior. Um sente e o outro avalia aquele sentimento. Ele segue neste diálogo até o encerramento da narrativa. Mais uma vez ele utiliza de sentenças interrogativas para fazer afirmações e convidar o ouvinte a refletir acerca da informação que ele expôs.

Na sua última narrativa (265 a 294) ele ainda mantém seu *eu técnico* nos trazendo dados de sua experiência com o trabalho do consultório de rua. Esta narrativa nos conta sobre a situação de risco das comunidades pobres e é ilustrada com o caso de um garoto que mora na RPA que ele trabalha. Além desse caso, é hipotetizada uma situação de risco corriqueira na comunidade, em que toda a estrutura familiar está comprometida. Durante toda a narrativa o olhar do *técnico* nos guiou pela mensagem final da entrevista. Precioso fez uma recapitulação de alguns eventos que presenciou como integrante do consultório de rua para justificar seus argumentos e opiniões acerca do que pode ser feito pelo usuário de droga e também para prevenir o uso. Ele traz a sua visão globalizada de quem já esteve na situação de usuário, que passou pelo serviço de recuperação e agora está livre do uso e cuidando de pessoas que estão no lugar onde já esteve. Entre as sentenças 274 e 277 ele nos ensina a olhar a problemática do uso de drogas para além do usuário, para além de sua família. Pois, se este sujeito e sua família estão adoecidos é por que o meio social em que vivem também está adoecido. Entre as

sentenças 279 até a 286 ele traz um olhar panorâmico de uma situação genérica acerca dessa estrutura social adoecida, onde o comportamento de cada pessoa afeta o comportamento de outra que convive consigo e assim sucessivamente. Aquele que poderia amparar acaba sofrendo as consequências do adoecimento de seus pares e se torna um ser igualmente fragilizado. Na sentença 287 Precioso resgata uma memória de sua juventude em que foi alertado sobre o risco de dependência pela maconha. Esta memória é trazida pelo seu *eu técnico*, pois agora como técnico ele percebe como aquele conselho se baseava num mito, em algo irreal. Agora ele sabe que a maconha não causa o referido efeito no sujeito, mas o crack sim. E com sua voz de *técnico*, conclui que a valorização da família é uma peça fundamental na prevenção e no tratamento do uso de drogas.

3.2 As preciosidades narrativas

De acordo com as relações de posse que Precioso apresentou ao longo de toda a sua entrevista, o tabela 2 identifica os *mins* e *eus* que foram constituídos em suas narrativas orais:

Tabela 2: Relações de posse, mins e eus de Precioso

Meus/minhas	Mim	Eu	Eu
Cabelereiro/ profissão/ salão de beleza/ vinte e seis clientes	Cabeleireiro	Trabalhador	Cidadão
Decepção/ depressão/ problema/ dependência química com o crack	Adoecido	Usuário de crack	
Coisas/ moto /atenção/ prejuízos financeiros/ prejuízos sociais	Perdedor	Usuário de crack	
Parceiro	Companheiro	Homem de família	
Um trabalho meu/ tratamento	Usuário do CAPS	Em tratamento	
Vida/ saúde/ psicológico/ perdido/ a ganhar/ tempo/ dor/ potencial	Ser vivo	Ex-usuário	
Família/ mãe	Pertencente a uma família/ filho	Homem de família	
Estado físico/ magreza muito	Fisicamente fragilizado	Usuário de crack	

grande/ tuberculosos/ perdido 10 quilos			
Amigos que fazem uso	Amigável (ausente)	Amigo	Em tratamento
Um grupo de amigos da academia da cidade	Amigável (pessoas que não fazem uso)	Em tratamento	
Trabalho num projeto da prefeitura/ entendimento sobre as drogas	Redutor de danos	Técnico	Cuidador
Autonomia	Autônomo	Ex-usuário	
Dois trabalhos/ dois vínculos	Trabalha muito	Trabalhador	Ex-usuário

A primeira voz que o identifica é a voz do *eu trabalhador*, que se compõe pelos *mins* cabeleireiro e o *mim* que trabalha muito. O outro trabalho que ele possui constitui um *mim* redutor de danos, que compõe seu *eu trabalhador*, mas também compõe a voz do *eu técnico*, aquele que foi capacitado para trabalhar com os usuários de drogas nos consultórios de rua, imprimindo outra categorização de voz. Este duplo direcionamento que o *mim* redutor de danos dá à composição de vozes é originado na fala de Precioso nas narrativas. Inicialmente ele se reporta a seu trabalho como redutor de danos como a um trabalho como qualquer outro, um vínculo empregatício como na sentença 115. Mas nas sentenças 178 e 223 ele já propõe outro olhar para este trabalho através do conhecimento acerca do fenômeno da dependência e das estratégias de prevenção e combate ao uso de drogas que ele revela possuir. Não só nessas sentenças, mas durante toda a construção narrativa essa voz se sobressai pela linguagem técnica e conhecimentos sobre as políticas públicas inerentes ao agente redutor de danos. Então, assim como ele diferenciou essas vozes dando até destaque maior à voz do técnico, também se diferenciam as nomenclaturas das vozes que o seu *mim* redutor de danos possibilita que sejam construídas por Precioso nas suas narrativas.

O seu *eu usuário de crack* é constituído pelo *mim* adoecido, o perdedor e o fisicamente fragilizado, que estava numa situação de dor e sofrimento. Esta voz de usuário é evocada em situações em que ele quer exemplificar os flagelos da vida de um usuário, como podemos ver nas sequências 52 a 55, tecendo um comparativo entre o que ele era na dependência e como ele está hoje. A memória de eventos e sentimentos de quando era usuário é evocada para dizer o quanto aprendeu com suas experiências, mas que aquilo não lhe pertence mais, pois sua realidade agora é outra. Devido a esta experiência como usuário ele hoje pode ajudar pessoas

no seu trabalho como redutor, logo, esta voz é uma voz que se integra com as outras vozes e não uma voz que fragmenta ou rompe com a voz principal da narrativa, como será visto mais à frente.

O *eu em tratamento* foi constituído pelo *mim* usuário do CAPS e pelos *mins* amigáveis, que apareceram nas narrativas de duas maneiras. A primeira maneira como uma pessoa que teve um vínculo de amizade com pessoas da escola e do bairro, mas que devido ao seu tratamento, precisou se afastar delas por estarem em uso do crack. Na segunda maneira, ele conta que devido à indicação que recebeu do CAPSad, começou a praticar atividades físicas na Academia da Cidade e por conta disso, agora tem amigos que não fazem uso. Tanto a relação de amizade desfeita quanto a adquirida ocorreram em função do seu tratamento, na busca por melhores resultados, logo, o *eu amigo* foi constituído em função do *eu em tratamento* nos dois casos, o que nos permite dizer que se manteve a continuidade dessa voz durante a construção narrativa.

Seu *eu homem de família* se expressa através dos *mins* companheiro, pertencente a uma família e filho. A sua relação com a família se expressa marcadamente ao longo de suas narrativas, em especial com a mãe, que chega a protagonizar a narrativa que vai das sentenças 118 a 124, em que a sua fala é tema da narração, ocorrendo novamente no trecho narrativo entre as sentenças 125 a 132. A narrativa que vai das sentenças 125 a 137 remonta a importância da participação da família no tratamento do usuário de drogas, mas o faz na voz do *técnico*, apesar de falar sobre família. Aliás, este narrador *técnico* fala muito sobre a necessidade da participação familiar no tratamento, como pudemos perceber ao longo das narrativas, o que ressalta mais ainda a ideia de fragilidade dos usuários.

Por fim, a voz do *eu ex-usuário* é composta pelo *mim* autônomo, pelo *mim* ser vivo e pelo *eu trabalhador*, já que seu trabalho como redutor de danos só foi viabilizado quando ele já se considerava um ex-usuário. Sendo assim, a voz de *ex-usuário* além de ser uma voz que constitui a voz principal da narrativa é também multivocal, já que se trata de uma voz que se compõe com mais de uma voz.

Dentre essas vozes, a do *técnico* foi a mais atuante, contribuindo para um posicionamento profissional acerca da temática do uso e prevenção de drogas. Ressaltando que a frase geradora pedia que o sujeito falasse sobre sua vida, levando-o a falar sobre a sua relação com o crack e sua experiência como usuário, com o tratamento e como redutor de danos, podemos pensar que a frase e o tema da pesquisa podem ter funcionado como direcionadores do discurso no sentido de que se falasse sobre sua experiência com o crack.

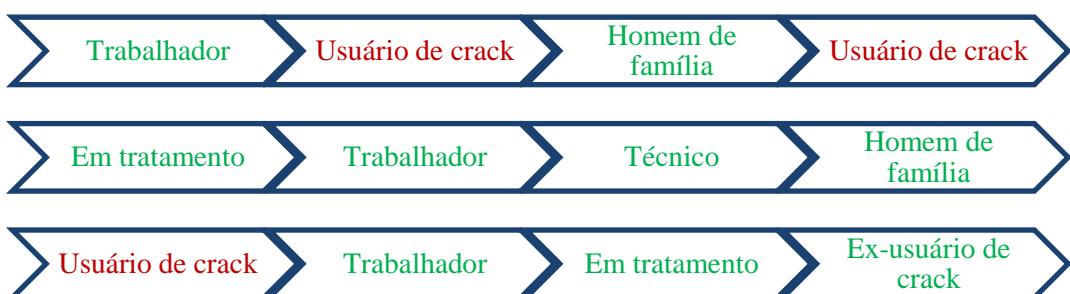
Porém, o caminho que ele seguiu foi o de falar de sua experiência no combate e prevenção ao uso do crack, tanto consigo, quanto com os outros.

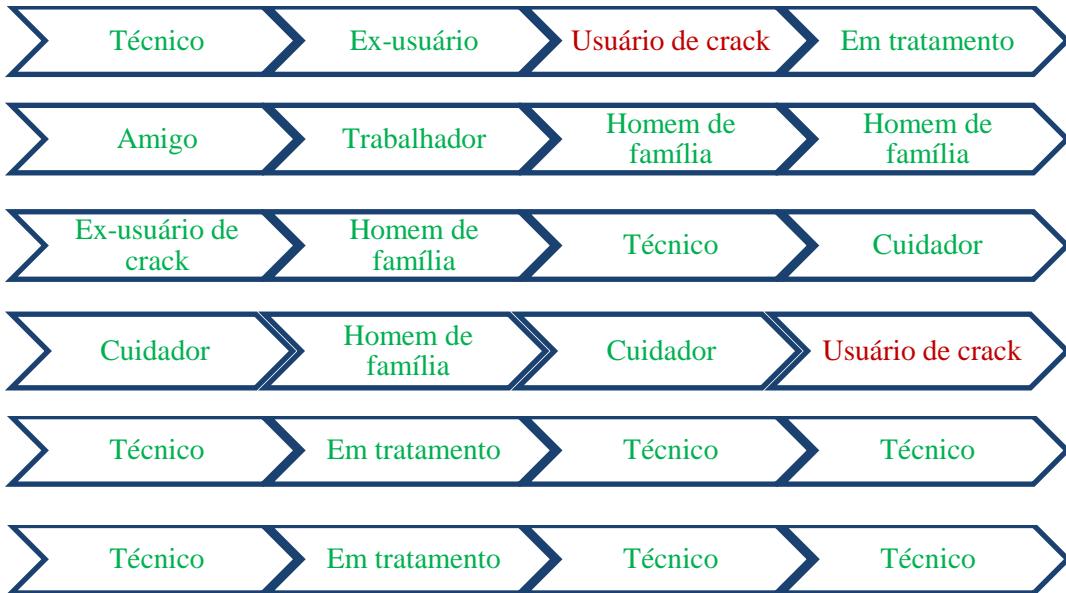
A maneira como Precioso expressa o self durante as construções narrativas nos evidencia a centralização das suas vozes no cuidado com o outro e consigo, de maneira que todos os *eus* evocados nas narrativas (*homem de família, técnico, amigo, trabalhador, usuário de crack, em tratamento e ex-usuário*) convergiram para essa voz do *cuidador*, que é o seu *eu predominante*. Se hoje ele é um *cuidador* é por que: um dia ele foi usuário de crack e por isso conhece as dificuldades, os sentimentos e as necessidades de um usuário; buscou ajuda e passou pela fase de tratamento com sucesso; teve o apoio da família e de amigos; passou por todo o processo e aprendeu a se superar durante o tratamento; mesmo após a alta ele mantém vínculo com o CAPS e hoje está trabalhando no seu salão e no consultório de rua.

Um ponto importante a ressaltar é que de todas as relações de pertencimento constituídas na sua Entrevista Narrativa, a posse com o trabalho e com a vida foram marcadamente mais utilizadas pelo narrador. O trabalho é sua âncora, lhe deu a oportunidade de seguir em tratamento mesmo após a sua alta do CAPS, lhe deu a oportunidade de usar sua experiência de sofrimento para ajudar o próximo e, parafraseando o próprio narrador, preenche o espaço que era da droga. Já a posse de sua vida é uma maneira de reafirmar que agora ele está no controle e que ao contrário do sujeito dependente da droga, ele é dono de si, tem autonomia para tomar suas decisões, planeja, pondera e realiza de acordo com as próprias vontades.

Durante a entrevista o narrador assumiu diversas vozes e todas elas contribuíram para a formação da sua voz principal, a voz do *eu cuidador*. No esquema abaixo, podemos acompanhar a maneira como ele foi alternando entre os *eus* para compor as suas narrativas. Ele assumia diferentes posições de *eu* enquanto contava sua história de vida, como veremos abaixo:

Fluxograma 2: a formação da voz do cuidador





Observando os dados gerais deste fluxograma, podemos observar que as vozes se alternaram trinta e seis vezes, sendo que os *eus* na cor verde representam vozes saudáveis do nosso narrador e os *eus* em vermelho representam seu eu adoecido. Levando em conta o quantitativo de utilizações, a predominância foi do *eu técnico* e a menor das ocorrências foi do *eu amigo*.

Considerando que o *eu técnico* também constitui seu *eu trabalhador*, já que ele só existe por Precioso trabalhar como agente redutor de danos, o *eu trabalhador* teve um total de quatorze ocorrências. Assim, quase a metade das ocorrências de vozes narrando se deram através do trabalho dele. O que reforça a afirmação de que seu trabalho é a sua âncora para manter-se longe do uso. Durante a narrativa que ele discorre sobre o ócio ser um motivador do uso de drogas na comunidade, o trabalho é apontado como uma das soluções para retirar as pessoas do uso.

Além disso, ele também afirma que o seu trabalho como redutor é uma continuidade do seu tratamento, e generalizando, diz que não só este trabalho como qualquer outro serviria de apoio na manutenção das pessoas longe do uso de drogas. Trabalhar traz como benefícios a ocupação do tempo, a interação com pessoas saudáveis e a remuneração, que possibilita o acesso ao lazer. Desta maneira, ele abarca quase todos os aspectos que Precioso apontou como fator de prevenção e recuperação do usuário, excetuando a participação familiar e uma estrutura escolar mais atrativa. Segundo ele, a empregabilidade dos membros interfere na dinâmica familiar, mas não é só isso que vai garantir uma interação familiar saudável. Ele diz ainda que toda a estrutura social e física da comunidade está contribuindo para o adoecimento

da família e de seus componentes. E também diz ser necessária a criação de políticas públicas direcionadas ao cuidado da família, pois os dispositivos existentes, como a RAPS, são eficazes, mas não são suficientes.

Outro *eu* que se destaca nas narrativas é o *eu usuário de crack*, que foi utilizado de maneira a ilustrar um comparativo entre o Precioso adoecido e o Precioso saudável. Este *eu* também foi trazido através de relações de posse com o adoecimento, com todas as perdas sofridas em decorrência do uso e de sua fragilidade física. Ou seja, é um *eu* que fala, mas que não assume domínio na vida presente do narrador, pois ele apenas evoca um *eu* do passado. No entanto, sem este passado, Precioso não saberia das coisas que sabe hoje e esta experiência com o uso permite que hoje possa ajudar aqueles que estão na mesma situação em que ele esteve. Aliando a sua experiência de usuário aos conhecimentos de técnico ele pode dar um suporte diferenciado no seu trabalho como redutor de danos e também pode encontrar uma maneira mais eficaz de ajudar seu companheiro, que segundo o narrado, foi o pivô do seu ingresso no uso.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção narrativa realizada pelos participantes dessa pesquisa trouxe a oportunidade de perpassar o caminho pelo qual surgiram os primeiros sinais de sua dependência química e também pelas rupturas/continuidades inerentes ao seu processo de envolvimento com o crack. Em suas narrativas, eles traçam o percurso pelo qual iniciaram o uso do crack, os eventos significativos de suas histórias como usuários de crack, como chegaram e como estão no presente momento e suas expectativas para o futuro com ou sem a droga.

O primeiro aspecto a considerar nos dois casos é que suas narrativas se direcionaram a partir do ponto em que eles se encontravam no processo de tratamento no CAPSad. Deste ponto, eles movimentaram-se para diversos outros no espaço e no tempo, articulando as situações resgatadas nestes pontos em narrativas coerentes que contaram as suas histórias de vida. As valorações explicitadas em suas narrativas são referentes ao momento presente, à capacidade de reflexão que possuíam no momento em que a entrevista foi realizada. O que quer dizer que as situações julgadas por Falcão como besteira ou por Precioso como prejudicial são referentes a um julgamento realizado no momento em que constituíam as suas narrativas.

Hoje, no momento em que este texto está sendo lido, suas opiniões acerca dos mesmos eventos podem ser outras. Hermans (2007) diz que “Durante diferentes períodos da vida de uma pessoa, diferentes valorações podem emergir, porque o ponto de referência da pessoa está constantemente em mudança” (p. 164). O autor diz ainda que valorar uma narrativa pessoal requer um processo de autorreflexão e que este processo se origina no self ou no *eu* como descrito por James, caracterizado pela continuidade, diferenciação e volição. A consciência da autorreflexão, que para Hermans é essencial ao self conhecedor, provém de cada uma das características do *eu* descritas por James (Darnon & Hart, 1982 assim como citado em Hermans, 2007).

Portanto, cada fase da vida de nossos dois narradores está recebendo uma valoração correspondente ao conhecimento que eles possuem, ao que e como eles são capazes de perceber os eventos descritos em suas narrações referentes à fase em que se encontravam no momento de sua fala. Por isso a voz do *eu em tratamento* esteve tão marcadamente presente

nas histórias de Falcão e do mesmo modo o *eu técnico* nas narrativas de Precioso. A linguagem utilizada pelos profissionais de saúde envolvidos no processo de tratamento foi incorporada ao vocabulário de Falcão, e esta mesma linguagem junto com a linguagem técnica dos agentes redutores também se fazia presente na fala de Precioso. Por isso, em alguns momentos é preciso aprofundar o olhar para além das palavras utilizadas nas narrativas para compreender qual o *eu* que nos falava em cada momento da narrativa. Os *eus* do presente estavam constantemente cruzando os outros *eus* evocados nas histórias orais em ambos os casos. O que ocasionou a necessidade de demarcar algumas nomenclaturas para identificar e delimitar o que representa cada *eu* que é configurado narrativamente.

Retomando os elementos apresentados nas tabelas 1 e 2, encontramos os elementos narrativos que compõem os atores (*mins*) destas narrativas, os próprios atores e os *eus* que estes *mins* constituem. Para identificar os atores que participaram da construção narrativa de ambos os casos, foi necessário identificar os elementos narrativos com o qual eles mantiveram relação de posse. Desta maneira, no caso de Falcão encontramos 19 atores diferentes e no caso de Precioso foram 14.

Estes atores deram forma a algumas vozes que narraram as histórias e no caso de Falcão eles o fizeram da seguinte maneira: os atores proprietário de uma moradia, documentado e cumpridor de leis deram forma à sua voz do narrador cidadão; o ator vendedor de prestações e o guardador de carros formaram a voz do narrador trabalhador, que por sua vez também ajudou a compor a voz do cidadão; o filho, o irmão, o neto e o sobrinho deram forma à voz do homem de família; o amigável compôs sua voz do narrador amigo; o usuário do CAPSad e o mais cheinho deram forma à voz do Falcão em tratamento; o magro/seco, o zumbi do clipe de Michael Jackson, o desconfiado, o destruidor e o liso deram forma à voz do usuário de crack e o vendedor de crack/traficante formou uma voz de trabalhador que também formou a sua voz de narrador usuário. Como foi dito anteriormente, sua voz de trabalhador teve duas funções em sua história de vida: uma que o inseria na sociedade como cidadão comum e outra que ele adquiriu pelo uso do crack que também o mantinha em uso.

Precioso também formou vozes de narradores em suas histórias a partir de seus atores: o ator adoecido, o perdedor e o fisicamente fragilizado compuseram a voz do narrador usuário de crack; o ator pertencente a uma família, o companheiro e o filho compõem a voz do homem de família; ele possui dois atores amigáveis, um é ausente com seus pares usuários de droga e outro é o que tem um novo círculo de amizades com um grupo que não faz uso e ambos os atores compõem a voz do narrador amigo; o ator usuário do CAPSad, junto com a voz do amigo, forma a voz do narrador em tratamento; o ator que representava-o como um ser

vivo junto com o ator autônomo, formam a voz do narrador ex-usuário; por fim, o ator cabeleireiro, o ator que trabalha muito e o redutor de danos formam a voz do trabalhador; o ator redutor de danos também forma outra voz, que é a voz que é a voz do *técnico*, aquela voz que nos traz a experiência do Precioso que recebeu uma formação para trabalhar na prevenção e combate ao uso de drogas . Como foi visto, no caso de Precioso foram encontradas duas maneiras de atuação para o seu ator amigável, que surge pela ausência e pela constituição de novas relações. E seu ator redutor de danos fundamentou duas vozes diferentes: o trabalhador e o técnico.

Esta recapitulação nos permite rever quais vozes compõem o *eu predominante* de cada caso, aquela que nos diz quem é o sujeito no momento em que conta a história, a voz principal formada por todas as vozes das narrações. É importante lembrar que cada caso teve uma voz que tomou a autoria das narrativas em maior número de vezes, o que não quer dizer que esta voz é necessariamente o *eu predominante* do caso, como veremos em seguida.

No caso de Falcão, a voz do *eu em tratamento* é a voz que mais assume a autoria das narrativas, no entanto, ela é apenas uma das vozes que compõe a voz predominante do *eu ex-usuário de crack*. Esta voz predominante é multivocal e também é formada pelo *eu cidadão*, pelo *eu trabalhador*, pelo *eu homem de família* e pelo *eu amigo*. Juntos, estes *eus* narradores trazem verossimilhança às histórias de Falcão, mostrando como o seu *eu ex-usuário de crack* se posiciona diante dos fatos relatados, como ele enxerga a sua própria vida agora que não é mais um usuário. Por outro lado, o self predominante sofre interrupções em sua fala quando o *eu usuário de crack* toma a voz nas narrativas, confundindo o interlocutor sobre quem é que está contando a história. Falcão se autodenomina *ex-usuário de crack* e usa essa voz como sua voz principal, mas ela sofre descontinuidade pelas interrupções do *eu usuário de crack*, aquele *eu* que ele quer deixar para traz. No entanto este *eu* torna a reaparecer, descontinuando na fala do *eu predominante*, assim como no comportamento de Falcão, que nos conta que passa a semana em tratamento no CAPSad e nas quintas-feiras faz uso de crack. Não é apenas a voz predominante que apresenta descontinuidade, a sua voz de trabalhador também apresenta descontinuidade, pois em um momento ela é apresentada como estruturante da voz do *eu usuário de crack* e em todos os outros momentos ela é apresentada como estruturante do *eu cidadão*. Já o *eu amigo* não apresenta funções diferenciadas, mas é inserido na sentença 46 como um *eu* com o qual ele não se reconhece mais, que fez parte do passado, sendo um *eu* que descontinuou.

No caso Precioso, todas as vozes expressas nas suas narrativas formam juntas a voz do *eu cuidador*, pois é graças à experiência adquirida por todos estes autores e pelo

conhecimento das vozes que eles formaram que ele hoje é um cuidador. A sua história de vida nos diz que a existência do *eu técnico*, que é a voz mais utilizada como narrador, só existe graças à sua experiência com o *eu usuário* e pelo seu resultado positivo *em tratamento*. Estes *eus*, assim como os *eus trabalhador, homem de família, ex-usuário e amigo*, representam vozes que compõem sua voz predominante, que é multivocal. Assim como Falcão, ele também traz relatos sobre amizades com a qual ele não mantém mais contato, no entanto ele o faz com a justificativa do tratamento. O outro grupo de amigos que ele faz referência é introduzido em sua vida em decorrência do tratamento, sendo assim, seu *eu amigo* não incorreu em descontinuidade, pois tanto o afastamento quanto as aproximações que esta voz narrou foram decorrentes da sua necessidade de compor o *eu em tratamento*.

Cada uma das nomenclaturas criadas para denominar os *mins* e *eus* teve a finalidade de ilustrar o que cada ator e autor respectivamente representam dentro da narrativa. As nomenclaturas foram criadas de acordo com o contexto das narrativas, pela ideia principal que o narrador procura expressar nas suas histórias. Portanto, não constituem categorias de self com valor universal, as nomenclaturas são inerentes àqueles sujeitos que constituíram narrativas neste estudo. Como o contexto da pesquisa colaborava para a criação de narrativas sobre o uso do crack e o processo de tratamento e recuperação dos dependentes desta droga, houve nomenclaturas que coincidiram em ambos os casos, como:

- *Mins*: Usuário do CAPS, pertencente a uma família, filho e amigável.
- *Eus*: Trabalhador, usuário de crack, em tratamento, homem de família e ex-usuário de crack.

Dado que o self dialógico se constitui narrativamente e que a construção dessas narrativas se deu a partir da experiência de nossos participantes com o uso do crack, o advento de experiências semelhantes fez com que eles configurassem o self de maneira semelhante e voltada para as questões do uso da droga. Em comum eles possuem as características que inicialmente determinaram a seleção dos participantes, que é o diagnóstico da dependência em crack e o tratamento da dependência no CAPSad escolhido. Houve também a questão do comprometimento profissional, a incidência de uso do crack durante o tratamento e a quebra de vínculos com outros usuários ou locais de risco. Assim, podemos concluir que a experiência desses sujeitos é que determinou os *mins* e *eus* representados nos estudos de caso de Falcão e de Precioso, e consequentemente houve alguns desses *mins* e *eus* com a mesma nomenclatura para os dois participantes.

Outro ponto de aproximação entre os dois casos foi o uso da metáfora da personificação para descrever as ações do crack, uma maneira de aproximar o ouvinte/leitor

do entendimento que eles fazem desta droga. Para além das ações expressas diretamente pelos dois narradores, as suas histórias nos apresentam um crack que seduz inicialmente com a promessa de apagar seus problemas. A sensação de estar livre dos problemas é temporária, pois pouco tempo depois eles percebem que encontraram um novo problema. O que antes era um namoro prazeroso se transforma em um casamento conturbado. Tanto a metáfora deles quanto a que acabo de apresentar possui a intenção de reafirmar o forte vínculo que os entrevistados desenvolveram com o crack e a dificuldade de desfazer esses laços. Os sujeitos se sentem enredados e controlados pelo crack. Precioso chega a afirmar diretamente na sentença 166 que os usuários são vítimas do crack e do tráfico. Essa sentença cria uma hierarquização com três patamares: no patamar mais alto está o crack com a sensação temporária de estar livre dos problemas, dos sentimentos e das dores, associado ao seu baixo valor de comercialização; no meio estão os traficantes que se aproveitam dos benefícios que a droga traz ao usuário e também do poder de causar dependência rapidamente para conquistar um mercado consumidor; na base da cadeia alimentar está o usuário, que é seduzido e enredado, perdendo sua autonomia completamente e ficando a mercê do crack e do traficante.

Este enredamento e controle ao qual o crack submete os narradores em ambos os casos, reforça também a ideia de vitimização, tirando deles a responsabilidade pelos seus atos e colocando-as no crack. A esta isenção de responsabilidade na problemática está atrelada a isenção de responsabilidade em sua resolução, pois não acham que são capazes disso, já que não têm controle de suas vidas quando estão em uso. O que remete ao fenômeno do inevitável que Falcão trouxe em suas narrativas e que se faz igualmente presente neste discurso de vitimização. E como não conseguem controlar o que acontece em suas vidas, os usuários de crack não se apercebem como agentes de poder e de direitos e sentem constrangimento por sua voz predominante de usuário que impõe limites à sua possibilidade de mudanças e à construção de uma história de vida alternativa (Machado & Matos, 2007).

A questão do modo como cada um dos participantes experienciou a sua situação de usuário de crack e de estar em tratamento também influenciou o modo como cada um descreveu a vida em suas construções narrativas. Ambos pareciam se referir à vida como o momento presente, o momento que estavam vivenciando.

Falcão apresenta sua vida de forma conflituosa por estar em um momento de transição, ora se identificando com o *eu ex-usuário*, ora com o *eu usuário*. Na sentença 95 a vida é apresentada de maneira indiferente e sem relação de posse, porém como sendo algo comum a todos. Já na sentença 105 Falcão desenvolve um laço com a vida, tomando posse dela. Mas quando usa a locução “nessa minha vida”, ele o faz para referir-se ao *eu usuário de crack*, um

eu que não o representa mais, pois ele se considera ex-usuário. Falcão chegou a utilizar o recurso da personificação para se reportar à vida, como pudemos ver na sentença 187, onde a vida lhe traz surpresas. A vida lhe faz coisas. Ela o enreda e tira-lhe a capacidade de agir por conta própria, assim como o crack. Na mesma narrativa a sentença 195 traz seu desejo de conquistar uma nova vida no CAPSad, mantendo ela ainda no status de entidade à parte de seu ser, algo que ele só conquistará quando se livrar da vida do *eu usuário de crack*. Tanto é que na sentença 248 ele mesmo afirma veementemente que não quer mais essa vida de usuário para si. Mas seu discurso sobre a vida é de todo contraditório. Ora ele se reporta a ela de maneira indiferente e imparcial, ora toma posse dela. Ele se apresenta do mesmo modo conflituoso: ora com um *eu ex-usuário* e, portanto, com uma vida de *ex-usuário*, ora assume a vida de *usuário de crack* pela aversão que sente por ela e o desejo de que ela se encerre.

Por outro lado, o *eu* predominante de Precioso o coloca na posição de *cuidador*, ele apresenta a vida com um olhar crítico, diferenciando bem o que é próprio de cada fase que passou. Suas falas distinguem claramente um *eu* para cada fase da vida. Na sentença 45 ele conta que a vida lhe passava a sensação de escuridão e que não tinha sentido quando fala com a voz do *eu usuário de crack*. Já na sentença 46 ele conta que após o tratamento a vida lhe trouxe uma sensação de melhora, reportada pela voz do *eu em tratamento*. Na sentença 67 ele relata que quando sente vontade de usar crack realiza um balanço entre o que é sua vida agora e o que era quando ele fazia uso. Esses três exemplos mostram o movimento de Precioso em perceber que a vida é um resultado de suas ações e que suas decisões irão determinar o curso de sua vida. No entanto, ele mantém o discurso de que o usuário é uma vítima do crack, o que o põe em contradição: como uma pessoa pode ser responsável pelos seus atos se ao mesmo tempo ele também assume que pode ser controlado pelo crack?

As relações que os narradores desenvolveram com o trabalho nos dois casos também foram muito significativas para ambos, mas de maneiras diferentes. Para Falcão a relação com o trabalho já começou a ser apresentada de maneira conflituosa: ele conta que quando trabalhava para o paulistano nunca fumou o crack e depois quando foi trabalhar para outro já estava viciado. A transição entre um empregador e outro é usada como marco para o início do uso e dependência no crack. Depois ele reporta ter trabalhado como vendedor do crack, que foi a época que ele mais teve colegas e companheiras, o seu auge financeiro e de uso. Hoje ele possui um trabalho semanal, cuja renda é revertida para o uso do crack. Mas apesar de ter apresentado o seu trabalho como fator de continuidade no uso da droga, ele coloca a sua expectativa de melhora de vida num emprego que ele terá quando estiver melhor. Já Precioso teve o seu trabalho do salão como um dos primeiros indícios de que não estava bem enquanto

estava em uso, quando diz: quem iria ao salão de um usuário de crack? A preocupação com a sua reputação profissional o levou a sentir vergonha do estado físico em que se encontrava e agora que ele está afastado do uso do crack, usa seu segundo trabalho para ajudar outros que estão na mesma situação em que ele estava.

Em ambos os casos também se destaca a preocupação com a aparência corporal, passando a ser utilizada como referência de saúde para os dois entrevistados: a magreza tem conotação negativa e representa a fase de usuário e o corpo mais cheinho tem conotação positiva e representa a fase livre do uso de crack. O estado físico de extrema magreza ao qual o usuário de crack chega a apresentar é representado ludicamente por Falcão pela metáfora do zumbi. Quando estava em uso ele é comparado e também se compra ao zumbi que é representado no clipe da música thriller, do cantor Michael Jackson. Esta comparação é uma forte alusão à despersonalificação sofrida pelo usuário do crack, pois as marcas deixadas pelo uso crack inventam um novo corpo, que desconsidera temporariamente suas antigas marcas, assim como a memória e as inscrições significantes (Conte, 2002). E a mesma autora diz ainda que para além das marcas físicas, nos casos da despersonalização o sujeito é levado a um não reconhecimento de um eu e também de um corpo próprio. Ele não sabe quem é e não se importa com o aspecto que seu corpo apresenta por não ter consciência de que ali existe um corpo. Por esta perspectiva, a metáfora do zumbi utilizada por Falcão parece descrever bem a situação de despersonalização: a pessoa se torna algo sem consciência de suas atitudes, ela segue vivenciando pela perspectiva do consumo sem sequer respeitar as suas funções vegetativas primárias, já que o sujeito esquece até que tem um corpo para alimentar, assear e repousar.

É importante ressaltar ainda que houve em comum entre os dois casos o sentimento de solidão existencial: Falcão afirma que perdeu tudo, que hoje não tem nada e Precioso descreveu sua vida em uso como escura e sem sentido. O primeiro falava aparentemente de bens materiais, mas traz a ressalva de que ainda tem o pai e os irmãos, colocando todo o resto da família, os amigos, o trabalho e os outros vínculos não citados na listagem de perdas que sofreu. Ele agora se sente com o mesmo vazio relatado por Precioso, já que não possui mais nada. Assim como Falcão, Precioso também relata as suas perdas materiais e sociais, mas aprofunda mais a sua descrição através do sentimento de vazio, desespero e no pensamento de tirar a própria vida. Cada uma nos disse a sua maneira que, assim como o efeito psicológico do crack é o de retirar os sentimentos e pensamentos ruins de suas cabeças, ele também possui o efeito de retirar as coisas boas, deixando-os sem nada em que se amparar.

A vivência de uma condição de desamparo foi uma realidade relatada por ambos. Para Falcão ela foi experienciada no afastamento de sua família e na certeza de não poderia contar com eles. No caso de Precioso o sentimento de desamparo é relatado desde o início da entrevista, quando ele entra em depressão por não conseguir ajudar o companheiro. Ao perceber-se dependente do crack ele relata falta de esperança em si mesmo, desespero e até vontade de cometer suicídio.

A quebra de seus vínculos afetivos pode ser evidenciada nos dois casos, tanto com a família, quanto com os amigos. A família de Falcão se afastou dele por medo de seu comportamento antissocial, quando em uso. Já a família de Precioso foi mantida afastada por ele mesmo, que só soube de sua condição de usuário quando ele estava em tratamento. No caso dos amigos, a quebra de vínculos só foi relatada quando do ingresso no tratamento, no qual o afastamento de vínculos adoecidos representam o afastamento de vínculos com a doença. No entanto, também foram relatados novos vínculos afetivos que representam a saúde e o bem estar social destes sujeitos, tanto com relação a novos amigos quanto a novos vínculos empregatícios (no caso de Precioso, apenas).

A importância do apoio familiar que foi tão exaltada na entrevista de Precioso pode ser evidenciada também na narrativa de Falcão, que relata uma dor ao falar que a família não acredita nele e percebe-se uma sensação de abandono destes quando Falcão diz que não os chama por saber que eles não virão. Ele assume que já aprontou muito, mas também que esperava algo de bom da família. Precioso afirma que a saúde dos membros depende da saúde familiar e que o adoecimento de um significa o adoecimento de todos.

Um ponto importante a ser ressaltado é condizente ao funcionamento do CAPSad, seus horários e as atividades dos grupos. Em comum aos dois casos analisados, vimos que a divisão do atendimento em turnos pareceu não suprir completamente as necessidades dos nossos narradores. Falcão participa de dois turnos para fugir do ócio e não fazer besteiras e ainda não conseguiu parar completamente o uso do crack, pois o CAPSad é o seu único suporte e quando não está lá, ele não consegue controlar-se para o não uso. E Precioso preferiu o internamento para desintoxicar antes de iniciar o tratamento e relata que só assim conseguiu se afastar do uso.

Estes usuários optaram pelo afastamento social parcial ou completo, mas devemos lembrar que o CAPSad é um lugar de cuidado dentro da comunidade e tem a missão de reabilitar seus usuários psicossocialmente em modelo substitutivos ao asilar (Brasil, 2013). O trabalho desenvolvido no CAPSad visa recuperar a autonomia dos seus usuários, sendo um suporte comunitário e a prática de retirar o sujeito do convívio na comunidade vai de encontro

aos seus princípios de funcionamento. Depois é importante retomar os princípios da subjetividade que dizem que a produção de sentidos se caracteriza por toda a carga de experiência que a pessoa trouxe de diferentes momentos de sua vida e que a cada nova experiência essas configurações são modificadas (González Rey, 2005). Isso quer dizer que são inúmeras as possibilidades de configuração e reconfiguração na produção de sentidos desses sujeitos, fazendo com que uma atividade que influenciou positivamente uma pessoa possa influenciar outra de maneira negativa. Ou seja, os sentidos de cada evento irão depender da pessoa, de suas experiências prévias, das atuais e de todas as atividades e eventos que ocorreram e que estão ocorrendo em sua vida neste momento.

Como exemplo de como a configuração da subjetividade é diferenciada em sujeitos que aparentemente passaram por situações semelhantes, podemos colocar a voz de *usuário de crack* que para Falcão representa uma descontinuidade do seu *eu predominante*, enquanto para Precioso este *eu* é um componente do seu *eu predominante*. Para cada um deles essa voz possui um significado diferente: o que para um é uma voz desestruturante e corresponde a uma descontinuidade, para outro é estruturante de um novo self.

Apesar de Precioso ter passado pela desintoxicação hospitalar e pelo abrigamento, com o consentimento e indicação do TR do CAPSad para passar por esses procedimentos, ele o fez por vontade própria. Já Falcão frequenta dois turnos no CAPSad para evitar ficar no ócio pensando besteira, como ele mesmo afirmou. Esta diferença entre as necessidades que cada sujeito apresentou e as estratégias empregadas por eles e seus TR's com relação aos seus respectivos tratamentos, reforçam a questão da subjetividade de cada um. Além da diferença no tempo/fase de tratamento em que se encontram, percebeu-se que Falcão ainda está aprendendo a identificar e diferenciar o comportamento que é referente ao seu *eu usuário* e ao seu *eu ex-usuário*. Já Precioso, sabe o que é referente a cada *eu* e também aprendeu a lidar com cada um deles, assumindo as experiências que teve com eles como partes de si.

Considerar a multivocalidade do self e as relações dialógicas entre as suas subpartes nos traz a possibilidade de distinguir as diferentes posições de self dos usuários. Essas posições devem ser levadas em conta no tratamento destes usuários como aliados na promoção de reflexão acerca de suas ações. A partir daí, os cuidadores dos serviços de referência poderão direcionar o seu trabalho para os *eus* de cada sujeito, no sentido de fortalecer as vozes promotoras de um comportamento saudável a partir das possibilidades de cada um.

Hermans (2007) utiliza o método do autoconfronto das valorações dos afetos no trabalho clínico com seus clientes, mas o mesmo trabalho pode ser viabilizado diretamente

com os atores e autores que surgem nas narrativas autobiográficas, assim como os nossos entrevistados o fizeram. Desta maneira, seriam necessários outros encontros, onde a pessoa seria convidada a um movimento reflexivo, sendo apresentada aos seus conteúdos manifestos e também à maneira com o qual ela se expressa sobre si. O que é possível de se fazer no serviço do CAPSad, por possuir uma modalidade de tratamento com diversos encontros semanais. O que sugerimos como proposta de trabalho com os usuários em tratamento é que eles e os seus cuidadores conheçam as vozes com qual este sujeito se apresenta em suas narrativas, tomando consciência da posição em que se colocam para que ela seja trabalhada.

Para que isso aconteça no trabalho de grupo é preciso que os usuários estejam em condições de se expressar verbalmente em frente ao grupo, no tempo do grupo e que a reconfiguração das posições de eu sejam o tema do grupo. Machado e Matos (2007) utilizaram a proposta de recriar as narrativas de identidade problemática apresentada pelas mulheres que participaram de seu grupo de intervenções, pois elas acreditam que na medida em que a pessoa se distancia da problemática impositiva de impedimentos, novos significados surgirão gradualmente. Elas dizem que a partir da compreensão do problema é possível desenvolver práticas de intervenção que proponham alternativas à problemática, que neste caso é o transtorno por uso de crack. Pois, assumindo que a construção de significados se dá narrativa e discursivamente, então a mudança desses significados também se dará através do diálogo com a construção de novos significados (Machado & Matos, 2007), fazendo do procedimento de recriação narrativa uma alternativa válida para o trabalho de grupo nos CAPSad por já utilizarem do diálogo em seus trabalhos de grupo.

Não obstante, o exercício de identificar as posições de self em que cada um desses usuários se coloca em suas narrativas e levar o sujeito ao conhecimento dessas posições e a refletir acerca da maneira como se apresenta aos seus interlocutores, não só em um, mas em vários momentos de sua vida poderá auxiliar a pessoa/narradora a compreender a maneira como chegou àquela ideia de si. Ambos os estudos de caso podem ser tomados como exemplos de narradores que compreendem a maneira como se apresentavam em diferentes momentos de sua vida e que sabem o caminho trilhado até chegar ao que é hoje. Cada um chegou a um lugar diferente, mas sabem como o fizeram. Chegar à ideia que faz de si pode gerar novas ideias e também um planejamento de estratégias para alcançar outros *mins* e *eus*. Do mesmo modo o sujeito pode planejar e executar estratégias para prevenir a configuração de um *eu* indesejado. Um exemplo disso está na sentença 193 do caso de Falcão, em que ele se utiliza da estratégia de não se alcoolizar para não sentir vontade de usar crack, mantendo-se longe das situações que poderiam configurá-lo como usuário de crack. Precioso também tem

uma estratégia para afastar-se de situações que poderiam configurar seu *eu usuário*, como ele relata na sentença 67 em que ele refere praticar a comparação consigo quando estava em uso e consigo longe do uso. O que vimos é que sabendo como organiza seus conteúdos, o narrador poderá reorganizá-los de maneira a alcançar uma nova configuração de si.

Considerar as diferentes posições de self das pessoas que ingressam no tratamento é considerar que elas podem trazer vozes conflitantes, assim como Falcão que trouxe a voz do trabalhador que configurava a voz do usuário e outra voz do trabalhador que configurava sua voz de ex-usuário, mas que estão trazendo consigo um caminho para reorganização do self, assim como o mesmo narrador fez ao longo de suas narrativas.

É perigoso tecer generalizações partindo apenas de dois casos, mas o que se pode perceber é que o caso em que houve ruptura com o *eu usuário de crack* foi aquele em que as vozes não apresentaram descontinuidades. Ainda não é possível afirmar se foi a ruptura com o crack que permitiu que o sujeito apresentasse um self contínuo ou se foi a reorganização do self que levou Precioso a romper com o crack. Alguns estudos apresentados no início desta pesquisa mostravam como o uso de substâncias psicoativas desestrutura a vida dos seus usuários. No entanto, um estudo futuro pode apontar qual a relação entre estes dois eventos.

Ao fim, é preciso dizer ainda que a apresentação do tema da pesquisa aos entrevistados, o local onde a entrevista foi realizada e a escolha apenas de participantes que tinham problemas referentes ao uso de crack pareceu direcionar o discurso narrativo a esta temática, o que por um lado foi positivo por proporcionar que se tencesse uma compreensão acerca do modo como o uso do crack afetou a construção narrativa do self dos participantes. Porém, esse direcionamento pode ter funcionado de maneira limitadora ou até impedindo que surgissem outros relacionados a contextos diferentes tenham sido abordados pelos entrevistados. Outro limitador da pesquisa foi a utilização de apenas um momento para a coleta de dados, dadas as limitações de tempo impostas pelo prazo de duração do mestrado, pois um estudo longitudinal possibilitaria a identificação de outros elementos, como o tempo e das intervenções utilizadas no tratamento na configuração e/ou reconfiguração do self dos participantes.

REFERÊNCIAS

- Abadi de Oliveira, I. M. (2003) As inscrições de um corpo – considerações sobre uma Oficina de Escrita com toxicômanos num centro de recuperação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VI (2), 114-125.
- Almeida, R. M. M.; Pasa, G. G. & Scheffer, M. Álcool e Violência em Homens e Mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 252-260, 2008.
- Bahls, F. R. C. & Ingbermann, Y. K. (2005). Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. *Estudos de Psicologia*. 22 (4) 395-402.
- Belzen, J. A. (2009). Cultura, religião e Self Dialógico. Raízes e Caráter de uma Psicologia Cultural Secular da Religião. *Revista de Estudos da Religião*. pp. 30-52.
- Bernardy, C. C. F. & Oliveira, M. L. F. de. (2010). O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Revista da Escola de Enfermagem USP*. 44(1) 11-17.
- Bertau, M. C. (2008). Voice as Materialistic Principle. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. 42, pp. 121-127.
- Bleger, J. (1985). *Simbiose e ambigüidade*. 2 edição: Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- Brasil (2005). Gabinete de Segurança Institucional - Conselho Nacional Antidrogas, Resolução Nº3/GSIPR/CH/CONAD, de 27 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326979.pdf>
- Brasil (2010a). Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para assuntos Jurídicos. Decreto nº 7.179, de 20 de maio de 2010. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%207.179-2010?OpenDocument
- Brasil (2010b). Presidência da República – Secretaria de Imprensa/SECOM. Disponível em: <http://www.imprensa.planalto.gov.br/>
- Brasil (2012). Tribunal de Contas da União – Relatório de Auditoria Operacional, Sistema Nacional de Políticas Sobre Drogas. Disponível em: http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/seguranca_publica/Relat%C3%BDrio_pol%C3%A9tica_nacional_sobre_drogas.pdf
- Brasil (2013) Manual de estrutura física dos Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento: Orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e UA como lugares da atenção psicossocial nos territórios. Ministério da Saúde. Distrito Federal, Brasília. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/sistemas/sismob/manual_ambientes_caps_ua.pdf
- Brockemeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 16 (3), 525-535.
- Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*. 18 (1), pp. 1-21.

- Bruner, J. (1997a). *Realidades Mentais, mundos possíveis*. Tradução: Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed.
- Bruner, J. (1997b). *Atos de significação* (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artesmed.
- Bruner, J. (2001). *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Bucher, R. (1992). *Drogas e drogadição no Brasil*. Editora Artes Médicas. Porto Alegre.
- Callero, P. L. (2003). The sociology of the self. *Annual Review of Sociology*, 29, 115–133.
- Campos, E. A. de. (2004). As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. *Caderno Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 20 (5), 1379-1387.
- Casagrande, A. de B. (2010). Drogadição epidêmica: instituições psiquiátricas e experiências da dependência química na contemporaneidade. *Anais do 1º Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CEBRID (2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005 / E. A. Carlini (supervisão) [et. al.], - São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo.
- CID-10 (2008). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. Décima revisão, versão 2008, volume I. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo/Organização Mundial de Saúde/Organização Pan-Americana de Saúde. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/cid10.htm>
- Chiapetti, N. & Serbena, C. A. (2007). Uso de Álcool, Tabaco e Drogas por Estudantes da Área de Saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 20(2) 303-313.
- Conte, M. (2002). A clínica institucional com toxicômanos: uma perspectiva psicanalítica. In.: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, II (2), 28-43.
- Crives, M. N. dos S. & Dimenstein, M. (2003). Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. *Saúde e Sociedade*. 12(2) 26-37.
- Darnon, W. & Hart, D. (1982). The development of self-understanding from infancy through adolescence. *Child development*, 4, 841-864.
- Dietz, G.; Santos, C. G. dos; Hildebrandt, L. M. & Leite, M. T. (2011). As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas*. (Ed. port.) 7(2) 85-9.

- Dimaggio, G. (2006). Changing the Dialogue Between Self Voices During Psychotherapy. *Journal of Psychotherapy Integration*. 16 (3), pp. 313–345.
- Dimaggio, G.; Hermans, H. J. M. & Lysaker, P. H. (2010). Health and Adaptation in a Multiple Self: The Role of Absence of Dialogue and Poor Metacognition in Clinical Populations. *Theory and Psychology*. 20 (3), pp. 379-399.
- DSM V (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition. American Psychiatric Association, Arlington, VA.
- Ellis, B. D. & Stam, H. J. (2010). Addressing the Other in Dialogue: Ricoer and the Ethical Dimensions of the Dialogical Self. *Theory and psychology*. 20 (3), pp. 420-435.
- Farr, R. M. (1982). *Interviewing: The Social Psychology of the inter-view*: in: F. Fransella. (ed.) *Psychology for Occupational Therapists*. London: Macmillan. p.151-70.
- Favoreto, C. A. O. & JR, K. R. de C. (2011). A narrativa como ferramenta para o desenvolvimento da prática clínica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 15 (37), 473-83.
- Fernandes, E. M. & Maia, A. da C. (2011). *Grounded Theory*. In: Eugénia Fernandes & Leandro da Silva Almeida (Editores), Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas. CEEP-UM. 49-76. Braga.
- Fernandes, L. (1995) O sítio das drogas. Etnografia urbana dos territórios psicotrópicos. *Toxicodependências*. 2, 22- 31.
- Ferreira de Lima, A. (2008). Dependência de drogas e Psicologia Social: estudo sobre as oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da Teoria da Identidade. *Psicologia & Sociedade*. 20 (1): 91-101.
- Fonte, C. A. M. da. (2005). Investigar Narrativas e significados: A Grounded Analysis como metodologia de referência. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. 2, 190-197.
- Fontes, C. A. M. (2003). *Consumo de Álcool e Drogas Ilícitas em Estudantes da Universidade do Minho: da Estatística à Construção Narrativa de Significados*. Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Psicologia. Porto.
- Germano, I. & Serpa, F. A. da S. (2008). Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 60 (3), pp. 9-22.
- González Rey, F. (2005). *Valor Heurístico da Subjetividade na investigação psicológica*. In: Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia. Fernando González Rey (organizador), Pioneira Thomson Learning: São Paulo, 2005.
- Gouveia, V. V.; Singelis, T. M. & Coelho, J. A. P. de M. (2002). Escala de Auto-Imagen: Comprovação da Sua Estrutura Fatorial. *Avaliação Psicológica*. 1, 49-59.

- Grossen, M. & Orvig, A. S. (2011). Dialogism and dialogicality in the study of the self. *Culture and Psychology*. 17 (4), pp. 491-509.
- Guimarães, A. B. P.; Hochgraf, P. B.; Brasiliano, S. & Ingberman, Y. K.; (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 36 (2), 69-74.
- Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro.
- Hermans, H. J. M. (2001) The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning. *Culture Psychology*. 7(3) 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2007). *A pessoa como narrador motivado de histórias*. In: *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção convencional da mudança*. Coordenação: Miguel M. Gonçalves e Óscar F. Gonçalves. Editora Quarteto, 2^a edição.
- Hermans, H.J.M., Kempen, H.J.G., & Van Loon, R.J.P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23–33.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2008). *Projeto qualitativo com texto imagem e som*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ.
- Labov, W. & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis: oral version of personal experience. In Helm J (ed.) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Whashington Press, 12-44.
- Labov, W. (1972). The study of language in its social context. *Stadium Generale* 21, 30-87.
- Lakoff, G. & Johnsen, M. (2003) *Metaphors we live by*. The university of Chicago press. London.
- Levinsky, D. L. (1998) *Adolescência e violência: a psicanálise na prática social*. In: Levinsky, D. L. (Org.) *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 21-43.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. & Vieira, A. O. M. (2006). Narrativas sobre a privação de liberdade e o desenvolvimento do self adolescente. *Educação e Pesquisa*. 32(1), pp. 67-83.
- Kagitçibasi, C. (2003). *Human development across cultures: A contextual-functional analysis and implications for interventions*. In T. S. Saraswathi (Ed.), *Cross cultural perspectives in human development: Theory, research and applications* (pp. 166–191).
- Kahn, J. S.; Goddard, L. & Jamie, M. C. (2013). Gay men and drag Dialogical resistance to hegemonic masculinity. *Culture and Psychology*. 19 (1), pp. 139-162.
- Kinnvall, C. & Lindén, J. (2010). Dialogical Selves between Security and Insecurity: Migration, Multiculturalism, and the challenge of the Global. *Theory and psychology*. 20(5), pp. 595-619.

- Kullasepp, K. (2007). Affective Guidance of Sexual Identity Construction: The Intrapychological Level in the Service of Culture. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. 47, pp. 272-284.
- Labov, W. & Waletzky , J. (1967). Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: *Essays on the Verbal and Visual Arts*. American Ethnological Society. Editor: June Helm. Seatle and Londres.
- Labov, W. (1972). *Language in the inner city: Studies in the black English vernacular*. University of Pennsylvania Press: Philadelphia.
- Lima, I. S.; Paliarin, M. M.; Zaleski, E. G. F. & Arantes, S. L. (2008). História oral de vida de adolescentes dependentes químicos, internados no setor de psiquiatria do hospital regional de Mato Grosso do Sul para tratamento de desintoxicação. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas* (Ed. port.). 4(1), artigo 2.
- Lüdke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Editora Pedagógica e Universitária.
- Macedo, L. & Sperb, T. M. (2007). O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul Estudos de Psicologia*, 12(3), 233-241.
- Machado, C. & Matos, M. (2007). Intervenção narrativa com um grupo de mulheres maltratadas. In: *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção convencional da mudança*. Coordenação: Miguel M. Gonçalves e Óscar F. Gonçalves. Editora Quarteto, 2^a edição.
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma; dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Ed Garamond. Rio de Janeiro.
- Marinho, M. Be. (2005). O demônio nos "paraísos artificiais": considerações sobre as políticas de comunicação para a saúde relacionadas ao consumo de drogas. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*. 9 (17), 343-54.
- Massih, E. (2009). A Teoria do Self Dialógico e a Psicologia Cultural da Religião na Psicoterapia para Religiosos. *Revista de Estudos da Religião*. pp. 53-67.
- Matos, N. G. V. de. (2011). *CAPS-POEIRA: encontros possíveis entre a psicanálise e a capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- Medeiros, R. C. de. (2005). *Adulto jovem, prazer e drogadicção: nos caminhos de uma paixão, a construção de um olhar*. Dissertação apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, como requisito à obtenção do Título de Mestre. Rio de Janeiro.
- Mishler, E. G. (2002). *Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo*. Em Luis Paulo da Moita Lopes e Liliana Cabral Bastos (Orgs.): *Identidades, recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras.

- Moore, H.; Jasper, C. & Gillespie, A. (2011). Moving between frames The basis of the stable and dialogical self. *Culture and Psychology*. 17 (4), pp. 510-519.
- Neves, A. C. L. & Miasso, A. I. (2010). “Uma força que atrai”: o significado das drogas para usuários de uma ilha de Cabo Verde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 18 (n.especial), pp. 589-97.
- Nunes, E. L. G. & Andrade, S. G. (2009). Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, Brasil. *Psicologia & Sociedade*. 21(1) 45-54.
- O’dell, L.; Crafter, S.; Abreu, G. & Cline, C. (2012). The problem of interpretation in vignette methodology in research with young people. *Qualitative Research*. 12 (6), pp. 702-714.
- Oliveira, M. C. S. L. de. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*. 11 (2), 427-436.
- O’Sullivan-Lago, R. & Abreu, G. de. (2010). Maintaining Continuity in a Cultural Contact Zone: Identification Strategies in the Dialogical Self. *Culture and Psychology*. 16 (1), pp. 73-92.
- Peixoto, C.; Prado, C. H. de O.; Rodrigues, C. P.; Cheda, J. N. D.; Mota, L. B. T. da. & Veras, A. B. (2010). Impacto do perfil clínico e sociodemográfico na adesão ao tratamento de pacientes de um Centro de Atenção Psicossocial a Usuários de Álcool e Drogas (CAPSad). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 59 (4), 317-321.
- Pereira, S. E. F. N. & Sudbrack, M. F. O. (2008). Drogadição e Atos Infracionais na Voz do Adolescente em Conflito com a Lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 24(2), pp. 151-159.
- Possa, T. & Durman, S. (2005). *Sentimentos de usuários de substâncias lícitas e ilícitas: Processo de Ressocialização*. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. UNIOESTE – Campus de Cascavel.
- Pratta, E. M. M & Santos, M. A. dos. (2009). O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. 25 (02), 203-211.
- Prokopiou, E.; Cline, T. & Abreu, G. (2012). “Silent” monologues, “loud” dialogues and the emergence of hibernated I-positions in the negotiation of multivoiced cultural identities”. *Culture and Psychology*. 18 (4), pp. 494-509.
- Raggat, P. T. F. (2010a). The Dialogical Self and Thirdness: A Semiotic Approach to Positioning Using Dialocal Triads. *Theory and Psychology*. 20 (3), pp. 400-419.
- Raggat, P. T. F. (2010b). Essay Rewiew: The Self Positioned intime and Space: Dialogical Paradigms. *Theory and Psychology*. 20 (3), pp. 451-460.
- Raupp, L. & Milnitsky-Sapiro, C. (2005). Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. *Estudos de Psicologia*. 26(4) 445-454.

- Rêgo, M.; Miranda, M. L. M.; Nuñez, M. E. & Queiroz, A. (2009). As estratégias clínicas numa instituição para toxicômanos. In: *Toxicomanias: incidências clínicas e sócio antropológicas*. Salvador: EDUFBA. pp. 221-230.
- Ribeiro, A. P. & Gonçalves, M. M. (2010). Innovative Moments and Self-Stability. *Culture and Psychology*. 16 (1), pp. 116–126.
- Ribeiro, A. P. & Gonçalves, M. M. (2011). Maintenance and Transformation of Problematic Self-Narratives A Semiotic-Dialogical Approach. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. 45, pp. 281-303.
- Sahlins, M. (2000). “*Sentimental pessimism*” and ethnographic experience; or, Why culture is not a disappearing “object”. In L. Daston (Ed.), Biographies of scientific objects (158-202). Chicago: University of Chicago Press.
- Sanchez, Z. V. der M. ; Oliveira, L. G. de.& Nappo, S. A. (2004). Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência e Saúde Coletiva*. 9 (1), 43-55.
- Sanchez, Z. V. der M.; Oliveira, L. G. de. & Nappo, S. A. (2005). Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Revista de Saúde Pública*. 39 (4) 599-605.
- Sanchez, Z. V. der M. & Nappo, S. A. (2007). A religiosidade, a espiritualidade e o uso de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 34 (1), pp. 73-81.
- Santos, C. E. dos & Costa-Rosa, A. da. (2007). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. *Estudos de Psicologia*. 24(4) 487-502.
- Santos, M. A.; Gomes, W. B. (2010). Self Dialógico: Teoria e Pesquisa. *Psicologia em Estudo*. 15 (2), pp. 353-361.
- Santos, M. S. D. dos & Velôso, T. M. G. (2008). Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 12 (26), 619-634.
- Santos, R. G. dos.; Moraes, C. C. de. & Holanda, A. (2006). Ayahuasca e Redução do Uso Abusivo de Psicoativos: Eficácia Terapêutica? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (3), 363-370.
- Sato, T.; Hidaka, T. & Fukuda, M. (2009). *Depicting the Dynamics of Living the Life: The Trajectory Equifinality Model*. IN Jaan Valsiner et al. (eds.), Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences, Ed. Springer Science and Business Media, 217-240.
- Sarbin, Th. R. (1986). *Then Narrative as a root metaphor for psychology*. In: Th. R. Sarbin (Ed.) *Narrative Psychology: The storied nature of human conduct*. 3-21. New York.
- Sartawi, M. & Sarmut, G. (2012). Negotiating British Muslim identity: Everyday concerns of practicing Muslims in London. *Culture and Psychology*. 18 (4), pp. 559–576.

- Scaduto, A. A. & Barbiere, V. (2009). O discurso sobre a adesão de adolescentes ao tratamento da dependência química em uma instituição de saúde pública. *Ciências & Saúde Coletiva*. 14(2) 605-614.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. de S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência e Saúde Coletiva*. 8(1) 299-306.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. de S. (2004). A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Caderno de Saúde Pública*. 20(3), pp. 649-659.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. de S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*. 10 (3), 707-717.
- Schürmann, V. (2008). The Materiality of the Abstraction Voice. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. 42, pp. 114–120.
- Schutze, F. (1977). *Dei Tchnik des Narrativen Interwies in Interaktionsfeldstudien – Dargestellt an Einen Projekt zur Erforschung von Kommunalen Machtstrukturen*. Unpublished manuscript, University of Bielefeld, Department of Sociology.
- Schutze, F. (1983). *Narrative Repraesentation kollektiver Schicksalsbetroffenheit*. In: E. Laemmert (ed.) Erzaehlforschung. J. B. Metzler. 568-590. Stuttgart.
- Silva, L. F. C. B. da. (2009). *Do cálice que cala à escuta que liberta à escuta que liberta: as expressões da demanda de abusadores e dependentes de álcool no contexto do acolhimento em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília.
- Silva, K. L.; Dias, F. L. A.; Vieira, N. F. C. & Pinheiro, P. N. C. (2010). Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. *Escola Anna Nery*. 14(3) 605-610.
- Simmel, G. (1989). *Sociologia*. (coleção Grandes Cientistas Sociais) Editora Ática. São Paulo.
- Souza, J. de. & Kantorski, L. P. (2009) A rede social de indivíduos sob tratamento em um CAPS ad: o ecomapa como recurso. *Revista da Escola de Enfermagem*. 43(2), 373-383.
- Suárez, R. E. S. & Galera, S. A. F. (2004). Discurso de los padres sobre el uso de drogas lícitas e ilícitas percibido por estudiantes universitarios. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. 12(número especial) 406-11.
- Tockus, D. & Gonçalves, P. S. (2008) Detecção do uso de drogas de abuso por estudantes de medicina de uma universidade privada. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 57 (3), pp. 184-187.
- Tuli, M. & Chaudhary, N. (2010). Elective interdependence: Understanding individual agency and interpersonal relationships in Indian families. *Culture & Psychology*. 16 (4) 477–496.
- Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: The social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books.

- Valsiner, J. (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New ideas in Psychology*. 23, pp. 197-206.
- Valsiner, J. (2008). Consciousness as a Process: From the Loneliness of William James to the Buzzing and Booming Voices of Contemporary Science. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. 42, pp. 1–5.
- Vargens O. M. da C.; Brands, B.; Adlaf, E.; Giesbrecht N.; Simich, L. & Wright, M. da G. M. (2009). Uso de drogas ilícitas e perspectivas críticas de familiares e pessoas próximas, na cidade do Rio de Janeiro, Zona Norte, Brasil. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. 17 (n. especial), pp.776-82.
- Vieira, A. G. (2012) *A Construção Narrativa da Identidade em Jovens Adotados*. Investigação de Pós Doutoramento, Universidade do Porto.
- Yin, R. K. (2002). Estudo de Caso: Planejamento e métodos. 2 ed. Bookman, Porto Alegre.

ANEXOS

ANEXO 1 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE, Dirigido aos usuários de serviços do CAPSad (sujeitos da pesquisa)

Projeto de pesquisa: *Construção Narrativa do self em usuários de crack em tratamento.*

Pesquisadora responsável: Amanda Carolina Claudino Pereira

Endereço: Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, av. Acadêmico Hélio Ramos s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), 8º andar, cidade universitária, Recife, Pernambuco.

Você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa, cujo **objetivo** é investigar a continuidade/descontinuidade do self e suas implicações para a compreensão da permanência em (e ruptura com) o uso abusivo do crack pelo usuário. Essa compreensão se dará através das posições em que a pessoa se representa dentro da narrativa da sua história de vida, podendo acarretar em um novo olhar e novas possibilidades para o cuidado e atenção das pessoas afetadas pela toxicomania.

Caso você concorde em participar, deverá aceitar que esta pesquisadora realize uma entrevista individual dentro da instituição em sala reservada, gravando-as em áudio, com gravador digital, aceitando que este material gravado possa ser transscrito. Estas gravações e transcrições ficarão de posse da pesquisadora responsável e da orientadora desse projeto, Profa. Dra. Luciane De Conti no Núcleo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Desenvolvimento, Universidade Federal de Pernambuco.

Todas as informações neste estudo são confidenciais. Os dados encontrados quando forem utilizados para fins de publicação ou de apresentação – em contextos acadêmicos e/ou de ensino - não serão identificados. Com isso queremos deixar claro que a identidade de suas informações estará sendo cuidadosamente resguardada. Esse material fará parte do Banco de Dados de Narrativas do Núcleo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Desenvolvimento e será utilizado única e exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica.

Estando ciente da possibilidade de riscos e desconfortos que podem ser gerados por esta pesquisa em termos de constrangimentos, timidez ou receios acerca dos temas que serão abordados por poderem tratar de assuntos íntimos e significativos, poderá a qualquer momento solicitar que se desligue o gravador, que o acesso aos prontuários seja interrompido ou mesmo que seja retirado seu consentimento em participar da pesquisa.

A compreensão sobre como a continuidade/descontinuidade do self e suas implicações para a compreensão da permanência em (e ruptura com) o uso abusivo do crack pelo usuário, pode contribuir para o aperfeiçoamento das práticas de funcionamento do CAPSad,

auxiliando no processo de recuperação. Além disso, as discussões sobre os resultados poderão ser benéficas também ao sistema de atenção ao usuário de crack, visto que, resguardando as identidades pessoais, estes resultados estarão disponíveis para que outros profissionais possam fazer uso deles.

Não haverá nenhum tipo de despesa nem de retorno financeiro ao aceitar participar desta pesquisa.

Caso exista alguma dúvida que deseje esclarecer antes de decidir sobre sua participação nesta pesquisa, ou mesmo durante o procedimento da coleta dos dados, você poderá fazê-lo a qualquer momento.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu

de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Recife, ____ / ____ / ____

Assinatura do participante

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis **riscos e benefícios da participação** no mesmo, junto ao participante.

Contato pelo fone: (81) 2126-7330 e pelo e-mail: amandaclaudinop@gmail.com

Pesquisadora

1^a testemunha

2^a Testemunha

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa:

Endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º andar, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, tel: 2126 8588.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

Sujeito _____

- Sexo: _____
- Estado civil: _____
- Quantidade de filhos: _____
- Profissão: _____
- Emprego atual: _____
- Religião: _____
- Atividades esportivas: _____
- Atividades de lazer: _____
- Hobbie: _____
- Como chegou ao CAPSad: _____
- Tempo de tratamento: _____
- Por quantas internações já passou: _____
- Já houve recaídas: _____
- Quais as atividades que participa no CAPSad:

- Algum parente próximo participa de suas atividade do CAPSad:

ANEXO 3 – NARRATIVA DE FALCÃO

Para a compreensão dos marcadores textuais utilizados na análise de ambos os casos é importante conhecer os significados de cada um deles:

Texto indexado; Texto não indexado descritivo;

Texto não indexado argumentativo.

RE = Resumo; OR = Orientação; CO = Complicação;

AV = Avaliação; RS = Resultado; CD = Coda.

Relações de posse (meus e minhas)

Além desses marcadores, a pequenas narrativas serão separadas didaticamente da grande narrativa por meio de linhas, como veremos a seguir:

-
- 1 Rapaz, eu já fui feliz. OR
 2 Mas depois que eu comecei a usar o crack... perdi tudo! CO
 3 Vendi barraco, vendi meus materiais pra usar o crack, que é uma droga destruidora. CO
 4 Mas graças a Deus, tenho ainda meu pai, uns irmãos que me ajuda. RS
-
- 5 Aí eu fiz muita besteira, principalmente com meu pai, quando eu tava com ele. OR
 6 Roubei cem real dele escondido pra comprar crack e amanheci o dia fumando. CO
 7 Quando cheguei pra trabalhar eu, ele falou besteira pro meu lado. CO
 8 Falou merda, mas eu tava errado, né? AV
 9 Aí eu pedi desculpa a ele e pá. RS
 10 Deu tudo certo. CD
-
- 11 Mas é fraco porque eu mesmo usei ontem, né? OR
 12 Porque eu tomo conta de carro toda quinta de umas criente minha. CO
 13 Num tava querendo usar, mai quando ela me deu o dinheiro e pá. CO
 14 Eu, poxa, me segurando, me segurando, conversando com o rapaz que conserta celular, conversando pra passar a hora e pá. CO
 15 Aí eu, quando foi hoje eu fiquei triste, né? AV
 16 Porque eu só tava com aquele dinheiro, né? AV
 17 Queria comprar um cigarro, num tinha. RS
 18 Tomar um cafezinho, não tinha. RS
-
- 19 Mas que pra me segurar eu não tô me segurando ainda não, tô fraco. RE
 20 Feito ontem, eu fumei, porra. OR
 21 Eu olhei assim, porra, eu vou sair pra roubar alguma coisa, pra comprar mais outra pedra. CO
 22 Depois a lombra foi passando, porque eu sou veterano nisso, né? CO
 23 A lombra foi passando e eu porra, não, não, é besteira. AV
 24 E foi passando, foi passando, eu fui esquecendo e pá. CO
 25 Queria chorar, mas não teve lágrima mais, né! AV
 26 Não tem mais lágrimas, né? AV
 27 Creio que não. AV
 28 Aí eu não chorei. RS
-

- 29 Me livrou de uma batida da porra. OR
 30 Eu tava bêbado, cheio de maconha. CO
 31 Nesse tempo eu fumava maconha e bebia cachaça, né? CO
 32 Aí eu fui inventar de beber da sexta pro sábado. CO
 33 Aí fui fazer uma ôia até meio dia, ganhei cinquenta real. CO
 34 Comprei duas péda e o resto eu tomei de cana. CO
 35 Quando foi no domingo tava liso, sem nada, sem nenhum trocado, sem cigarro, sem comer nada também. CO
 36 Aí pegou, fui na casa da minha vó tapiar. CO
 37 Ela me deu dois milho cozinhado e me disse: “desaparece!”. CO
 38 Aí eu saí e tal. CO
 39 Aí eu peguei a bicicleta do cara lá e fui na casa do meu irmão, aqui em Recife pra pegar meu registro original. CO
 40 Aí saí bonzinho. AV
 41 Quando voltei, voltei todo arranhado. CO
 42 Aí eu não sei por quê. AV
 43 Aí o ôi tava muito inchado, mas graças a Deus tá melhorando e a mão também. AV
 44 Aí foi que eu me lembrei: “porra, deu um ataque epilético em mim ó, deu convulsão”. RS
-

- 45 Já vendi, trabalhei pra mim mesmo de vender crack, mas, sei lá. OR
 46 Agora eu tô na merda né, aí muitos as amizades que eu tinha tão presa, né? OR
 47 Que foi quando o barraco caiu, tá preso. AV
 48 Alguns tão soltos. CO
 49 Naquela época quando eu trabalhava, eu tinha 24 anos de idade. CO
 50 Trabalhava pra mim mermo, vendendo crack, maconha. CO
 51 Era muita mulher, num sei o quê. CO
 52 Me vejo hoje: hoje eu tô na merda aí, ó. AV
 53 Num chega uma! AV
 54 Quando chega é pra pedir um cigarro. AV
 55 Tem vez que eu nego, tem vez que eu num nego, né? CO
 56 Mas eu num gosto não. AV
 57 Passa pelo cara e num fala. CO
 58 Quando o cara tá fumando aí passa: “me dá um cigarro aí touro, meu amor, num sei o quê, bababá”. CO
 59 Aí eu pego, olho assim: “tem cigarro não”. CO
 60 Tem hora que eu falo arretado, tem hora que eu, porra, dou o góia a ela. RS
-

- 61 Que eu vendi muito isso lá na Noda, mas eu num gosto não. OR
 62 Porque lá na Noda foi onde eu comecei né, a vender bagúi, a traficar, a fumar. OR
 63 Às vezes fumava só o melado e pá, aí pronto. CO
 64 Aí eu num sei, né. CO
 65 Se é uma... a... tipo a ima e o ferro, né? AV
 66 Tipo, quando vê assim, o ferro num puxa a ima, né? AV
 67 Quando eu tô longe de lá, tudo bem. AV
 68 Mas quando eu tô lá na Noda eu... tiver com dinheiro. AV
 69 Se eu tiver principalmente, se eu tiver com uns dez reais ou nove, porra. RS
 70 Aí eu vou e pego um bagúi e vou fumar. RS
-

- 71 A explicação que eu tenho é que essa droga destruiu muitas coisa, destruiu muitas coisa minha, sabe? RE

72 Acabou com minha felicidade; de vender meu barraco, meu bujão de gás, de vender até a televisão do meu pai, o som do meu pai, o celular do meu pai. OR

73 Por que quando eu tô com o dinheiro completo fica só o pensamento, né: “porra, vou comprar uma péda”. AV

74 E eu cum cinco reais num tem como comprar porque ninguém vende, né? AV

75 Bagúi de cinco reais. AV

76 Aí eu tento fazer isso. RS

77 O pai é mago, meus dois irmãos que mataram é mago, o outro irmão que mora em Recife é maguinho também. OR

78 De gordo só tem minha irmã que mora em São Paulo e a outra minha irmã que mora na Noda. AV

79 Mas o restinho puxou o calibre do pai, tudo chochinho assim. AV

80 Só tem barriga, só fica com barriga. AV

81 Mas eu gosto dele, eu gosto do meu pai. RS

82 Que eu já passei por muitas coisas; já vendi bagúi, já fumei, já fiz a porra toda e tenho que aprender que eu tô passando por esse sofrimento, assim... RE

83 Que eu tô passando por esse abandono porque eu procurei, né? OR

84 Porque eu tinha carinho das minhas tia, da minha vó, do meus tio. CO

85 Tinha carinho, né? CO

86 Me davam apoio e hoje eles não me dão apoio porque sabem que eu vivo nessa. AV

87 Qualquer dinheiro que eu pego é pra tomar cachaça. AV

88 Se tiver com dinheiro completo é pra comprar crack. AV

89 É por isso que eles não me dão apoio. AV

90 Que nem eu disse a senhora, eu fui na casa da minha vó, me deu dois milho e me mandou desaparecer, né? AV

91 “Desaparece, vá simbora, pá”. RS

92 Aí eu venho pra cá porque aqui eu tenho umas amizades que também já passaram por muitas coisa, né. OR

93 E a gente conversa sobre nós, dialoga, né? CO

94 Sobre nós, fala o que já passou pela vida. RS

95 Porque eu vendia prestação, sabe? OR

96 Pro Paulistano, trabalhei nove anos pra ele. CO

97 Andei muita favela e nunca fumei esse bagúi. CO

98 Passei nove ano com ele, depois fui trabalhar pra outro, pra ôto. CO

99 Aí quando eu fui trabalhar pra ôto já tava viciado, né? CO

100 Aí o dinheiro que eu pegava de entrada já comprava uma péda, num comprava almoço, né? CO

101 Porque ele dava só o café da manhã. CO

102 Num comprava almoço, comprava uma péda e ia trabalhar doidão, doidão assim. RS

103 Até a família tão, tão me dando força agora. OR

104 Tão vendo que eu realmente tô querendo, né? CO

105 Dar uma virada nessa, nessa minha vida e pronto. RS

106 E onde eu durmo, durmo de um lado de uma peixeira, né? OR

107 Porque tão matando gente boa, aí eu num vou ficar a nada, né? CO

- 108 Apesar que eu peço pra Deus me proteger, não só a mim como a todos, né? CO
 109 Dar proteção e pá, beleza. CO
 110 Mas eu num confio, né? AV
 111 Eu num confio nem na minha própria sombra, né? AV
 112 Que ela pode sair qualquer hora do lado da resta do cara. RS
-

- 113 Dona Miriam, que sabe que eu moro na rua e pá. OR
 114 Que sabe que eu moro na rua, não tenho onde comer. OR
 115 Como ás vezes na casa da minha família. CO
 116 Mas quando é hora do almoço mermo ela me pergunta: “Falcão”, ela diz logo: “É tu Falcão? Ouxe, nem precisa dizer qual é a quantidade”. CO
 117 Aí ela capricha mermo, eu como e pá, beleza. CO
 118 Aí eu sou de tarde e de noite. CO
 119 Eu fico aqui à tarde e a noite. CO
 120 Dois turnos, pra num tá fazendo besteira por aí, né? AV
 121 Pra num tá pensando merda também, né? Pelo mundo. AV
 122 Aí eu fico aqui, jogando dominó, conversando, ouvindo as palestra. RS
 123 E é bom, é bom. RS
-

- 124 Feito tem uma pirraia lá de 13 anos de idade, maga mermão. OR
 125 Ela chega pra mim, quando tô por lá. CO
 126 Ela: “ei mago, ei, bora simbora, tem dez reais aí não? Bora fazer sexo e num sei quê”. CO
 127 Eu olho pra ela assim: “ouxé, tu é doida é mirmã? Você tem idade de ser uma irmã minha ou uma sobrinha, pô”. CO
 128 Aí eu digo a ela, mas ela: “ouxé, isso tem nada a ver não. Bora simbora, tem dez aí não? lá pra debaixo da ponte, do parque Santana. Bora simbora pra lá”. CO
 129 Aí eu: “não mirmã, vai ver se tem outro por aí. Eu tô liso, eu num tenho dinheiro não”. CO
 130 Aí ela sai. CO
 131 A polícia pegando, ela pode até querer, ela pode até dizer: “não, eu quero, eu quis, eu quis”. AV
 132 Mas ela é de menor e é uma criança, pô. AV
 133 E os caras que tiver com ela ou esse cidadão que tiver com ela vai pegar em merda, né? AV
 134 Que vai pra cadeia, né? AV
 135 Aí ela ficou com raiva de mim porque eu num quis ir. CO
 136 Ela passa por mim e :“ouxé, tu é foda né, tu num quer nada não, né?”. CO
 137 Aí eu digo: “não, num quero nada não. O que eu quero é só sua amizade”. RS
-

- 138 Que graças a Deus eu tô mais cheinho. OR
 139 Porque se tu visse eu, no tempo mermo que eu fumava mermo. AV
 140 Parava não, era 24 por 48. AV
 141 Eu era seco meu, eu era seco. AV
 142 Mas eu tava mago que só a porra. AV
 143 Que até os caras lá, amigo meu, dizia que é travador “porra meu, tu parece aquele zumbi – que eu disse agora – do clipe de Michael Jackson, quando tu tá andando por aí”. CO
 144 Chega eu dava risada, pô. CO
 145 Aí ele: “se olhe no espelho, pô. Vê como tu ta e pá”. CO
 146 Aí eu me olhava assim, mas ficava na minha e pá. RS
-

- 147 Tem um coroa lá, tem baixinho lá mermo que paga ela 10 reais pra ficar com ela. RE
 148 Foi quando uma vez eu tava bebendo lá, faz um mês. OR
 149 Aí quando eu entro no barraco dele tava ela lá pelada e ele pelado e enxugando o negócio dele lá e pá e ela passando pano. CO
 150 Parecia uma atriz de filme pornô, que nem liga. AV
 151 E ela lá olhando pra mim, botando a roupa. CO
 152 Aí eu olhava pra cara dele assim, eu: "porra". AV
 153 Aí ele "ei, eu já vou. Vou pra lá, pô. Eu vim pegar só o tira gosto". CO
 154 Aí eu olhando assim, aí eu: "beleza, pô". CO
 155 Quando ele chegou lá, aí ele: "tu visse? Porra e num sei o quê, bábábabá". CO
 156 Aí eu: "meu irmão, eu vi, mas se a polícia pegar, se a polícia chegassem ali naquela hora tu ia levar muito pau no ovo, vi! Porque além dela ser de menor, ela é uma criança, pô". CO
 157 "Não, né assim não, ela gosta, é gostoso. Tu quer ir? Tu quer ir? Eu te dou dez reais". CO
 158 Eu: "não mermão, não. Guarde pra você fazer com ela de novo, outra vez e pronto". CO
 159 Aí ele também quando passa por mim: "opa doido". CO
 160 "Opa". Eu num vou mais beber com ele, né? RS
 161 Aliás, eu espero num beber mais com ninguém, né? RS
-

- 162 Eu fui num dia, no outro dia tava com o mesmo vestido, ela tava. OR
 163 Eu: "ouxé mermão, essa bicha toma banho não? Taca porra". CO
 164 Eu: "porra mermão, os caras tem que ter muita coragem. Além de ser uma criança, tem que ter muita coragem, porque ela num toma banho". AV
 165 Porque o noiado num toma banho. AV
 166 Eu mermo pra tomar banho era ruim. AV
 167 Tinha que terminar logo os bagúi todo pra tomar banho. AV
 168 Enquanto não terminasse era só fumando, fumando, fumando e pronto. RS
-

- 169 Mas graças a Deus tô recebendo umas broncas do meu colega lá no presídio que tá na Barreto, dizendo que: "porra, tu ainda tá fumando péda? Tu ainda tá dando tiro na lata?". OR
 170 Eles sabem que quando eles tavam solto, a gente ficava tudo junto, a gente brincava, ia passear, ia pra praia final de semana, a gente brincava junto sem esse negócio de crack. CO
 171 De vez em quando o pai dele vem pra mim: "ô touro, Ted quer falar contigo. Tá sabendo que tu tá roubando por aí. Tá fumando... pra fumar crack, pra dar tiro na lata, ele tá brabo contigo". CO
 172 E eu respeito, porque foi um cara que sempre tava comigo, do meu lado, é que nem um irmão pra mim. AV
 173 Foi o único que chorou no hospital quando eu levei uma batida de um ônibus. AV
 174 Foi o único que chorou. CO
 175 Meu tio que... meu tio que disse, né? CO
 176 Aí disse: "ó, aquele rapaz é teu irmão, é? Que ele foi o único que veio aqui te visitar e foi o único que chorou, pensando que tu tava morto e pá". RS
-

- 177 E eu, é isso que eu tenho pra dizer dona, do crack. OR
 178 Veio pra fazer de muitos brasileiros o zumbi do clipe de Michael Jackson, isso que eu tenho a dizer. AV
 179 Aí tem muitos traficantes que dá de graça pra experimentar: "ó aí, o bagúi é bom". CO
 180 Aí inventou de fumar a primeira, depois vai querer dar outro tiro, aí pô. CO
 181 Aí o cara diz "não, se você quer, essa foi pra você experimentar, se você quiser agora, você traga o dinheiro e pá". CO

- 182 Aí vai em casa e pega uma coisa e: “toma aí um celular é pá, e num sei quê, deixa empenhado”. CO
- 183 Aí o traficante já vai se animando, né? AV
- 184 Aí ele diz logo: “mais um pra abastecer nós né”. AV
- 185 Porque aí os noiados que tão abastecendo ele né? AV
- 186 Tão abastecendo os traficantes de dinheiro, celular, televisão, um bocado de coisa. RS
-
- 187 A vida é cheia de surpresas, né? OR
- 188 Tem umas boas, tem umas ruins e as outras são péssimas mesmo que nem esse negócio de crack. AV
- 189 Essas daí são péssimas pra caramba, aí pronto. AV
- 190 E a cachaça puxa crack. CO
- 191 Porque você vai inventar de beber, tá com dinheiro, aí vai querer fumar um crack, né? CO
- 192 Pra ficar acordado a noite toda, aí pronto. CO
- 193 Por isso que graças a Deus eu tô tentando impedir a cachaça pra não fumar o crack e eu vou conseguir, tá ligado? AV
- 194 E vou mostrar pra eles que eu voltei pra cá de novo não foi em vão não, só pra me alimentar e pra vim passar o dia não. AV
- 195 Eu vim realmente pra conseguir construir uma nova vida. RS
- 196 Conseguir meu trabalho, ter condições pra alugar uma casinha pra mim. RS
-
- 197 O crack dá tesão ao cara, tá ligado? OR
- 198 Foi que nem aconteceu comigo quando eu vendi o bagúi do meu pai. CO
- 199 Aí chegou uma nega: “ei mago, e pá, num sei o quê. Bó fumar um bagúi e pá”. CO
- 200 Aí eu: “eu tô sem dinheiro”. CO
- 201 Tava com dez reais né. CO
- 202 Aí ela: “bora que a gente vai fazer sexo, pô”. CO
- 203 Aí eu tava nos atrasos, né? AV
- 204 Tava nos atrasos da porra. AV
- 205 Aí eu castelando, imaginando, vê só como é essa droga, mermão: “porra, beleza”. CO
- 206 Aí peguei um bagúi pra ela. CO
- 207 Aí eu, porque também eu sou muito otário, sou muito leso. AV
- 208 Ao invés de eu dizer “não, você só vai fumar quando a gente fizer, tiver o nosso relacionamento e pá”. AV
- 209 Aí pegou, ela pra me provocar, se acocorou mais. AV
- 210 Levei ela pra casa do meu pai, que ele tinha viajado. CO
- 211 Aí ela se acocorou assim, no banheiro assim. CO
- 212 Aí começou a lavar, né, na minha frente. CO
- 213 Aí foi que eu fiquei mais ouriçado, né? AV
- 214 Aí eu: “porra, vai ser agora”. AV
- 215 Aí ela foi “e aí, dá pelo menos um tiro aí, pô! Pra tu ficar mais potente”. CO
- 216 E eu já sabia né, que se eu fumasse o bagúi não ia subir, né? AV
- 217 Aí eu: “porra, beleza. Vou dar”. CO
- 218 Aí eu fui inventar de dar o primeiro tiro, aí pronto. CO
- 219 Aí veio aquela tentação “pega outra, pega outra”. CO
- 220 Aí eu fui e levei a televisão do meu pai. CO
- 221 Peguei cinco bagúi. CO
- 222 Aí quando chegou, a gente fumou mais as duas e deixou três guardado. CO
- 223 Aí quando a gente foi, cadê? CO
- 225 Porra mirmã, Deus me perdoe, eu olhei assim... tanto ódio, tanto ódio! AV

- 226 Não dela, sabe? AV
 227 Mas de mim mesmo, pô! AV
 228 Porque eu já sabia, né? AV
 229 Que ia acontecer isso, que o negócio não ia subir. AV
 230 Eu fiquei assim, olhando assim, parado assim. AV
 231 E assim: "porra, que vergonha da porra que eu tô passando na frente dessa nega". AV
 232 E ela lá: "cadê? Não vai subir não? Não vai subir não? Num sei o quê". CO
 233 Porra mirmã, teve uma hora que eu me estourei: "porra mirmã, deixe isso pra lá. Bó fumar que eu não quero mais fazer, ter relação não e pá". CO
 234 Aí ela começou a rir, tá ligado? CO
 235 E eu olhando assim. AV
 236 Aí pronto, aí fumou os outros três. CO
 237 Eu fui e vendi o celular do meu pai, depois fui e vendi o dvd, vendi o som. CO
 238 E eu... e agora que eu aprendi, né? AV
 239 Eu num pago não, a essas negas daí, eu não pago nada. RS
 240 Deixa eu trabalhar com a minha mão mesmo, tá ligado? RS
-

- 241 Eu não confio nessas noiadas não. OR
 242 Assim, eu não confio porque elas saem com qualquer um, né? AV
 243 E muitas já tem essas doenças, né? AV
 244 Que dona Graziela me mostrou. AV
 245 Aí eu num saio por isso. AV
 246 Porque quando eu pego em dinheiro eu penso: "não, vou pagar uma nega dessa, a uma noiada dessa pra comer e pá". AV
 247 Mas depois eu olho assim: "porra, não, deixa pra lá mesmo, vou...". RS
-

- 248 E eu num quero essa vida não, num quero nada. OR
 249 Se eu tiver que morrer, eu quero morrer que nem um cabra homi. AV
 250 Mas que nem um otarinho, que nem um malandro. AV
 251 Que nem esses moleques novos de novo, se acha tudo malandro porque vende bagúi pros outros, porque anda de shineray e pá. AV
 252 Eu num gosto disso não! AV
 253 Eu nunca fui assim! AV
 254 Nem eu nem meus outros dois irmãos vivos que tá na cadeia, doido. AV
 255 A gente quando vendia sossegado e nem isso, curtia lá fora, né? AV
 256 Ia pro jogo do sport, ia pro clube e saía pra se divertir por aí, vivendo de boa. CO
 257 Mas brincar lá dentro a gente não brincava, não. CO
 258 Bebia uma cervejinha no final de semana lá, mas pra ficar fazendo festão daquele lá mesmo, fazia nada. CO
 259 Saía pra fora, pô! CO
 260 Mas pra fazer lá dentro não. RS
 261 Nunca gostamos não. RS
-

- 262 Eles tão aonde? OR
 263 Lá na Barreto. OR
 264 Os dois, descolado e Ted. OR
 265 Descolado foi porque matou um cara, né? CO
 266 E o Ted por causa de tráfico de drogas. CO
 267 Que Deus não me permitiu que eu caísse, né? AV
 268 Que eu fui pro interior. CO

- 269 Saí do interior, pronto! CO
 270 Eu saí daqui hoje, aí disse a ele que ia pro interior, né? CO
 271 Aí fui pra casa do meu pai. CO
 272 Quando eu volto no outro dia, aí a turma: “porra, tu é muito cagado. Tu tem muita sorte, vi? Você tem muita sorte”. CO
 273 Aí eu: “Por quê?”. CO
 274 O povo: “oxe mermão, assim que tu saísse os cobaia chegou aí. Fizeram uma apreensão aí. Prenderam maconha, crack, prendeu a pistola, prendeu um PA e 38.” CO
 275 Eu: “foi mesmo, pô?”. CO
 276 “Foi. Prenderam fulano, beltrano, e pá. Tu tem muita sorte, é um cara muito sortudo”. CO
 277 Aí eu: “nada pô, quando Deus quer... é do jeito dele. Eu num tive que ir pro interior? Fui, meu. Posso fazer nada. Aí pronto”. CO
 278 Aí eu mandava uns bagúi pra ele, algumas feirinhas, algumas coisas, mas fica bem. CO
 279 Já faz seis anos já, que ele tá lá. CO
 280 Mas é o que eu tenho a dizer né, eu num quero voltar a ser aquele zumbi do clipe de Michael Jackson, não. AV
 281 Quero nada. AV
 282 É isso que eu digo. RS
 283 O que eu tenho a dizer é isso. RS
 284 Quero não! RS
-

- 285 Nunca... Meu pai não digo nem tanto, porque meu pai mora no interior, sabe? OR
 286 Mas minha vó, meu tio, minha tia, os irmãos da minha mãe que é finada, minha finada mãe... não aparece não, nem ligam! OR
 287 Quando eu digo a eles uma notícia feliz que eu me sinto, eles: “oxe, num acredito não, isso é conversa tua, já mentisse tanto”. AV
 288 Feito o bagúi, o negócio do meu dente mesmo, né? CO
 289 Que dona Gabriela mandou eu ir no posto e pá. CO
 290 Mas só que não tem dentista ainda não. CO
 291 E esse meu tio, irmão da minha mãe que é finada, esse meu tio trabalha lá, de limpeza também. CO
 292 Aí poxa, acho eu cheguei pra ele da primeira vez, eu: “poxa tio, se Deus quiser eu vou ajeitar meus dentinhos de novo pô, e pá”. CO
 293 Aí ele disse: “num acredito não, isso é mentira tua, para de mentir e pá”. CO
 294 Aí poxa, aquilo dói, aquilo dói no cara né. AV
 295 Aí eu olho assim “porra meu, eu sei que eu já menti muito, mas... pelo menos pra me dizer uma coisa pra me deixar mais feliz né, mas não”. AV
 296 Agora quando foi quarta-feira né, quando eu fui no posto, ele tava lá, né? CO
 297 Aí me chamou: “venha cá”. CO
 298 Aí eu: “Oi tio”. CO
 299 Aí abriu a sala do dentista, aí tava lá as cadeiras tudo sem o forro e pá. CO
 300 Aí “tá vendo, tá funcionando não a sala do dentista não, pá”. CO
 301 “Peça pra sua TR encaminhar você pro Lessa de Andrade, pra você cuidar dos seus dentes e pá”. CO
 302 Aí já me animou, tá ligado? AV
 303 Tentando acreditar que realmente eu vou arrumar meu dentinho, se não tiver jeito botar próteses e dar vira volta. AV
 304 De sentir que realmente ele tá vendo que eu tô querendo virar a página, né? RS
 305 Que eu já virei tantas vezes essa página que eu nem me lembro. RS
-

306 Eu posso convidar meu irmão né, pra vim né, que é de maior já também, mora aqui no Recife. OR

307 Aí eu posso convidar ele e vim num sábado. AV

308 Aí eu posso dizer a ele pra ele vim na quarta-feira, né? AV

309 Mas se eu convidar algum das minhas tias, da minha vó, eles num vem não. AV

310 Eles vem não! RS

311 Não, mas eles num vem não. OR

312 Eu sei, eu sei, porque eu conheço essa família da minha mãe, eu conheço. AV

313 Eles só tavam me dando apoio porque eu tava indo ficar com meu tio que tava internado aí no Getúlio Vargas. AV

314 Por isso que eles tavam me dando apoio. AV

315 Mas se eu falar assim, pra convidar, eles: “não, porque eu não tenho tempo não é blábláblá”. AV

316 E começa a botar muitas coisas no meio: “não, porque não dá tempo, porque eu vou trabalhar, que num sei o quê”. AV

317 Aí por isso que eu num convido. AV

318 Porque eu já conheço já. AV

319 Tá bom assim mesmo. AV

320 Se meu irmão puder vim, ele vem. AV

321 Se não der, tudo bem. AV

322 O importante é que eu tô sempre nos meus pensamentos de tentar mudar, né? RS

323 Graças a Deus, o importante é isso. CD

324 Rapaz, o que eu tenho a falar é... foi bom a conversa com a senhora, gostei! OR

325 Pelo menos eu desabafei um pouco o que eu fiz ontem, né? AV

326 E que eu sempre fazia. AV

327 Aí, mas, tá bom, tá bom mesmo. AV

328 Agradeço pelo convite, né? AV

329 E se Deus quiser eu posso dar outro depoimento a senhora daqui a uns três a quatro mês, se a senhora vim pra saber como é que eu tô, se eu mudei mesmo, se eu tô tentando mudar, se eu tô mais afastado de drogas, se eu tô sem usar drogas, se eu tô sem usar álcool. AV

330 Se a senhora quiser vim daqui a três mês, ou senão a dois mês mesmo, a dois mês. AV

331 A senhora pode vim, pra eu dar outra entrevista a senhora, pra dizer como eu tô me sentindo. AV

332 Se a senhora puder vim, puder aparecer, a senhora aparece. AV

333 Tá bom? RS

ANEXO 4 – NARRATIVA DE PRECIOSO

- 1 Bom eu era uma pessoa comum que tinha um trabalho. RE
- 2 Eu sou cabelereiro e tive uma decepção. OR
- 3 Não é que eu acho que foi assim uma depressão, né? AV
- 4 Que sou gay e meu parceiro foi preso por conta do Crack. CO
- 5 E eu assim, não apoiava o uso dele. CO
- 6 E tinha muito conflito por causa disso. CO
- 7 E quando ele foi preso eu tive uma depressão muito grande. CO
- 8 E busquei o crack também. CO
- 9 Chega até ser irônico, busquei o crack porque nos primeiros momentos de uso eu consegui esquecer aquele sofrimento. AV
- 10 Como ele era uma pessoa de outro estado, estava aqui sozinho, eu era a única pessoa responsável por ele. AV
- 11 E no momento não podia fazer nada por ele. AV
- 12 E dai entrei em depressão e o crack no começo me aliviou bastante. AV
- 13 Eu não tinha um único pensamento, eu não conseguia pensar só naquilo. AV
- 14 O crack misturava fazia uma confusão na minha mente e isso me aliviava a dor. AV
- 15 Mas só que quando quis parar eu não consegui, né? AV
- 16 Não consegui, passei a me desfazer de minhas coisas, passei a ter prejuízos financeiros e prejuízos sociais. AV
- 17 E foi quando eu decidi vir buscar ajuda no CAPS, que alguns amigos meus já tinham falado do CAPS. AV
- 18 Só que eu não tinha muita esperança, né? AV
- 19 Porque era uma coisa muito complicada. AV
- 20 Porque eu já tinha assim, tentado de tudo pra deixar. CO
- 21 Inclusive paguei uma pessoa pra tomar conta de mim. CO
- 22 Pra que não deixasse eu fazer uso de forma alguma. AV
- 23 Porque eu estava desesperado. AV
- 24 Por morar só também, isso contribuiu muito ao uso. AV
- 25 Que eu fazia uso e ninguém via, ninguém pedia pra que eu parasse com aquilo ali. AV
- 26 E vim ao CAPS desesperado. AV
- 27 Tanto é que eu, nesses corredores aqui, eu falei pra uma das assistentes sociais, e se ela não me internasse eu iria chegar em casa e ia vender minha moto, que era o único bem que eu tinha, e comprar tudo de crack para tentar o suicídio. AV
- 28 Porque eu não aguentava viver mais uma noite e nenhum dia daquela forma. AV
- 29 Dai então foi desenvolvido um trabalho meu aqui no CAPS. CO
- 30 Eu fui albergado. CO
- 31 Primeiro eu fui desintoxicado lá no IMIP passei três dias internado lá para desintoxicar. CO
- 32 Depois fui albergado e passei vinte e dois dias. CO
- 33 Durante esses vinte e dois dias foi que a ficha caiu mesmo assim, de verdade, que eu precisava de ajuda. AV
- 34 Que eu só não conseguiria e que aquele caminho era o certo. AV
- 35 Difícil, né? AV
- 36 Porque tu ter tua profissão, tu ter teu salão de beleza, ter vinte e seis clientes por dia e de repente tu fechar as portas e sumir, como aconteceu comigo. AV

- 37 Ai depois desses vinte e dois dias, eu vi que o que eu precisava já estava sendo feito, que era passar um tempo longe da droga. AV
- 38 Sem o uso eu teria mais força pra lutar contra a dependência. AV
- 39 Ai saí do albergue vim pro CAPS, participei dos grupos, das oficinas, no qual não só me livrei das drogas. CO
- 40 O CAPS fez com que hoje eu fosse uma pessoa melhor. AV
- 41 Me tornasse uma pessoa melhor, uma pessoa mais atenciosa, uma pessoa que hoje escuta. AV
- 42 Que eu não conseguia fazer isso. AV
- 43 Eu não escutava ninguém, eu não conseguia ter atenção em nada, que o crack tirou tudo isso meu. AV
- 44 Até o desejo de viver, que ultimamente eu desejava a morte. AV
- 45 Por conta do crack, assim, a vida fica um pouco escura, perdia o sentido. AV
- 46 E ao término desse tratamento, que foram de dois anos, a minha vida melhorou bastante. AV
- 47 Bem melhor do que antes. AV
- 48 Hoje eu sou uma pessoa bem mais organizada, eu consigo ter dois trabalhos. RS
- 49 Sou dono de um salão de beleza e trabalho num projeto da prefeitura chamado consultório de rua, no qual a gente cuida de dependentes químicos. RS
- 50 Hoje eu faço pelos outros o que um dia fizeram por mim. CD

- 51 Minha família veio saber que eu tinha problema com drogas eu já estava em tratamento. OR
- 52 As pessoas não sabiam do meu problema. CO
- 53 Eu tive assim que alguns momentos inventar algumas doenças para justificar aquele meu estado físico, aquela minha magreza muito grande. CO
- 54 Eu cheguei a dizer que eu estava tuberculoso. CO
- 55 Porque pra mim era mais fácil assumir que estava tuberculoso do que assumir que tinha dependência química com o crack. AV
- 56 Que pra mim que era cabelereiro, iria à falência o meu salão. AV
- 57 Porque quem iria num salão de uma pessoa usuário de crack? Ninguém. AV
- 58 E assumia que tinha tuberculose sem ter. CO
- 59 Passei dois meses praticamente afastados do meu trabalho. CO
- 60 Mas hoje o rendimento do meu trabalho é bem melhor, né? AV
- 61 O meu entendimento sobre as drogas é bem melhor. AV
- 62 Hoje eu sei o que é a dependência química, que eu antigamente eu lutava contra algo que eu não sabia o que é. AV
- 63 Hoje eu sei o que é, sei que não tem cura, sei que não tem cura tenho essa consciência. AV
- 64 E de que assim, que eu tenho que me cuidar a cada dia, a cada dia. AV
- 65 As pessoas perguntam assim pra mim, muitas vezes nas oficinas que eu faço:
- Ô Precioso, e o desejo? CO
- 66 - É igual! Todos os dias quando eu acordo eu penso no crack, muitas vezes sinto o cheiro dele. AV
- 67 Mas quando eu sinto isso eu boto em balança, como está minha vida, como estava antes. AV
- 68 O tratamento que eu fiz pra que serviu? AV
- 69 Pra me orientar e pra me preparar pra quando isso acontecer. AV
- 70 Pra essas crises de abstinência quando vem, eu saber como lidar com isso. AV
- 71 E eu acho que a principal arma é me ver hoje e me ver no passado, né? AV

- 72 Quando eu tinha perdido 10 quilos, que eu tinha vergonha de sair na rua. AV
 73 E hoje não, eu saio e as pessoas dizem na rua “poxa tu tá bem”. AV
 74 E isso é muito bom pra mim, isso é gratificante. AV
 75 Tem alguns sacrifícios que a gente tem que fazer. AV
 76 Que hoje assim, eu acho que até tenho que fazer até uma psicoterapia ainda, pra completar esse ciclo de tratamento. AV
 77 Que hoje assim, eu me privo muito de muitas coisas. AV
 78 Eu me privo de muitas amizades, porque é difícil deixar as drogas, mas mais difícil é tu deixar aquele teu amigo que tu estudou a primeira, segunda, terceira e quarta série com ele, né? AV
 79 Que tu foi adolescente, para os bailes com ele e hoje tu não pode estar junto dessas pessoas. AV
 80 Que vive na mesma comunidade que tu vive, porque ele está em uso, né? AV
 81 E pra que eu não volte a fazer eu tenho que me distanciar. RS
 82 Eu tenho que me cuidar, estar distante destes locais de risco, dessas pessoas de risco, que só assim eu vou me manter bem. RS
-

- 83 Hoje, assim, pra mim é muito prazeroso estar nesse projeto da Prefeitura junto com a Secretaria de Saúde, que é o “Consultório de Rua”. OR
 84 Porque assim, você vê pessoas no sofrimento no qual tu estavas e que o tratamento deu certo contigo e que tu pode passar pra outras pessoas que elas podem estar bem também. AV
 85 Que eles podem ficar bem, né? AV
 86 Levando o tratamento a sério, né? AV
 87 Fazendo e levando em conta o que o CAPS faz por tu, as orientações dadas no CAPS. AV
 88 Que muitas vezes vem pro CAPS assim: - Ah eu vou pro CAPS, e chegar lá no CAPS eu vou tirar a droga de mim. AV
 89 E quando você chega aqui, que a realidade é outra, muitas vezes você não consegue se manter aqui dentro. AV
 90 Porque na verdade tu quer... muitas vezes você não quer deixar a droga, quer deixar os prejuízos que ela traz na tua vida né. AV
 91 E você não tem a consciência que não pode ser um sem o outro. AV
 92 Pra ter uma melhoria de vida você tem que se afastar das drogas sim. AV
 93 Porque os efeitos vão te causar mal, a tua saúde vai ficar detonada, o teu psicológico vai ficar destruído. AV
 94 Que eu era algo que assim, que achava que sempre podia contornar né. AV
 95 – Ah não, quando eu quiser eu paro, eu estou usando porque eu quero. AV
 96 E na verdade não é assim. RS
 97 Você usa porque você é dependente químico e você só vai se livrar se tiver um desejo muito grande, né? RS
 98 E ajuda profissional mesmo, foi assim que aconteceu comigo. RS
-

- 99 Deixa eu ver o que eu posso... é que foram dois anos de muita batalha, mas eu acho que cada passo foi fundamental sabe? OR
 100 Dois anos de tratamento. CO
 101 Assim, e o passo inicial era que eu buscava muito a desintoxicação. CO
 102 Porque eu não conseguia passar dia sem usar e quando eu fui desintoxicado eu senti um alívio, eu senti que dali a coisa começou a andar. AV
 103 Quando eu passei esses vinte e dois dias no albergue da prefeitura, aquele tempo ali me fez pensar. AV

- 104 Me fez ver o que eu queria pra minha vida, o que eu tinha perdido e o que eu tinha a ganhar. AV
- 105 E quando eu saí dali eu saí preparado mesmo. AV
- 106 Sai preparado pra dizer; - Agora eu vou batalhar minha vida! AV
- 107 E aqui nos grupos eu, a cada dia que eu vinha nos grupos era algo novo pra mim e que eu fui botando em prática. AV
- 108 Quando eu mudei de modalidade, que eu era do intensivo e mudei para o semi, o semi não tinha direito a atividades físicas. CO
- 109 E o que foi dito aqui no CAPS foi que no caso eu procurasse na comunidade, que eu tinha acesso na academia da cidade. CO
- 110 E então assim, até esse dispositivo foi bom, me ajudou muito. AV
- 111 Porque assim na academia da cidade, não tinha só atividades físicas, eu tinha um grupo de amigos, pessoas que não usavam drogas, né? AV
- 112 Pessoas que eram até mais velhas, que essas pessoas que buscam a academia da cidade são pessoas mais idosas que buscam uma qualidade de vida melhor. AV
- 113 E eu por ser mais jovem do que eles, fiquei um pouco perdido, mas o acolhimento deles comigo foi tão grande que se tornou um grupo de amigos. AV
- 114 Então assim, até a academia da cidade me ajudou bastante. AV
- 115 Hoje eu não estou fazendo nenhuma atividade física por conta dos meus trabalhos, dos meus dois vínculos. CO
- 116 Que ocupa todo meu tempo, mas quando eu puder eu vou voltar. RS
- 117 Mas que tudo isso deu uma transformação na minha vida, muito grande. RS

- 118 Eu converso com minha mãe e minha mãe me olha assim pra mim e diz assim: OR
- 119 - Eu olho pra você hoje e me sinto orgulhosa. AV
- 120 Porque isso que você é hoje, estava sempre dentro de você, isso sempre existiu. AV
- 121 Essa pessoa não nasceu ontem não, isso estava oculto pela droga. AV
- 122 A droga tinha tirado isso de mim e resgatar isso foi muito bom. AV
- 123 E ouvir isso da minha mãe foi muito bom. RS
- 124 E que assim, o apoio da família é muito importante. CD

- 125 Eu lembro de uma vez que eu estava em tratamento, que eu estava no albergue, lembro minha mãe falando assim: OR
- 126 - Eu nunca desconfiei que meu filho usava crack. CO
- 127 Por que o comportamento dele assim, ele não chegou a furtar e não chegou a se envolver em confusões comuns de um usuário de crack. AV
- 128 Mas teve uma coisa que me deixou em alerta. CO
- 129 O meu filho ele era muito vaidoso, ele gostava de se vestir muito bem. AV
- 130 E um dia eu olhei pra ele, e ele estava com um buraco embaixo da sandália, o dedo no chão e dei cinquenta reais para ele comprar outra sandália. CO
- 131 E uma semana depois ele estava com a mesma sandália. CO
- 132 Foi ai que eu vi que algo estava errado, mas deixei despercebido. AV
- 133 Então é muito importante que a família esteja atenta à mudança de comportamento, por pequena que elas sejam, a família tem que estar atenta. AV
- 134 Porque a família é muito importante no tratamento. AV
- 135 O usuário tem que se sentir acolhido e apoiado pela família para que o tratamento venha surtir efeito. RS
- 136 Porque no momento do tratamento ele ainda está muito fragilizado. RS
- 137 Então é muito importante que a família esteja ali junto, é muito importante. CD

138 Hoje quando eu vejo algumas pessoas aqui do CAPS, eu vejo a dificuldade das pessoas em deixar de usar droga. OR
 139 Por que quando está no CAPS está protegida, mas quando volta pra comunidade? AV
 140 Será que essa comunidade tem a oferecer pra substituir aquele tempo de uso de droga? AV
 141 Tem academia da cidade? Tem. CO
 142 Mas não é o perfil que a comunidade precisa. AV
 143 Tem muitos jovens na comunidade, muitos jovens mesmo que tá gritando por socorro. AV
 144 E a gente não tem mecanismos para tratar dessas pessoas. AV
 145 Tem paliativos, coisas que não ajudam a tratar da dependência. AV
 146 Antigamente, as escolinhas de futebol que eram tão importantes hoje não têm. AV
 147 Existem grupos perdidos, como os grupos de capoeira. CO
 148 Mas são muito poucos porque precisam de um suporte maior para que desenvolvam um trabalho maior na comunidade. CO
 149 Trabalho de grafite, porque hoje assim, quem é o pichador? CO
 150 Pichador é o individuo que quer exprimir seu desejo em arte, mas de forma errada. AV
 151 Que precisa de alguém que oriente ele, que transforme aquela pichação em grafite. AV
 152 Eles buscam muito isso na comunidade e não tem. RS
 153 Eu vejo muito isso, de ter uma escuta melhor desses jovens na comunidade. RS

154 Fundamental porque o usuário de drogas já se sente um rejeitado da sociedade e ele na verdade é um individuo solitário. OR
 155 Ele precisa de alguém que dê a mão, que ajude. AV
 156 Porque na verdade ele está em sofrimento, é uma luta constante. AV
 157 É muito ruim o ser humano querer tirar algo de sua vida e não conseguir. AV
 158 É dizer assim “- Hoje eu não vou usar” em seguida usar e depois ficar super deprimido, triste por ter contigo o desejo que é maior que o homem, que é o crack. RS

159 Hoje ele está na rua, hoje ele tem trabalho, hoje ele ainda faz uso. OR
 160 Eu não consegui tirar ele do uso, mas eu vejo que está encaminhado. AV
 161 Está encaminhado porque assim, eu estou conseguindo trazer ele para serviço. AV
 162 Hoje ele já se vê doente. AV
 163 Porque ele foi preso, porque se associou ao tráfico de drogas, pela necessidade do uso. AV
 164 Como ele não tinha dinheiro pra comprar, ele teve que ajudar ao tráfico para poder manter o vício. AV
 165 Então, mais uma vítima. RS
 166 Mais uma vítima do tráfico, das drogas e do crack. RS

167 Ele era uma pessoa que tinha vindo de outro estado, não tinha família aqui. OR
 168 Se envolveu logo cedo com o tráfico, porque não teve outras opções, passou a viver na rua. CO
 169 O que eu fazia com ele, as minhas tentativas davam errado porque eu não sabia lidar com o problema. AV
 170 Eu achava que prendendo que gritando que brigando adiantava, e não. AV
 171 Hoje não, entendendo ele melhor as coisas se tornaram mais fáceis, bem mais fáceis. RS

172 Eu acho que assim, deveria ter mais, como eu posso dizer? Espaço na comunidade. OR

- 173 Porque o CAPS é um espaço único e a comunidade precisa mais disso. AV
- 174 De um CAPS mais próximo da comunidade, mais na comunidade, na qual não tivesse que se deslocar para muito distante. AV
- 175 Porque o desejo do crack é muito rápido, é na hora do sofrimento “eu quero” e no dia seguinte ele já não quer mais. AV
- 176 E se nessa hora do sofrimento ele tivesse como chegar mais fácil ao CAPS, sem muita burocracia, isso ajudava um bocado, bastante mesmo. AV
- 177 Eu acho que a gente devia ter mais dispositivo na comunidade. AV
- 178 Porque assim, eu trabalho com consultório de rua e a cada “RPA” tem uma equipe. CO
- 179 E o que é uma equipe, numa RPA com uma demanda tão grande? É nada. AV
- 180 Então se tivesse mais pessoal, mais pessoas na rua trabalhando essas buscando pessoas naquele momento, eu acho que funcionaria melhor. AV
- 181 E dizer assim, que o trabalho do CAPS funciona. AV
- 182 Deu certo comigo, pode sim dar certo com a outra pessoa, mas que tinha que ter um atrativo maior. AV
- 183 Porque quando eu vim pro CAPS, eu vim buscar a minha cura. AV
- 184 Mas muitos não têm essa força tão grande, não tem esse desejo acordado. AV
- 185 Então assim, pra que tivesse um atrativo, tipo esportes, algo que proporcionasse o desejo e o prazer dele de estar vindo para o CAPS. AV
- 186 Não só pra participar dos grupos, porque muitas vezes se torna cansativo. AV
- 187 Você acordar hoje numa ressaca de uma droga e ter de ir ao CAPS, pra chegar lá sentar numa sala e falar do que tu estás sentindo. AV
- 188 E muitas vezes isso trava e não consegue botar tudo ali. AV
- 189 E quando tu chegasse, ia ter uma atividade recreativa, te deixaria melhor e surtiria maior efeito. RS

- 190 Porque assim, esses que vem são os heróis. OR
- 191 Esses que conseguem chegar aqui são os heróis, tá? AV
- 192 Que se acordam de manhã, porque adoraria esse desejo de se cuidar, de sair dali. AV
- 193 Esses que estão chegando aqui no CAPS são os heróis. AV
- 194 Mesmo muitas vezes não tendo bom êxito, mas estão aqui, estão buscando alguma coisa. AV
- 195 Mas na comunidade, tem tantos que estão lá, se arrastando pelos becos e vielas. AV
- 196 Que não tem entendimento, que não tem uma pessoa que esclareça a ele o que é um tratamento. AV
- 197 Que diga a ele que ele tem amigos, que ele tem família que está engajada nesse tratamento deles. AV
- 198 Por isso que eles não desperta esse desejo. AV
- 199 Por que eu acho que no CAPS chega 5% dos usuários da comunidade. AV
- 200 Se você for à comunidade, eu acho que o lazer da comunidade hoje é a droga. AV
- 201 O lazer o passatempo dos jovens da comunidade são as drogas. AV
- 202 O lazer das pessoas desocupadas, pessoas que estão desempregadas, é droga. AV
- 203 Seja o álcool, seja outras drogas, mas é o passatempo que eles têm na favela. AV
- 204 Na comunidade, não tem muita opção. RS
- 205 E aqueles que vão crescendo vão se espelhando, vão se espelhando. RS

- 206 E outra coisa pra você observar também, é aquela coisa: o individuo vem para o CAPS, faz o tratamento se cuida, está bem e depois volta para a comunidade sem ter um emprego. OR
- 207 Que muitas vezes o CAPS incentiva, estimula. AV

208 Mas ele tem que ter esse lugar para ele buscar esse emprego. AV
 209 Tem que ter alguém que acredite que ele pode trabalhar, que dê essa oportunidade. AV
 210 Porque aquele indivíduo vai fazer o tratamento para voltar na comunidade, e ai? AV
 211 Se não tem o que fazer na comunidade? AV
 212 Se não tem serviço? AV
 213 Se não tem lazer? AV
 214 Ele vai voltar pra droga pra preencher aquele espaço e aquele desejo que já existe. AV
 215 E o útil ao agradável, a falta do que fazer e a droga. AV
 216 Então se essas pessoas saíssem do tratamento e já fossem encaminhados, seria maravilhoso. RS

217 Quando eu terminei meu tratamento, eu fazia vinte anos que eu não estudava. OR
 218 Tinha parado no segundo ano. OR
 219 Voltei para estudar e quando eu tive concluindo o terceiro ano, chegou esse chamado pra mim, esse convite da Prefeitura para trabalhar no projeto. CO
 220 Por conta de eu ter tido um bom tratamento, um bom esforço no tratamento e eu fui trabalhar. AV
 221 Mas Precioso é um entre milhões. AV
 222 Se isso fosse aberto a outras pessoas, essa forma como eu fui inserido, fosse pra outras pessoas, eu acho que surtia maior efeito. AV
 223 Hoje eu olho pro meu trabalho e é uma finalização, a conclusão do meu tratamento. AV
 224 Porque para sair de usuário, onde tu foi cuidado para ser cuidador, é um virtual de que tu está bem. AV
 225 Isso poderia ser feito com outras pessoas, essas pessoas poderiam ser aproveitadas. AV
 226 Não só nessa área de redução de danos, em empresas em comércios. AV
 227 Essas pessoas deveriam ser inseridas, porque senão volta tudo como antes. AV
 228 Hoje eu consigo dominar sim as coisas, mas foi o tratamento que fez essa diferença na minha vida. AV
 229 Hoje eu me sinto uma pessoa bem melhor mesmo. AV
 230 Melhor pra escutar, melhor pra entender o outro. AV
 231 Uma pessoa mais passiva, que antigamente eu era muito explosivo. AV
 232 Por nada eu explodia e gritava porque as pessoas tinham que escutar e saber da minha dor. AV
 233 E hoje não, eu cuido da minha dor, eu tengo potencial, eu tengo autonomia para cuidar da minha dor, pra se habilitar com ela. AV
 234 Porque o CAPS não vai te tirar droga, vai te ensinar como lidar com a situação. AV
 235 Cabe a você querer ou não. AV
 236 Mas tem que ter os incentivos, os suportes e principalmente pela Prefeitura, pelos órgãos competentes. RS
 237 Que essas são as pessoas que podem abrir essas portas para essas pessoas e melhorar a comunidade. RS

238 Chegou uma época, quando eu estava no grupo, que eu só pensava em morrer. OR
 239 Só pensava em morrer porque eu passava o dia jurando que não iria usar a droga, e quando chegava sete horas da noite eu usava. AV
 240 E todas as expectativas de melhora iam embora, adoecido. AV
 241 Porque eu sentia uma dor de cabeça muito forte, todas as vezes quando eu fazia o uso. AV
 242 E tinha que tomar de imediato analgésico porque eu não aguentava a dor de cabeça que eu ficava e a ressaca moral no outro dia. AV

- 243 E isso destrói o homem. AV
- 244 Chega certa hora que você diz que a morte seria um alívio pra tanto sofrimento. AV
- 245 Ai então o que eu vejo com isso, eu consigo falar isso, mas tem tantos por ai que não conseguem, que é visto como marginal, como desinteressado, como safado. AV
- 246 Mas que na verdade é um sofrimento. AV
- 247 É um sofrimento muito grande, de você não ter força para dizer não a você mesmo. AV
- 248 Dizer assim: - Não, eu não vou usar, eu não quero usar e estou fora! AV
- 249 E a realidade não é, a realidade não é esta. AV
- 250 É que você é fraco para as drogas, é que você não é nada perante as drogas. AV
- 251 Mas quem está do outro lado não consegue ver isso, a não ser os profissionais. AV
- 252 Mas família não consegue ver, a sociedade não consegue ver que aquele indivíduo que eles chamam de noiado é um sofredor. AV
- 253 É um sofredor. AV
- 254 Talvez o mais atingido dessa situação. AV
- 255 Que muitas vezes você vê dizer assim: - Não, eu já não aguento mais meu filho, porque eu não tenho uma televisão, não tenho um rádio dentro de casa porque meu filho roubou. AV
- 256 Mas será que o sofrimento daquela pessoa também não esteja sendo maior do que aquela mãe que perdeu o rádio? AV
- 257 Porque ele está perdendo a moral, ele está perdendo o respeito, ele não está conseguindo ficar longe das drogas. AV
- 258 Não está conseguindo. AV
- 259 Então eu acho que a dificuldade maior é essa, a do não conseguir. AV
- 260 O que pode ser feito para que essa pessoa consiga? AV
- 261 Só o CAPS? AV
- 262 O que pode ser mais feito por esse indivíduo? AV
- 263 O que pode ser oferecido mais a este indivíduo para que para que ele recupere a qualidade de vida dele? AV
- 264 Viver numa comunidade onde não tem uma expectativa de melhoria de vida fica difícil, fica muito difícil mesmo. RS

- 265 Muitas vezes esse usuário não tem nem família. RE
- 266 Como eu acompanho lá em Fantasia um garoto de onze anos, que a mãe abandonou a casa, que o pai está num presídio, que a família não quer porque ele já faz uso de maconha. OR
- 267 Que já passou pela rede, já foi internado, já foi pra abrigo e que nada disso funcionou. CO
- 268 E hoje está lá na rua. CO
- 269 Que eu mesmo acionei o conselho tutelar e que não adiantou. CO
- 270 E esta lá um jovem de dez, onze anos num antro onde o tráfico impera. AV
- 271 O que será desse jovem mais tarde? AV
- 272 O que será desse jovem mais tarde? AV
- 273 Então não é só a droga, é toda a estrutura por trás disso, toda uma estrutura. AV
- 274 Eu acho que deveria cuidar mais da família e a pra que dai depois cuidar da droga. AV
- 275 Porque às vezes a droga é uma coisa tão pequena no meio de tantas coisas maiores por trás. AV
- 276 A gente tem que ver a situação do sujeito, se ele está estudando, se ele está trabalhando, se ele está feliz com o que ele está fazendo. AV
- 277 E isso também conta muito na recuperação. AV
- 278 Na recuperação e na prevenção. AV

- 279 Porque se aquele menino que sai da casa e vai pra escola, chega à escola e se sente em casa, se sente acolhido, se sente bem, então não tem porque fugir da escola. AV
- 280 Se ele chega em casa se a família está de bem, se o pai está bem, se a mãe está bem, aquela criança vai estar bem. AV
- 281 Mas se aquela criança foge do colégio porque no colégio não tem o que ofertar a ele. AV
- 282 Ele foge do colégio e vai pra uma praça, usa, chega em casa e está a mãe espancada e pai bêbado. AV
- 283 O pai tá bêbado porque não tem emprego AV
- 284 A mãe está espancada porque o pai já vem sofrendo pela falta de emprego, já está saturado e desconta na pobre da mãe. AV
- 285 A mãe por sua vez não dá a atenção a criança e aquela criança vai pra rua. AV
- 286 No meio dos “amigos” que vão lhe proporcionar prazer pelo uso de drogas, especificamente o crack. AV
- 287 Quando eu era jovem as pessoas diziam assim: - Olha, tu não vai usar maconha, porque a maconha tu fuma um, no outro dia tu quer dois e depois quer três. CO
- 288 E isso era mito, isso era irreal. AV
- 289 Hoje isso é real com o crack, que a criança vai achar que vai fumar um e amanhã vai parar. AV
- 290 Amanhã ele quer parar e não consegue. AV
- 291 No terceiro dia ele já não quer nem parar, porque está sendo prazeroso pra ele. AV
- 292 Então são essas coisas assim, que complicam a situação sabe? AV
- 293 Eu acho que a família devia ser mais valorizada, desde a escola até a aposentadoria do pai. RS
- 294 Eu acho que isso assim, ajudaria muito a tirar as pessoas da droga e evitar que as pessoas entrassem. RS